

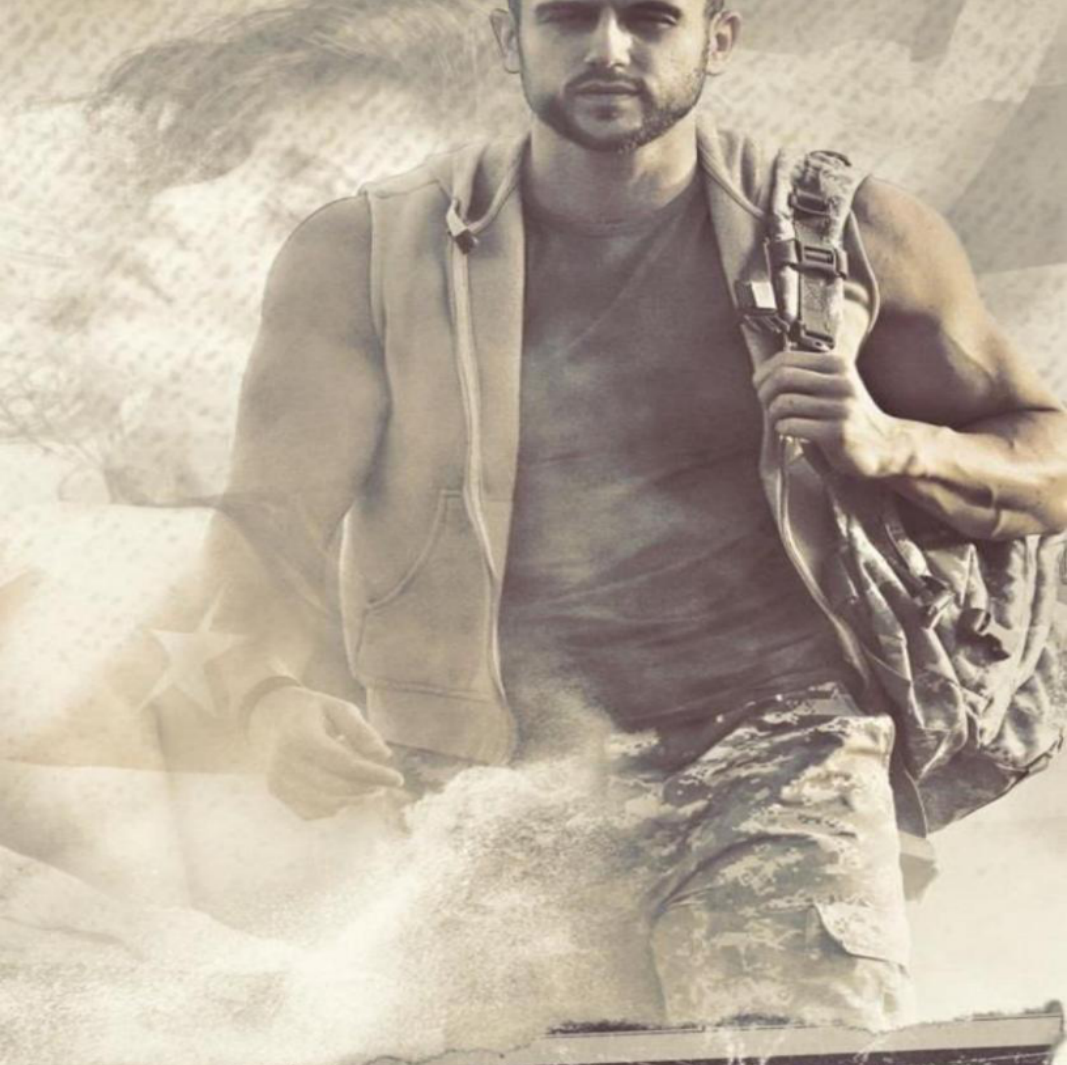


BATTLE SCARS

JANE HARVEY-BERRICK

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



BATTLE SCARS

JANE HARVEY-BERRICK



BATTLE SCARS

JANE HARVEY-BERRICK



Jane Harvey-Berrick

Battle Scars

Livro Único

Tradução Mecânica: Bia Z.

Revisão Inicial: Sil

Revisão Final: Dani

Leitura: Bia B.

Data: 12/2017

Sinopse

Das planícies empoeiradas do Afeganistão para os corredores lustrosos do New York Times, a jornalista MJ Buckman busca a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade. O que ela não esperava encontrar era um homem que é completamente seu oposto... e se encaixa perfeitamente.

O Sargento Jackson Connor da Marinha sabe que relacionamentos não funcionam para os homens das forças armadas.

Ele é uma prova viva disso. Mas quando uma mulher tentadora de olhos de aço em um colete à prova de balas, que coloca sua causa moral à frente dela mesma, cruza seu caminho, ele fica furioso, curioso e com todo tipo de desejo.

Uma história de amor adulta sobre duas pessoas que não estão à procura de amor, mas percebem o quanto é precioso quando o encontram. Eles não jogam e não há incompreensões estúpidas, apenas a vida em seu caminho.

Eles podem se comprometer? E como se parece um relacionamento moderno entre duas pessoas impulsionadas?

Designação versus implantação.

Eles estão sempre viajando em direções diferentes. Qual relação pode sobreviver a isso?

Capítulo Um

Um mau começo

2016

Duas horas mais tarde e minhas mãos ainda estavam tremendo.

Eu estava sentada na cafeteria, os dedos pressionados contra uma xícara de café que agora estava morna. Eu ainda podia cheirar o fraco aroma de sabão e suor, enquanto as mãos do homem apertavam minha cintura e me puxavam para ele, o grito de morte saindo da minha garganta.

Outro estremecimento percorre meu corpo. *Se ele não estivesse lá... o outro homem...*

Meu cérebro se recusa a considerar o que poderia ter acontecido a seguir. Ele estava lá e eu estava grata por isso. Eu estava no lugar errado na hora errada. Ele não.

Trabalhar como correspondente estrangeira não era tão glamoroso quanto parecia. Passei o meu tempo em climas severos, tentando conversar com pessoas que estavam muito assustadas para que suas palavras fossem relatadas, intimidadas demais para tirar fotos.

Era um trabalho importante — eu achava importante. Meus amigos não concordavam, mas eles estavam preocupados comigo. E

depois de tudo o que aconteceu hoje, pareciam ter razão em se preocupar.

Não pude evitar reproduzir os acontecimentos da tarde na minha mente.

O meu guia e intérprete, Omar, tinha me levado para uma pequena casa em Mudbrick nos arredores da aldeia de aparência cansada de Washir, presa na terra devastada pela guerra na província de Helmand, Afeganistão.

Tínhamos sido cuidadosos. Omar tinha pegado emprestado um carro velho e todo batido de um de seus numerosos primos em vez de se arriscar a ser visto no Jeep americano moderno que eu tinha acesso.

Então eu estava coberta da cabeça aos pés com uma *burca* azul, aparentemente indistinguível de qualquer outra mulher afegã, então eu não sabia como tínhamos sido descobertos.

Dez minutos de entrevista com Anoosheh e sua família, e houve um estrondo contra a porta, em seguida, vidros no chão quando uma pedra enorme foi arremessada pela janela. Uma multidão irritada estava se reunindo, e eles estavam ameaçando me arrastar para fora. Omar não me disse o que mais eles estavam planejando fazer comigo.

Eu poderia adivinhar. Uma mulher traidora indesejada. Minhas chances eram sombrias e eu estava aterrorizada.

Sem rota de escape, sem uma porta de saída de emergência e sem um plano, meus dedos tremiam impotentes enquanto usei meu telefone via satélite para chamar o número de emergência que eu havia recebido ao chegar no Camp Leatherneck, a antiga base USMC onde eu estava vivendo semana passada.

Atualmente, era dirigido pelo exército afegão, mas uma pequena parte do USMC ainda estava sediada fazendo papel de apoio e treinamento.

Graças a Deus eles ainda estavam aqui. A ajuda estava a caminho, mas o barulho fora começou a crescer, cada vez pior e mais janelas foram estilhaçadas. Eu me encolhi no fundo da sala com os outros membros da família assustada, enquanto o pai de Omar e Anoosheh empilhavam móveis contra a porta, seus olhos estavam arregalados e todos estavam entrando em pânico.

De repente, ouvi tiros, os sons distintivos de uma arma semiautomática disparando. Eu pensei que fosse morrer, e rezei pela primeira vez em um longo tempo.

A porta explodiu para dentro e uma das crianças gritou. Então eu vi a visão mais bonita do mundo: Fuzileiros Navais dos EUA, armados e mortíferos.

O líder me agarrou pela mão, gritando algo que eu não pude ouvir acima do tiroteio, clamor e barulho. Então ele passou o braço em torno da minha cintura e me puxou para a porta, seus homens limpando o caminho para nós chegarmos ao Jeep que nos esperava.

Anoosheh e sua família seguiram rapidamente, e nós fugimos em uma nuvem de poeira amarela enquanto a multidão furiosa atirava pedras em nós.

Omar insistiu que nós deixássemos ele e sua família, que eu estava entrevistando, na casa de seu tio. Eu tirei minha carteira e dei-lhe cada dólar que eu tinha. Não era muito, mas talvez os ajudasse a fugir de Helmand. Eu espero.

Os fuzileiros me ignoraram fisicamente quando voltamos para Camp Leatherneck. Eles verificaram que eu não estava ferida, mas eles não tinham nada para me dizer. Eu podia sentir a aversão de cada um.

Uma vez que estava segura no complexo, fui informada pela minha ligação do capitão Luis Fernando. Ele me ofereceu uma consulta com o conselheiro da Base. Eu só queria tomar um banho quente e lavar o medo e a sujeira do dia.

Quando finalmente me senti limpa, e me forcei ir para a cafeteria, meu estômago estava muito revirado para que eu me arriscasse a comer. Felizmente, o café parecia bom. Tudo bem, tinha gosto de merda, mas o café ajudou. Era uma coisa normal, comum, nada assustador aqui.

Até que um grande e muito irritado Fuzileiro veio marchando para mim.

— Você não pertence a esse lugar, senhora. — ele grunhiu, parando ao lado da minha mesa, suas mãos largas e bronzeadas descansando em quadris magros.

— Pois não?

— Você quase se matou hoje. Eu tive que arriscar os meus homens para resgatar sua bunda. Você arriscou vidas: a sua, a nossa, e da família afegã. Para quê? Outra maldita história sobre o quanto os EUA foderam o Afeganistão!

— Eu não! Isso não é o que...

— Eu não terminei! — Ele falou, e não pude evitar me encolher da sua raiva tão óbvia, do poder encrustado dentro de seu corpo musculoso.

— Nós deveríamos ganhar a confiança, corações e mentes aqui fora, mas sua insistência estúpida nos atrasou semanas, talvez meses.

Você não pertence a esse lugar. Vá para casa e deixe o trabalho de verdade para nós.

Minha boca se abriu, movendo-se inutilmente enquanto tentava responder.

Ele sacudiu a cabeça com desgosto, seus olhos azuis e sombrios queimavam de raiva.

Minha própria fúria se acendeu ao ver suas costas largas e arrogante elevação de sua cabeça enquanto ele se afastava de mim.

Eu gritei alto.

— Você tem irmãs, sargento?

Ele parou e se virou lentamente, seus olhos se estreitando quando ele decidiu responder a minha pergunta. Sua eventual resposta foi rancorosa.

— Eu tenho uma irmã mais nova.

— Isso é bom. — eu disse sem rodeios, meus olhos subindo e descendo seu corpo alto. Imaginei que ele tivesse vinte e poucos anos, então uma irmã mais nova teria... o que ... perto dos vinte? — Qual é o nome dela?

— Por que você quer saber?

— Apenas interessada.

Eu podia vê-lo examinando minha pergunta, procurando por áreas de perigo, qualquer maneira em que a resposta mostraria fraqueza, qualquer coisa que pudesse ser torcida e usada contra ele.

Ele lambeu os lábios, depois respondeu.

— Lucy.

— Esse é um nome bonito. Lucy foi para o ensino médio?

— Claro que sim. — ele zombou. — Ela está na faculdade agora e...

Suas palavras cortaram quando percebeu que ele estava perto de conversar.

— Isso é bom. — eu disse novamente. — Bom para ela. A garota que fui entrevistar hoje tem catorze anos. O nome dela é Anoosheh, que

significa sorte. Ela gostaria de ser médica, mas isso não vai acontecer.

Eu sei que você não vai me perguntar o porquê, então eu vou simplesmente lhe dizer. Sua família foi convidada a levá-la para fora da escola ou ela será morta. Por querer uma educação. E não é só ela — o mesmo acontece em todo o Afeganistão.

Eu vi um músculo da sua mandíbula estalar enquanto ele fechava a boca.

— Escolas para meninas foram queimadas e os professores que educavam meninas foram ameaçados ou mortos; As meninas foram atacadas caminhando para a escola e até na escola. Portanto, a educação não é segura para elas, é raro encontrar mulheres que tiveram estudo na idade certa.

— Anoosheh é uma exceção, era uma exceção. Sua escola foi queimada para que ela não a frequentasse mais. Oitenta e cinco por cento das mulheres afegãs são *analfabetas*.

O sargento franziu a testa, seus lábios cheios sumiam enquanto os pressionava juntos. Tinha sua atenção e eu estava feliz.

— Talvez você tenha lido sobre Malala Yousafzai, uma jovem paquistanesa? Em 2012, quando tinha apenas quinze anos de idade, ela foi baleada na cabeça por homens talibãs armados porque exigiu o direito das meninas serem educadas. Ou talvez você tenha lido sobre as 276 meninas que foram sequestradas de sua escola na Nigéria por Boko Haram, o crime delas foi frequentar a escola. Muitas ainda estão desaparecidas. Isso parece familiar, sargento?

Ele assentiu com a cabeça, com uma leve inclinação de seu queixo.

— Bem, é por isso que faço o que faço, porque acredito que nós, no Ocidente, precisamos ler essas histórias. Precisamos continuar lutando pelo que é certo porque, de outra forma, deixamos que a escuridão ganhe. É por isso que estou aqui. E é por isso que vou continuar a fazer o meu trabalho.

— Tudo bem. — ele disse, seus olhos azuis escuros brilhando na iluminação fraca. — Você faz o seu trabalho, você vai salvar o mundo.

Enquanto isso, os pobres patetas como eu têm que salvá-la de você mesmo!

— O que isso deveria significar? — eu ri.

— Você vem aqui, para uma fodida zona de guerra, e pensa que ser uma simpatizante de causas humanitárias vai salvar você? Bem, não vai. Pessoas como eu, pessoas com armas vão salvar você. Você é ingênua e mal preparada, mas você acha que tem o direito...

— Eu não sou mal preparada! — Eu avisei. Eu certamente não sou obrigada a ouvir esse idiota me dizer que eu não conheço meu trabalho. — Eu faço minha pesquisa, Sargento, assim como você.

Era verdade: eu li tudo o que pude encontrar sobre Helmand, como me comportar corretamente na Província, costumes locais, até mesmo algumas palavras do Alcorão para usar em caso de emergência.

Embora eu tivesse que admitir que nenhuma dessas preparações me ajudaram hoje.

— Assim como eu. — ele imitou, com um sorriso feio em seu rosto bonito. — Assim, com toda essa pesquisa, com toda essa preparação, como você acha que eles encontraram você hoje? Você acha que foi apenas um acidente que uma multidão estivesse fora da casa onde você estava conduzindo uma entrevista, e todas aquelas pessoas tinham a intenção de arrastar você para fora e a apedrejar até a morte?

Provavelmente estuprando você primeiro.

Me senti fraca quando cada gota de sangue correu da minha cabeça, deixando meu corpo frio e chocado. Por um momento, o sargento idiota parecia mortificado, mas a expressão tempestuosa retornou.

— Eu não sabia. — eu sussurrei.

Quando falou novamente, sua voz ainda era severa.

— Seu calçado. — disse ele. — No Afeganistão, as mulheres não usam meias brancas e tênis brancos: sua pesquisa deveria ter dito a você que esse tipo de sapato está proibido, porque a bandeira afegã contém branco, de modo que vestir sapatos brancos significaria caminhar em cima dela. — Sua voz era ácida quando ele zombou de mim. — Você foi vista. Tanto para a sua preparação. Você deveria se manter no Bronx, seria mais seguro.

Quando ele se afastou desta vez, não o parei.

Sentei ofegante por mais de uma hora, alternando entre a fúria com a maneira como ele tinha falado comigo, o choque com o quão perto eu estive de morrer hoje, e o perigo que eu me coloquei junto com

a família de Omar e Anoosheh. E então a vergonhosa percepção de que eu nem tinha agradecido ao sargento idiota.

Ele estava certo: ele e seus homens colocaram suas vidas na linha de fogo por mim.

Eu me senti pequena e envergonhada.

Deixei o café com leite frio de lado e fui falar com o capitão Fernando de novo.

Ele parecia irritado quando ele me viu de pé em sua porta pela segunda vez naquele dia.

— Sim, senhorita Buckman, o que posso fazer por você agora?

Havia uma ligeira ênfase na palavra 'agora', como se ele realmente quisesse dizer, 'por que você está me incomodando de novo?'

— Eu me pergunto se você poderia me falar os nomes dos homens que vieram em meu resgate hoje, capitão?

— Por que o interesse?

— Eu quero agradecer a eles. — eu disse simplesmente.

Ele pareceu surpreso.

— Algo mais?

— Bem, eu gostaria de comprar bebidas, mas vejo que o álcool é proibido aqui...

Ele sorriu.

— Você não precisa fazer isso, senhora. Vou passar seus agradecimentos aos homens em questão — e ele voltou para sua papelada.

— Eu me pergunto se eu poderia agradecer pessoalmente. —

pressionei gentilmente. — Só demoraria um momento — significaria muito para mim.

Ele suspirou, mas assentiu e se levantou.

— Desta forma, senhora, me acompanhe.

Atravessamos o acampamento, transpirando no calor implacável, apesar das longas sombras lançadas pelo pôr-do-sol. Ele me levou

além

de filas de veículos militares e prédios temporários, até chegarmos a uma longa barraca e ouvirmos o som das vozes masculinas.

— Ela certamente te pegou pelo rabo, Jack. — alguém riu. — Não que eu o culpe. Cara, essa pequena jornalista é uma visão maravilhosa para os olhos doloridos.

— Eu não me importo que ela seja quente pra caralho. — foi a resposta. — Aquela cadela estúpida arriscou sua vida...

— Cabana nota 10!

Um dos fuzileiros que se encontrava na entrada nos notou. O

capitão Fernando arriscou um rápido olhar na minha direção, então decidiu claramente que era melhor fingir que nenhum de nós tinha ouvido a última frase.

A única indicação era o rubor maçante vermelho sob as bochechas bronzeadas do belo idiota quando sua voz parou, as palavras

— cadela estúpida — morrendo em seus lábios.

Minhas próprias bochechas estavam igualmente vermelhas, não só por causa do que ele havia dito, mas porque ele estava de pé com as pernas nuas, uma camiseta pendurada numa mão, como se ele tivesse acabado de puxá-la por sua cabeça.

Sua pele era lisa e bronzada por longas horas ao sol. Eu podia ver os músculos do peito e do estômago, e os gomos do seu abdômen trincado com pelos castanhos claros que levavam para baixo, antes de eu puxar meus olhos para o queixo forte, barbeado implacavelmente, e aqueles olhos azuis inteligentes, e aquecidos.

— À vontade, homens. — disse Fernando, limpando a garganta.

— Eu acho que a maioria de vocês conhece nossa repórter. Senhorita Buckman, este é o sargento Jackson Connor, o homem que liderou a missão de hoje. Homens, senhorita Buckman tem algo que gostaria de dizer a todos vocês. — Então ele se virou para mim. — A palavra é sua, senhorita Buckman.

Olhei para cada um dos homens por sua vez. O mais velho não poderia ter mais de 30 anos; o mais novo, um adolescente que quase

não precisava se barbear. Mas todos tinham corpos duros e as expressões provocadoras de homens que tinham visto demais.

— Eu não tive a chance de agradecer antes. — eu disse, minha voz atravessando o longo dormitório de lona comprido. — Vocês sabem, todas as balas voando e a multidão irritada por sangue... — Houve um

murmúrio suave de risada, mas eu tive que fechar os olhos brevemente quando o sentimento de terror começou a arrastar minha garganta novamente. Engoli duas vezes antes de poder continuar. — Então, obrigada — a todos vocês — por salvar minha vida. — Meus olhos se fecharam no sargento Connor. — Quero dizer, sem vocês, eu não estaria aqui agora.

Não tenho certeza se eu imaginei isso, mas sua expressão dura pareceu diminuir ligeiramente.

— Estou voando para casa amanhã. — continuei. — Alguém me disse que o Bronx¹ é mais seguro do que Lashkar Gah... — Eu parei enquanto mais algumas risadas ecoavam pela sala e até o sargento Connor agitou um pequeno sorriso. — Mas a próxima vez que qualquer um de vocês estiver em Nova York, eu adoraria pagar uma bebida para vocês. Eu trabalho para o *New York Times*, um grande edifício na Oitava Avenida, por isso sou bastante fácil de encontrar.

Olhei para o capitão Fernando.

— É isso. — eu disse suavemente.

Quando saí da cabana, pude sentir os olhos azuis e escuros do sargento Connor queimando em minhas costas. Endireitei meus ombros enquanto caminhava. O bastardo me chamou de puta idiota; mas ele também salvou minha vida... e disse que eu era quente pra caralho.

Eu estava de volta a Nova York por três meses. Eu tentei várias vezes descobrir o que tinha acontecido com a família de Omar e Anoosheh, mas até agora nada. Eles desapareceram no caos de um país ainda em guerra, depois de mais de uma década de intervenção.

Continuei pensando o que o sargento Connor me disse: eu deixei as coisas mais difíceis ainda para as tropas lá fora? Eu tinha uma forte crença de tal forma que eu segurava a moral elevada, mas agora eu não tinha certeza. Eu certamente não tinha melhorado as coisas para Anoosheh, mas meus artigos sobre a situação da educação das

mulheres no Afeganistão e em outros lugares tinha gerado muita publicidade, e várias instituições de caridade tinha se beneficiado por receber doações substanciais vinda de várias partes. Então, talvez tenha valido a pena.

1 Um dos 5 distritos da cidade de Nova York.

Minhas reflexões foram interrompidas quando Allison, que trabalhava comigo, colocou a cabeça na porta.

— Ei, MJ, você tem um visitante esperando por você na recepção.

Eu fiz uma careta para ela.

— Não há ninguém agendado?

Além disso, era depois das seis na sexta-feira, e a maioria das pessoas já havia saído.

Ela encolheu os ombros, um olhar malicioso em seu rosto.

— Não, ninguém agendado, mas você vai querer dar tempo a esse, eu prometo.

— Bem, quem é?

Ela revirou os olhos.

— Você é a repórter — descubra!

Irritada, mas intrigada, subi o elevador até a recepção, examinando o lobby para encontrar o meu convidado misterioso.

Minha respiração pegou minha garganta quando vi o sargento Connor encostado na parede, os braços cruzados e a expressão divertida em seu rosto.

Ele não estava no uniforme e ele parecia muito mais relaxado do que eu tinha visto antes. Ele estava vestido com calças jeans gastas e uma camiseta lisa e cinzenta esticada sobre o seu peito e ombros. Me lembrava desse peito muito bem, especialmente porque tive vários sonhos eróticos.

As portas automáticas se abriram, trazendo uma rajada de ar em minha direção, juntamente com o fraco aroma de sabão e algo mais masculino.

Eu percebi que eu ainda estava o encarando, e os cantos de sua boca se ergueram em um sorriso.

— Sargento Connor! — eu engasguei. — Esta é uma surpresa.

Eu estendi a mão e ele a sacudiu.

Sua mão bronzeada era grande o suficiente para cobrir completamente a minha, e suas palmas eram ásperas. Seu aperto, no entanto, foi surpreendentemente gentil.

— Jackson. — disse ele. — Meus amigos me chamam Jack.

— Os meus me chamam de MJ. Então, o que você está fazendo aqui? Eu posso te ajudar com alguma coisa?

— Beeemm. — ele disse, um tom lento na voz dele: — Eu conheci uma jornalista no Afeganistão que disse que me compraria uma bebida se eu estivesse em Manhattan. Então aqui estou.

Eu pisquei rapidamente.

— Oh, tudo bem! Claro! — Minha risada estava um pouco nervosa. — Eu definitivamente te devo uma bebida. Afinal, você me forneceu valiosos conselhos sobre meus sapatos e, você sabe, salvou minha vida.

Ele sorriu pela primeira vez desde que o conheci.

— Ainda sobre conselhos do calçado? Você engoliu um dicionário, Sra. Jornalista?

— Você se formou na escola de charme, Sr. Fuzileiro?

Ele riu alto e várias pessoas se viraram para nos olhar, embora fosse possível que todas as mulheres ainda no prédio já estivessem olhando.

— Então, que tal bebida? — Ele perguntou de novo, seus olhos se desviando rapidamente, mas não tão rápido que não o peguei fazendo isso.

— Você costuma se aproveitar da oferta de cadelas que pagam uma bebida? — Eu perguntei, minha voz sem graça.

Ele estremeceu e pareceu desconfortável por um segundo.

— Eu gostaria de me desculpar por dizer isso...

Eu o interrompi rapidamente.

— Bem, eu *fui* estúpida. Eu cometi um erro muito ruim de julgamento, e se não fosse por você e seus homens...

Minha voz se apagou e um tremor me percorreu enquanto as memórias faziam meu estômago se revirar.

— Eu ainda sinto muito. — ele disse suavemente, depois tocou no meu braço, um toque leve e fugaz.

Suas sobrancelhas levantaram quando nós sentimos o choque de algo como eletricidade, um arco de conexão entre nós. Eu lambi os lábios e arrisquei olhar nos olhos dele. Seu olhar era tão intenso, eu tive que me afastar rapidamente.

— Mas eu sou uma cadela para ex-namorados. — eu disse, tentando aliviar o humor.

Ele sorriu de novo, seus olhos enrugando os cantos de seu rosto profundamente bronzeado.

— Anotado. Acho que vou correr o risco.

Eu sorri quando ele estendeu a mão para mim.

Podemos ter começado muito mal, mas agora parecia um começo muito promissor.

Capítulo Dois

Uma estrada rochosa

— Então, aonde você quer ir? — Perguntei.

Jackson sorriu e balançou a cabeça.

— Eu sou apenas um menino do interior perdido na cidade grande. Eu poderia ser aproveitado. Estou contando com você para me manter seguro, Sra. Jornalista.

— Hmm, eu posso ver isso. Um inocente na cidade grande e má.

— Bem, eu não diria *inocente* exatamente. — ele demorou, seus olhos

brilhando.

Não, não havia nada inocente sobre Jackson Connor.

— Não se preocupe. — eu disse, acariciando seu braço. — Eu protegerei você. Você está na minha área agora.

Seus olhos brilharam com diversão e eu podia vê-lo segurando um sorriso. Ele era tão diferente do Fuzileiro irritado e intenso que conheci no Afeganistão.

Ele caminhava com graça, um andar de pernas longas, confiante em seu corpo, possuindo o espaço ao seu redor. Eu tinha visto sua calma e competência em uma emergência de primeira mão. Esta era uma versão restrita, uma certeza de que ele poderia enfrentar qualquer coisa.

Mas enquanto caminhávamos pela rua, peguei várias dicas não verbais que provavelmente preferiria não ter notado. Eu tinha passado bastante tempo com militares e eu reconhecia os sinais.

Seus olhos vagavam constantemente, mesmo que ele mantivesse uma conversa alegre. Eu o vi avaliando rapidamente todos que passavam por nós, estimando automaticamente o potencial nível de ameaça. Ninguém foi excluído: compradores, trabalhadores de escritório, mães com carrinhos de bebês, até uma senhora idosa foi analisada antes de ser eliminada de sua triagem automática de

ameaças. Ele olhou para cima com frequência, verificando o horizonte por atiradores, imaginei. Um vendedor de rua o fez franzir a testa, e sua mão direita se contraiu, como se estivesse procurando uma arma que não existia.

Ele foi amigável, mas ele estava alerta, não verdadeiramente relaxado até que entramos no *Walter's Bar*, um pequeno ponto de encontro, discreto que eu gostava de ir. Tinha uma placa de dardo onde jogava com colegas de trabalho, por vezes, e ESPN sempre estava nas telas planas ao redor do ambiente.

Era o início da noite e o bar estava ocupado com pessoas aproveitando o happy hour, então eu guiei o caminho para o meu local favorito oposto à barra em forma de ferradura e mergulhei no assento de couro. Oferecia um pouco mais de privacidade do que as mesas no centro.

Jackson tomou uma posição em que ele podia ver todos os que

entravam no bar, e então, aparentemente satisfeitos com nossos assentos, pegamos o menu.

— O que é bom?

— Pizza de pepperoni ou asas de frango fritas. — respondi imediatamente.

Walter's tinha um menu pequeno que servia alimentos básicos de bar, mas eu gostava porque era amigável e despretenso, não porque a comida era exatamente ótima.

Jackson lambeu os lábios e um pequeno arrepio de antecipação correu por ele.

— Cara, eu não posso te contar o número de vezes que sonhei com asas de frango enquanto eu estava no acampamento. — ele murmurou.

— Por minha conta. — lembrei ele.

— Isso não foi parte do acordo.

— Posso comprar uma pizza de US\$ 8. — sorri. — Não é exatamente o que vale por salvar a vida de alguém, mas é um começo.

— Ah é?

— Inferno, vou até deixar você pegar um lado das batatas fritas, se quiser. — eu girei para ele.

Ele assentiu ansiosamente.

— E uma cerveja trincando? — Sugerir, sabendo o quanto os caras que estavam no Afeganistão desejavam uma cerveja gelada e cristalina em cada um dos dias quentes, empoeirados e escaldantes.

Ele gemeu, uma expressão de anseio sobre o rosto que eu tomei como — Sim.

Fiz nosso pedido e nos sentamos na nossa cabine.

Jackson brincou com um guardanapo de papel, destroçando distraidamente, com uma careta no rosto enquanto seus olhos controlavam a entrada pela terceira vez em cinco minutos.

— Relaxe, sargento. — eu disse, sorrindo para suavizar minhas

palavras. — Não há insurgentes aqui.

Seu queixo se empurrou quando seus olhos se estreitaram com irritação, mas então ele respirou fundo e eu vi o conjunto de seus ombros se afrouxar.

— Perigo profissional. — ele assentiu com um sorriso irônico. —

Eu só estou aqui há quatro semanas e longe da base por dois dias — não é o suficiente para esquecer tudo. — E então ele murmurou suavemente. — Se é que alguma vez vou desligar...

Eu sorri de forma tranquilizadora. Eu sabia que ele não podia se desligar mais do que poderia por ser um fuzileiro naval, mas talvez eu pudesse ajudá-lo a relaxar um pouco mais. Eu entendia como ele sentia. Uma vez que você vivencia algo com risco de vida, você fica mais atento, você não pode evitar. Você está sempre em alerta, mesmo que seja inconsciente.

— Entendo. Senti como se estivesse na maior montanha-russa nas duas primeiras semanas que eu fiquei em casa. Toda vez que ouvia um barulho alto, eu pulava. Estou melhor agora. Embora às vezes... —

Eu encolho os ombros.

Ele assentiu com compreensão e talvez um pouco de alívio.

— Mas se você estiver interessado, há outra saída na parte de trás, embora Walter seja um pouco exigente sobre quem ele deixa percorrer sua cozinha.

Jackson sorriu.

— Parece que você fez algumas operações secretas aqui.

— Algo assim. — sorri, feliz por vê-lo começar a relaxar. — As competições de dardos podem ficar bastante intensas.

Ele riu baixinho, mas depois voltou a destruir o guardanapo e um silêncio incômodo começou a se assentar. Assim que o incômodo aumentou, ele olhou para cima.

— Você encontrou aquela garota? Aquele que você estava entrevistando?

— Anoosheh. — Eu suspirei. — Não, eu não encontrei. Ouvi um vago

rumor de que sua família chegou ao Paquistão, mas... é apenas um boato. Ainda tenho esperança... ou talvez eu deva dizer que ainda estou esperando...

Ele assentiu com a cabeça.

Eu deixei meu treinamento de jornalista entrar em ação, eu estava acostumada a conversar sobre as pessoas, era parte do trabalho.

— Então, — comecei. — de qual parte do sul vem esse caipira?

— Gulfport, Mississippi.

— Oh meu Deus! Não me diga que seus pais te deram esse nome depois de Jackson, Mississippi!

Ele deu uma risada baixa.

— Não Senhora. Meu avô do lado da minha mãe. Mas não posso dizer com certeza de onde veio o nome. E você? De onde você vem?

— Eu sou de Filadélfia.

— Tem um bom time de futebol.

— Você acompanha os Eagles?

Sua expressão endureceu enquanto ele engoliu em seco e olhou para baixo.

— Meu amigo acompanhava.

Não escapou que ele usou o verbo no passado.

Por sorte, a comida chegou e Jackson cheirou sua refeição apenas com um olhar em minha direção, embora seus gemidos enquanto comia suas asas de frango lembravam gemidos pornográficos.

— Com fome? — eu perguntei, levantando uma sobrancelha enquanto mordida uma batata frita.

Suas bochechas ficaram vermelhas com um leve rubor e ele olhou timidamente.

— Eu apenas estou provocando você, Jack. Mas eu prometo, ninguém vai tentar tirar essas asas de você.

Ele murmurou algo em voz baixa e eu assisti com fascínio enquanto as pontas de suas orelhas ficaram coradas. Mas então ele se recostou no assento e me fixou com um olhar divertido.

— Então, salvei sua vida, isso significa que tenho direito a sobremesa, também?

— Uau, você está brincando com sua sorte agora, sargento. Hmm, deixe-me pensar sobre isso. Sim, salvar uma vida definitivamente merece um sorvete.

— Huh, está certo? Eu estava pensando mais em waffles com banana, brownies, cobertura quente e sorvete de chocolate.

— Bem, você está sem sorte, porque *Walter's* tem sorvete de baunilha, chocolate ou morango.

— Droga! Eu estava realmente desejando uma calda quente.

— Ah, Jack Connor! Estou percebendo que alguém aqui é bem guloso!

— Eu com certeza gosto de açúcar. — ele sorriu de volta para mim.

E então lambeu os lábios. Aqueles lábios cheios, rosados e sensuais.

O homem era uma provocação descarada.

E uma tentação.

Mas ele estava na cidade apenas para uma breve visita, e quente como ele era, eu não era mulher de uma noite. Não há apenas alguns anos. Eu não fui feita pra isso. Não importa se eu só dormisse com um cara uma vez, meu coração parecia sempre se envolver. Embora algo me tenha dito que abrir uma exceção para Jackson seria uma memória que valeria a pena ter. Mas ainda assim ...

— Quais são seus planos enquanto você está na cidade? —

perguntei, mudando de assunto.

Ele terminou a última das suas asas, limpando a boca no guardanapo enquanto mastigava pensativo.

— Eu tenho um amigo em Scranton que vou ver. Mas nada além disso... — ele deu de ombros casualmente. — Acho que vou dar uma olhada na Big Apple, ver a loucura, ouvir todo o barulho.

— Você nunca esteve aqui antes?

— Não. — ele disse. — Como eu disse, sou um garoto do interior.

— Bem, tenho certeza de que seu amigo realmente apreciará a visita.

Sua expressão era difícil de ler enquanto ele assentia.

Em vez de tentar descobrir o que significava, eu assisti quando o garçom trouxe o seu sorvete de chocolate, sorrindo com fascinação enquanto quatro bolas de sorvete desapareceram rápido. Eu podia sentir as calorias empilhadas nas minhas coxas apenas de olhar para ele. Eu juro que algumas calorias são transportadas pelo ar, como um vírus.

Quando o prato estava limpo, pedimos café. Peguei o meu com açúcar; Jackson não se incomodou com isso. Honestamente, ele já havia comido açúcar demais, fiquei aliviada por ele não ter caído em um coma diabético. Mesmo que ele não estivesse vivendo em combate todo o tempo que esteve no exterior, o homem obviamente sentia falta de comida de boteco.

Conversar com Jackson foi fácil uma vez que ele relaxou, mas comecei a perceber que não tínhamos quase nada em comum. Ele gostava de música country e eu gostava de algo com uma batida latina; Ele gostava de filmes de ação e eu gostava de filmes europeus esquisitos e emocionantes; Eu consegui meu mestrado em Jornalismo e ele se formou no ensino médio aos 18 anos, então se juntou aos fuzileiros navais; Eu vivi em Nova York toda a minha vida e esta era a sua primeira visita, mas ele não ficou tão empolgado até agora.

E ainda... e ainda ... Havia uma atração, um algo mais em seus olhos que dizia que ele achava nossas diferenças intrigantes, talvez um convite ou um desafio. Eu não era idiota em pensar que sua visita era simplesmente para aceitar à minha oferta para comprar uma bebida... e ainda ...

Eu não poderia mexer com isso.

Ele era atraente, ninguém que enxergasse poderia negar isso. Mas havia uma autossuficiência, um silêncio dominante que me atraía. Ele se moveu sem esforço no seu espaço, um homem tranquilo com ele mesmo, um homem que sabia que havia conseguido coisas além da compreensão da maioria das pessoas. Não era arrogância, mas simplesmente confiança em suas habilidades e em seu lugar no mundo.

E ele me fez rir.

Quem teria pensado que o Fuzileiro intenso e agressivo que conheci em circunstâncias tão difíceis poderia contar piadas, provocar e flertar?

Foi o jantar mais divertido que eu tive desde sempre.

Tivemos uma espécie de entrave sobre a conta, mas eu o enganei pagando quando fui ao banheiro. Jackson não reagiu bem e pensou durante pelo menos 30 segundos.

— Bem, eu suponho que é melhor eu me arrumar. Um de nós tem que se levantar para o trabalho amanhã. — eu disse finalmente. —

Obrigada pela noite muito divertida. Fico feliz que você tenha vindo.

— Então eu comi as melhores asas de frango em nove meses. E a companhia não estava nada mal. — ele provocou.

— Poxa, sargento Connor! Você corre o risco de me pagar um elogio.

Ele riu levemente.

— Ah é? Bem, meu avô sempre me disse para tratar uma garota bonita como uma dama. E ele poderia muito bem chutar minha bunda por deixar você pagar. Mas eu posso dizer, já que ultimamente esqueci de meus costumes com qualquer tipo de mulher.

— *Qualquer tipo de mulher?* — Eu levantei minhas sobrancelhas.

— E agora você corre o risco de me fazer flutuar com toda essa conversinha doce.

— Ah, você não é apenas qualquer tipo de mulher. — ele sorriu para mim. Então ele se inclinou para mais perto. — Na verdade, eu diria que você é bem agradável de se olhar.

— Muito obrigada. — eu ri. — Deixe-me saber quando você tirou seus óculos e esqueceu no deserto.

— Por que, MJ? Tem que aceitar elogios, menina!

Eu revirei os olhos.

— Se eu aceitasse, seria fácil.

Ele riu feliz.

— Será que talvez tenha um tempo na agenda da menina da cidade para acompanhar esse caipira no almoço amanhã?

— Boa jogada, Jack! Você está tentando se dar bem! Você se transformou em Garth Brooks 2por um prato de asas de frango?

— Isso é um sim? — Ele perguntou, seus olhos enrugando novamente enquanto sorria com esperança.

Ah, sim, era definitivamente um sim. Mesmo quando meu coração sussurrou avisos, eu sabia que não havia nenhuma maneira de não ter outra refeição com Jackson Connor e a chance de passar mais tempo com ele.

— Eu pensei que você ia ver seu amigo em Scranton³.

— Ele ainda estará lá.

— Tudo bem, vou sacrificar mais algumas horas para mantê-lo seguro na cidade grande e má. — eu fingi suspirar.

— Nossa, obrigado, senhora!

Ele acenou com a cabeça e levantou-se, estendendo a mão para mim enquanto deslizei desajeitadamente do banco da cabine.

— Eu tenho que trabalhar por algumas horas amanhã de manhã.

— avisei. — Estou entrevistando alguém na Austrália e é o único dia que dá certo para eles. Isso é, noventa e duas horas, para você, e então eu quero escrever enquanto está fresco em minha mente. Isso levará algumas horas. Desculpe, eu vou trabalhar na manhã de sábado.

— Não se preocupe. — disse ele, encolhendo os ombros com facilidade. — Isso me dará uma chance de fazer algumas coisas turísticas primeiro. O que você recomendaria? Tudo o que eu tenho na minha lista agora é: jantar grátis — o que eu fiz — e ele me piscou, — e o memorial do World Trade Center.

2 É um cantor e compositor de música country dos Estados Unidos da América.

3 Scranton é uma cidade localizada no Estado americano de Pensilvânia, no Condado de Lackawanna.

Nós compartilhamos um momento enquanto nos olhamos.

Eu tinha 15 anos quando aconteceu. Estávamos no meio da aula de Álgebra. Um dos professores interrompeu para compartilhar as novidades. Não parecia real, não parecia possível. A escola entrou em alerta uma vez que a primeira torre foi atingida. E mesmo que estivéssemos a noventa milhas de distância, juro que poderíamos ver nuvens de fumaça negra no céu sobre a cidade.

Foi a razão que eu me tornei uma jornalista - sempre perguntar por que, denunciar, buscar, procurar, compreender.

Jackson também me disse que o 11 de setembro foi o motivo pelo qual ele se juntou aos fuzileiros navais. Ouvi dizer que muitos homens e mulheres dizem isso sobre os militares.

Assenti com a cabeça, oferecendo um sorriso solene.

— Bem, o Memorial do 11 de setembro leva algumas horas para passar e eles recomendam reservas, mas para amanhã de manhã, você pode querer fazer uma viagem ao Museu Ellis Island. O Museu do Holocausto — isso também é interessante. E quem não quer ver a Estátua da Liberdade? Então há sempre a possibilidade de ver o Central Park se você quiser sair. Eu não vejo você como um tipo de Barneys ou Saks. 4

— Você se diz uma repórter e você faz suposições assim? — ele riu. — Você ficaria surpresa se eu lhe dissesse que Bergdorf Goodman 5 está na minha lista de tarefas?

— Hmm, e isso não teria nada a ver com uma irmã que esteja estudando design de moda, não é?

Ele já me havia dito durante o jantar que sua irmã mais nova estava na escola em Ole Miss.

Ele levantou as mãos na rendição.

— Pode ser, — admitiu ele. — Nossa, você se lembra de tudo o que um cara lhe diz?

Eu toquei o lado da minha cabeça e dei um piscar de olhos para ele.

— Pronta para a guerra.

americana que vende as melhores marcas de sapato

Ele riu alto.

— Observe, Sra. Jornalista. Acho melhor você ter cuidado com a minha boca.

Oh Deus, eu adoraria sua boca para fazer isso e muito mais.

Sacodi esses pensamentos da minha cabeça.

— Eu vou ver você às 11 horas, Jack.

— Você certamente irá, MJ. — ele sorriu.

Estávamos prestes a deixar o pub quando as notícias surgiram.

Jackson virou-se para assistir, sua boca se pressionou enquanto o apresentador descrevia uma cena de carnificina. No Afeganistão.

— Na semana passada, a organização de ajuda Médecins Sans Frontières, conhecido aqui como os Médicos Sem Fronteiras, informou que 16 pessoas, incluindo nove do seu pessoal voluntário, foram mortos em um bombardeio durante a noite na cidade de Kunduz, no norte do Afeganistão.

— Três crianças estavam entre os mortos e hoje o general John Campbell, chefe das forças lideradas pelos Estados Unidos pediu desculpas, admitindo que, 'A greve pode ter resultado em danos colaterais para um centro médico nas proximidades, quando lançamos um ataque aéreo contra indivíduos que ameaçavam a *força de coalizão*'.

Jackson xingou em voz baixa, raiva e frustração em seu rosto.

Não há nada de bonito em relação à guerra. Nós dois sabíamos que os erros aconteciam, e era sombrio e caótico. Uma das frases mais feias era — danos colaterais — porque era uma maneira higienizada de dizer que alguém havia morrido sem motivo. As pessoas morreram porque estavam no lugar errado na hora errada: civis, militares, velhos e jovens. Os jornalistas também não eram imunes ao perigo — como eu sabia muito bem.

Jackson já se virou para sair quando um cara de pé ao meu lado balançou a cabeça na TV e disse alto: — Fodidos militares mercenários.

Eles devem pegar alguns caras com cérebros de minhoca por aí, que são tão sem preparo que não sabem nem distinguir situação de perigo, esses infelizes não sabem o que diabos eles estão fazendo. Desperdício de dólares dos contribuintes.

Jackson congelou. Tentei fazer com que ele continuasse se movendo, embora não desse para desprezar o que o homem tinha falado, mas era útil como tentar mover uma montanha.

Os olhos de Jack se endureceram quando ele se virou para encarar o cara.

— O que você disse?

O homem se virou, surpreso. Ele prestou atenção na postura de Jackson e em seus olhos furiosos, e recuou, se protegendo agora.

— Você ouviu. — ele disse, sua voz cautelosa. — Eles mataram médicos, pelo amor de Deus.

— Jack, vamos. — eu disse calmamente, puxando o braço novamente.

Eu vi a fúria correr por ele, e eu vi sua luta para se manter sob controle.

— Hora de ir. — eu insisti.

Ele respirou fundo, virando-se para me olhar, me ouvindo.

— Vamos. — eu disse, pegando sua mão na minha.

Ele seguiu lentamente, como se seus sapatos estivessem cheios de chumbo.

Do lado de fora, ele colocou as mãos nos quadris, olhando para cima, tentando vislumbrar o céu noturno entre todos os edifícios altos.

Ele respirou fundo e calmamente antes de falar novamente.

— Aquele cara... Essas pessoas não têm nenhuma ideia de como é lá fora. Eles realmente pensam que não nos importamos? Que os caras que fizeram a greve... aqueles que voaram os aviões malditos...

que eles não serão assombrados por isso pelo resto de suas vidas?

Médicos e crianças...

Assenti com a cabeça, observando-o cuidadosamente.

— Eu sei. Entendi. É por isso que faço o que faço, eu informo sobre os lugares que ninguém quer se preocupar. E às vezes eu pego minha bunda e coloco em situações perigosas e tenho que ser resgatada pela cavalaria. Eu já agradei por isso?

Sua expressão suavizou e ele sorriu pesarosamente.

— Deus, MJ, desculpe-me por isso lá — e ele empurrou o polegar para o pub atrás de nós. — É difícil ouvir uma merda assim às vezes, quando os caras ainda estão lá e meus amigos... — Ele fez uma pausa.

— Não é o melhor final de encontro, não é?

Eu pisquei várias vezes. Ele achava que isso era um encontro?

Suas palavras casuais jogaram um balde de água fria nos meus planos de continuarmos separados, quando minha cabeça se virou para um homem atraente, cuja bunda ficava fantástica em calças camufladas.

Se Jackson Connor, o homem que salvou minha vida, me procurou em Nova York — apesar de odiar cidades grandes — se um homem como esse quisesse chamar isso de um encontro, como diabos eu poderia me proteger contra o meu bom senso?

Eu tentei colocar algum juízo na minha cabeça.

— Oh, eu não sei. — eu disse tão casualmente quanto consegui.

— Um pouco de ação, uma situação potencialmente ameaçadora da vida — isso é perfeito para nós, você não acha? Todos os nossos encontros têm um pequeno drama.

— Você está chamando isso de encontro?

— Um encontro implica que haverá beijos envolvidos.

— Beijos?

— Está no estatuto.

— Eu acho que devo ter perdido esse memorando.

— Sim, você deve ter perdido.

— Eu aprendo rápido.

Seus olhos escureceram enquanto olhamos para o espaço vazio um para o outro, tentando ler o que isso significaria.

Ele se inclinou para mim, seus lábios eram suaves e tentadores no início. Mas quando eu não recuei, quando minhas mãos deslizaram em volta do pescoço e meu corpo pressionou contra o seu, o beijo de Jackson tornou-se mais urgente, mais desesperado.

Meus dedos emaranharam na fina corrente em volta do pescoço e eu percebi que ele estava usando sua placa de identificação militar sob sua camiseta.

Minha mente retrocedeu, lembrando vividamente a maneira como seu peito nu brilhava sob a iluminação fraca de uma barraca empoeirada em um país devastado pela guerra.

Que diabos eu estava fazendo?

Se eu me apaixonar por Jackson Connor, seria tão estúpido e tolo como dar meu coração para um velejador.

Que diabos eu estava fazendo?

Capítulo Três

Uma Nova Estrada

Eu me afastei de Jackson, sem fôlego e tonta, apenas vagamente consciente de que ainda estávamos de pé em uma rua lotada de Manhattan.

Meus pensamentos eram difusos e indistintos, e aqueles malditos sinos de advertência pareciam estar longe. Em vez disso, havia apenas um pensamento verdadeiramente claro correndo pelo meu cérebro: *Isso foi um beijo.*

Afastei meus cabelos dos olhos quando Jackson me observava de perto, sua própria respiração mais rápida agora.

— Você quer levar isso em frente, MJ? — ele perguntou, seus olhos presos no meu, aqueles braços musculosos e fortes ainda circulando minha cintura.

Eu queria sorrir. Eu não deveria ter esperado nada além de uma

abordagem direta de Jackson. Ele não jogava e ele dizia o que queria.

Era refrescante. Exceto que eu sabia que o que ele estava oferecendo era sexo, não um relacionamento. Durante nossas quatro horas de conversa, ele deixou claro que não era um homem que se envolvia em relacionamentos. A partir do som que ele fez, qualquer coisa que durasse mais que uma noite, era sério.

Voltei um passo e ele me soltou lentamente, como se estivesse relutante em me deixar. Lembrei-me novamente de que fazia tempo que não me envolvia só por uma noite com facilidade. Meu cérebro estúpido não podia me ajudar a distinguir o sexo do amor, mesmo que eu soubesse o que era melhor.

Mas quando foi a última vez que o toque de um homem fez meu corpo cantar e flutuar, como se as cargas elétricas estivessem zapeando no ar, aquecendo meu sangue, fazendo os cabelos em meus braços se arrepiarem? Apenas uma vez desde o ensino médio, e foi um relacionamento curto com outro jornalista, quando eu estava cobrindo uma crise humanitária na Etiópia.

Todos esses pensamentos confusos e contraditórios correram pelo meu cérebro em uma fração de segundo. Embora eu pudesse analisar e adivinhar a situação, meu intestino estava me dizendo para dar uma chance. Porque homens como Jackson não apareciam todos os dias.

Quantas vezes eu tinha recusado um segundo encontro com um novaiorquino porque ele gastava mais em manicures, cortes de cabelo, e depilação do que eu? Quantas vezes eu quis conhecer um homem que era cru e masculino sem ser arrogante?

Jack e eu talvez não tivemos o início mais suave e parecia certo que a estrada à frente seria irregular, mas...

— Sim. — eu disse, com mais segurança do que eu sentia. —

Vamos ver aonde isso vai.

Seu rosto relaxou em um sorriso preguiçoso e sexy.

— Posso ir para sua casa?

Oh cara, ele não perdia tempo.

Eu sabia o que fazer. Eu tinha ouvido isso com bastante frequência quando estava envolvida com equipes militares em uma tarefa: o

velho ditado que você nunca se sentiu mais vivo do que quando estava perto da morte. Homens assim viviam suas vidas no agora. Esperar até amanhã não era uma opção quando não tinham certeza de um amanhã.

Mesmo assim, eu balancei a cabeça. Ir para minha casa não funcionaria para mim; Isso era muito pessoal, compartilhar meu espaço. Além disso, eu preferia terminar um encontro... ou o que quer que seja o que fosse isso... quando estivesse pronta, nos meus termos.

— Vamos ao seu hotel.

Eu vi um lampejo de desapontamento, mas ele não discutiu. Em vez disso, ele me ofereceu o braço dele. Apenas um cavalheiro do sul antigo... tendo uma ligação muito moderna.

Passamos pelas ruas, as pessoas passavam relaxadas desfrutando a noite quente do final do verão.

Não havia senso de urgência em seus passos, mas eu ainda sentia o puxão de antecipação na minha barriga, e não pude evitar olhares furtivos para ele. Seu nariz reto e seu queixo forte, aqueles lábios cheios e maçãs do rosto afiadas, a força de seus braços e corpo

exibidos à perfeição em suas roupas simples e despretensiosas: jeans e uma camiseta lisa.

Ele me pegou olhando, e piscou os olhos, seus dedos acariciaram minha mão enquanto ele me aproximava para que pudesse jogar um braço possessivo ao redor dos meus ombros.

E eu ri.

Merda! Eu nunca ria. Uma mulher de 31 anos não deveria rir!

Fiquei mortificada. Em quatro horas, o homem me reduziu a uma estudante de colégio idiota.

Preparei meus ombros e respirei fundo, parando para ler o menu em um novo restaurante que abriu recentemente.

— Você gosta de Nepalese6?

— Claro. — eu disse. — Eu como praticamente qualquer coisa. Eu acho que comi, em um momento ou outro. Mesmo MREs7, embora eu não tenha certeza de que você poderia classificar isso como comida.

Ele riu.

— Não, é verdade! Cara, alguns desses alimentos, nem sequer se pode dizer o que são. E quem tem uma lata de molho quente é muito popular.

Jackson era tão fácil de conversar. Ele não tentava me impressionar com conversa fiada. Em vez disso, compartilhou histórias comuns sobre estar de serviço: as péssimas refeições, os mosquitos. O

calor e a poeira, o tédio. O aborrecimento que todos nós conhecemos poderia virar o medo de apertar o gatilho em questão de segundos.

Mas ele manteve as coisas claras, fazendo-me rir de novo e de novo.

Até chegarmos ao hotel. Então o tom tornou-se sério.

— Você ainda pode mudar de ideia, MJ. — ele disse, olhando para meus olhos.

— Eu sei. Mas eu não quero.

Ele sorriu com alívio, apertando meus dedos levemente.

6 Prato típico da cozinha nepalês.

7 Ração militar servida aos oficiais em exercício

— Eu estava meio que esperando que você fosse dizer isso.

Ignorando a porta giratória na frente do hotel, em vez disso, optou por usar uma porta menor, quando entramos, sua mão na parte inferior das minhas costas quando ele me seguiu.

Então ele juntou nossos dedos enquanto caminhávamos para o elevador.

As portas se deslizaram atrás de nós e ele sorriu para mim.

— Um elevador vazio com uma mulher bonita, isso me faz querer fazer coisas ruins.

— Tais como?

— Um cavalheiro nunca dirá.

— Nunca?

Ele pressionou um beijo rápido no meu pescoço, sua língua pulando rapidamente.

— Não, mas com certeza quero te mostrar logo que chegarmos ao meu quarto. Droga, esse elevador pode ser mais lento?

— Eu acho que está indo para trás.

Mas, então, houve um leve sinal e estávamos no sétimo andar.

Respirei fundo quando saímos, nossos passos eram silenciosos no tapete espesso. Jackson apertou minha mão novamente, uma pequena carranca no rosto.

— Você ainda está bem com isso?

— Estou bem. Não mudei de ideia. É apenas... Eu normalmente não...

— Eu gesticulei em direção a sua porta quando ele tirou o cartão.

A porta se abriu e Jackson me deu um olhar questionador.

— Eu não faço sexo em mais de um ano, MJ. E eu estive servindo por nove desses 12 meses.

Fiquei surpresa, de uma boa maneira. Não era o que eu esperava

— ele era muito direto nisso — eu simplesmente assumi que as conexões não eram incomuns para ele.

— Você sabe o que eu pensei quando vi você no acampamento militar? — ele perguntou.

Inclinei a cabeça para um lado enquanto respondi.

— Algo como: o que diabos essa mulher estúpida está fazendo no meio de uma guerra?

Ele deu um pequeno sorriso.

— Mesmo quando eu estava preocupado em tirar você de uma só vez, eu achei você quente. Mas quando você me mostrou o que queria na cafeteria e o quanto isso significava para você — relatando, os civis afegãos, aquela garota que você entrevistou — o quanto você era apaixonada e comprometida. É fácil ficar cansado de lá depois de toda a merda que você vê. Mas você ainda tinha ideais. — Ele me deu um

olhar de lado. — Mesmo que eu não concordasse com eles.

Não pude evitar que uma risada surpresa fugisse de mim.

— E então você veio à nossa tenda e me ouviu falar sobre você...

Desculpe-me por te xingar.

— Você já se desculpou por isso, Jack. Eu não vou usar isso contra você.

— Eu sei. É o que eu quero dizer. Eu poderia ter sido punido por um mês por dizer isso sobre você na frente do meu superior, mas você fingiu que não tinha ouvido. Foi muito legal da sua parte.

Eu balancei minha cabeça.

— Bem, eu estou feliz em aceitar o crédito por isso, mas eu queria agradecer. Você e seus homens salvaram minha vida. Era o mínimo que eu podia fazer.

Ele sorriu.

— E você me pagou o jantar.

— Ainda não é suficiente por salvar minha vida, mas é um começo. E de qualquer forma, além de me xingar, você disse que eu era quente pra caralho. — eu lembrei para ele.

Seu sorriso desapareceu.

— Malditamente direta. Você me mata, MJ.

Ele estendeu as mãos para tomar o meu rosto, passando os lábios suavemente sobre os meus, inclinando minha cabeça para encaixar com sua boca enquanto fechava a porta atrás.

Minhas mãos se enrolaram em sua cintura e ele se moveu para o meu espaço como se fosse dele. Mas isso me deu acesso à seda suave de suas costas largas, e as minhas mãos ansiosas moveram para cima sob sua camiseta, sentindo os músculos se contraírem e a excitação em sua pele. Isso me fez sentir poderosa e no controle, o que era uma ilusão completa porque o homem poderia me dobrar como um galho.

Em vez disso, suas mãos eram fortes, mas gentis, uma deslizando no meu pescoço enquanto a outra me puxava firmemente contra ele.

Suspirei com prazer enquanto sentia sua ereção pressionada contra mim pela primeira vez.

Seus dedos se enroscaram no meu cabelo, então ele envolveu as pontas ao redor de seu punho e puxou para trás gentilmente, beijando meu pescoço, sugando suavemente a pele sensível.

A outra mão se moveu para pressionar meu peito, seu polegar passou duas camadas de tecido, mas ainda conseguiu encontrar meu mamilo duro.

Minhas unhas curtas arranhavam suas costas e ele se arqueou em mim, um suave gemido de desejo, masculino e baixo que saiu de sua garganta.

Ele abriu os olhos, seu olhar intenso me faz sentir com fome de atenção.

Voltei até os ombros, arrastando as unhas pelas costas, e mais uma vez ele se arqueou como um gato, quase ronronando.

Então ele tirou a mão no pescoço e puxou a camiseta por cima da cabeça, da forma que só os homens e os meninos parecem fazer naturalmente, a camiseta quase rasgou pelo urgência do movimento.

O colar com a identificação militar tilintou suavemente quando caiu de volta em seu peito. Eu me afastei, aproveitando o momento para apreciar a arte de seu corpo, aperfeiçoada pelo trabalho tedioso quando não tinham nada a fazer senão gastar horas de energia em uma academia empoeirada.

Seus olhos me convidaram a tocá-lo e eu estava mais do que feliz em aceitar a permissão para deslizar meus dedos sobre toda aquela pele dourada.

Então eu segurei suas identificações militares na minha mão, usando-as para puxá-lo para mim. Ele sorriu, satisfeito com o meu comando.

Este beijo era mais urgente, sexual, insistente, sua linguagem era um prelúdio para a loucura por vir. Suas mãos apertaram-se de forma autoritária em torno da minha cintura, então subiram, levando minha camisa com elas.

Outro gemido suave escapou quando baixou os lábios para beijar meus seios, molhando o tecido do meu sutiã.

Comecei a ir para trás e a tirar, mas ele me deteve.

— Não, deixe comigo. Eu tenho fantasiado sobre isso. — admitiu.

— Mesmo? Por quanto tempo?

— Cerca de cinco minutos depois que te conheci. — ele riu.

— Ah, eu vejo. Imediatamente depois de me resgatar de uma máfia assassina. É bom saber que sua mente estava em seu trabalho.

Ele encolheu os ombros, sorrindo maliciosamente.

— Eu posso fazer várias tarefas ao mesmo tempo.

Apertei meus lábios contra o peito dele, sentindo a forte batida do coração.

Enquanto eu me inclinei para a frente, seus dedos hábeis encontraram o meu sutiã e o abriram. Despi-me, e ele pegou meus seios em suas mãos, sua cabeça se movendo entre eles, circulando meus mamilos com sua língua quente, trazendo prazer em cada parte de mim.

Seus dedos calosos se apoderaram de onde a língua esteve, e então ele me beijou completamente, possessivamente, nossas línguas lutando pelo domínio — uma luta que eu finalmente perderia sem me importar.

Eu nunca tinha estado com um homem como Jackson antes. Ele era tão confiantemente e masculino, tão incrivelmente forte sem ser brutal, embora talvez apenas um pouco áspero, o que eu não sabia que gostava.

Ele lidou com meu corpo com a certeza de como ele lidava com uma arma MK-16, quase como uma extensão de si mesmo.

E aquele corpo poderoso e bonito era meu campo de jogos.

Minhas mãos tocaram em todos os lugares; minha língua provava tudo o que eu podia alcançar enquanto ainda estávamos parcialmente vestidos.

Eu podia sentir suas mãos explorando minha cintura, puxando o zíper.

— Tenho que tirar meus sapatos. — murmurei contra seu pescoço, meu novo lugar favorito.

Ele riu suavemente quando tirou seus próprios tênis e deixou cair o jeans em um segundo.

E não consegui responder à pergunta sobre boxers ou cuecas, porque ele também não estava vestindo.

Meus olhos fixaram em seu pênis, minhas mãos pararam nas minhas calças, mas então outra coisa chamou minha atenção e me prendeu.

Cicatrizes brancas, como cortes de chuva, arruinavam a suavidade do quadril e da coxa esquerda.

— Estilhaços de combate. — ele disse, respondendo a minha pergunta não dita enquanto traçava meus dedos através das cicatrizes aparentes. — Pelo menos não acertou meu pau.

Eu soltei um sopro de ar que teria sido um suspiro divertido em outras circunstâncias — mas simplesmente não pareceu apropriado na presença de vinte e dois centímetros de carne rígida apontando na minha direção.

Deixei minhas calças caírem no chão, e fiquei apenas de calcinha, hipnotizada por seu corpo com toda sua beleza e todas suas falhas.

Das cicatrizes dos estilhaços, minha mão caiu para baixo, passando minha palma ao longo de seu eixo, alisando meu polegar sobre a cabeça larga, observando seus músculos do estômago tremerem enquanto eu o tocava, provocava e acariciava.

Olhei quando ele respirou fundo, os espessos sulcos de seus abdominais tremendo. Eu tinha a intenção de lambe cada parte desse corpo incrível, me perder em todas as partes.

O azul escuro de seus olhos tornou-se sombrio, e senti que apenas sua força de vontade o segurava neste momento. Eu estremeci,

me perguntando o que Jackson Connor estava sentindo. Meu corpo percebeu o momento, mas meu coração tímido sabia que ele tinha o poder de me matar.

Ele me pegou de surpresa, caindo de joelhos, o nariz pressionando
contra

meu

osso

púbico

enquanto

inalava

profundamente, então apertou um beijo suave na minha calcinha úmida.

Corri as mãos sobre os cabelos bem cortados, a cabeça inclinada o fazia parecer vulnerável.

Mas então ele enfiou os dedos na minha calcinha e lentamente deslizou-a pelas minhas pernas. Seus olhos brilharam com calor e algo primitivo, e então ele segurou minha bunda para me aproximar, e eu quase estava montado em sua cabeça.

Eu me retorcia enquanto sua língua afundava em mim, mas ele me segurou firmemente, mesmo quando perdi o controle e puxei seus cabelos curtos.

Sua língua continuou a golpear, pressionar e explorar até que minhas coxas tremeram e eu gritei suavemente.

Mesmo quando minhas pálpebras caíram, eu o vi sorrir com satisfação. Então ele me levou para a cama, posicionando meu corpo, alterando o canto dos meus quadris para se adequar a si mesmo.

Um preservativo estava em sua mão, e rapidamente ele o colocou habilmente, um ligeiro aperto em seus lábios, mostrando o fato de que ele estava orgulhoso por isso.

Enquanto ele empurrava para dentro, murmurou algo em voz baixa, mas eu estava muito aérea para entender, e eu não tinha certeza do que era de qualquer maneira.

Eu chorei novamente, suavemente quando ele encheu meu corpo, meus joelhos levantando-se automaticamente, meus tornozelos embrulhando atrás de suas costas, cavando com meus calcanhares enquanto eu o instigava ir mais fundo.

— Porra, MJ. — ele disse.

E então ele perdeu o controle.

Ele bateu furiosamente, sacudindo os limites dos meus tornozelos, então meus pés saltaram impotentes contra suas costas,

meus seios tremendo com cada impulso. Minhas mãos estavam presas no seu forte aperto, e a ferocidade em seu olhar secou minha garganta.

A intensidade era quase assustadora, mas então ele gozou de repente e inesperadamente, sibilando sua liberação enquanto seu corpo pesado cobria o meu.

Ele rosnou suavemente e rolou, afastando seu pau ainda impressionante.

— Porra, MJ. — ele disse novamente, mais suavemente. — Eu esperara, mas você é demais para mim, mulher.

Eu ri sem fôlego.

— Isso foi bom para mim. Maldito seja, eu diria.

Ele me deu um sorriso desequilibrado.

— Será melhor na próxima.

Próxima vez.

Ele tirou o preservativo, amarrou um nó no final e deixou-o preguiçosamente no chão, sorrindo para a desaprovação que estava escrita em todo o meu rosto.

— Eu vou pegá-lo mais tarde. — ele disse, estendendo a mão para apanhar meu peito. — Prometo.

— É melhor. Deve ser difícil ser a faxineira do hotel... Você sabe o que, não importa. Eu vou ficar aqui em um estado de felicidade pós-coito.

Ele apertou meu peito novamente.

— Você está linda, toda rosa e quente. Merda, ver você gozar na minha língua foi incrível.

Eu esperava que ele não conseguisse ver minhas bochechas cada vez mais vermelhas por suas palavras, mesmo que eu gostasse muito delas.

Ficamos em silêncio, mas não era desconfortável. Meus dedos tocaram um punhado de cabelo em seu peito, puxando suavemente.

Depois de um tempo, minhas palavras se desgrenharam de seu estado

de preguiça.

— Jack, você disse que não fez sexo desde a última vez que estive de licença.

Seus olhos azuis se acomodaram no meu com confiança.

— Está certo.

— Por quê?

Ele soprou suas bochechas.

— Não sou ingênua o suficiente para achar que você não poderia ter, se quisesse. — acrescentei.

Ele sorriu ligeiramente.

— Se eu tivesse vinte anos, sim, não vou mentir para você. Eu estaria na praia, tentando entrar no biquíni de várias garotas.

Eu ri com tristeza pela imagem muito provável.

— Mas eu não tenho mais vinte anos. — ele continuou. — E estar com uma garota apenas para que ela possa dizer que ficou com um fuzileiro naval, já passei dessa fase. Bem, pelo menos para mim. Eu simplesmente não conheci ninguém especial na última vez em que estive em casa. — Ele dá um olhar honesto para mim. — Eu tive que esperar até que eu estivesse de volta no acampamento militar para encontrar uma mulher que me interessasse.

Sorri com o prazer de uma satisfação calorosa.

— E você, MJ? Você está em uma cidade com oito milhões de pessoas, metade deles homens. Como é que você não tem um cara? —

ele fez uma pausa. — Ou talvez você tenha.

Levantei uma sobrancelha.

— Eu namorei, mas ninguém especial chamou minha atenção. Eu tive que esperar até que eu estivesse em um acampamento quente e suado no Afeganistão antes de conhecer alguém em quem eu pudesse estar interessada.

Ele sorriu para mim.

— Pudesse estar interessada?

— Jack Connor, você está querendo confete?

— Eu pegaria qualquer coisa se eu tentasse?

— Bem, eu poderia dizer que você tem um pau lindo.

Ele deu uma risada.

— Obrigado, senhora. Não é um elogio que vou compartilhar em breve.

Ele se afastou da cama, esticando-se languidamente, esse corpo perfeitamente esculpido em exibição, sem um pinga de constrangimento enquanto caminhava nu para o banheiro.

Eu virei para o meu lado para assistir meu próprio show privado.

Deus, seu traseiro! Dois globos perfeitos de músculo. Isso me fez querer afundar os dentes neles.

Mas era fofo — seu traseiro estava mais pálido que o resto dele.

— Não há como se bronzear nu quando se está no Afeganistão, sargento? — eu chamei por ele.

Ele se virou e sorriu, inclinando um quadril contra a porta do banheiro.

— Normalmente, sim. Mas nós tínhamos algumas mulheres no batalhão na tenda ao lado onde dormíamos. Sua comandante reclamou por que isso as distraía, portanto, pediram para nos vestir.

— Eu aposto que sua equipe a odiava por isso. — provoqueei

— Sim. — ele concordou. — Chorávamos na hora de dormir.

— Nenhum binóculo?

Seus olhos se arregalaram quando ele fingiu ficar chocado.

— MJ! Você está dizendo que gosta de ver pessoas nuas?

Dei de ombros.

— Agora está funcionando muito bem para mim.

Ele riu e desapareceu no banheiro.

Ouvi o som de água corrente e um momento depois ele reapareceu.

— O que MJ significa? — ele perguntou do nada.

Eu balancei a cabeça, fingindo estar chocada.

— Sargento! Você está me dizendo que você é o tipo de homem que dorme com uma mulher antes de conhecer seu nome?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Tudo bem, não responda isso. É Margaret Jean, mas prefiro MJ.

Ele sorriu.

— Você combina com Maggie.

Eu estremei.

— Eu acho que você tem cera no ouvido. Tenho certeza de que acabei de dizer que prefiro ser chamada de MJ.

— Sim, mas eu gosto de ter um nome para você que ninguém mais usa, e eu gosto de Maggie.

Meu sorriso desapareceu e Jackson franziu a testa.

— O que há de errado, querida?

— Nada. Não é nada.

— Não, eu disse alguma coisa que chateou você. Se você não quer que eu chame você de Maggie, eu não vou.

Ele sentou-se na cama e avançou, empurrando meu cabelo sobre uma orelha e esfregando suavemente o polegar através da minha bochecha.

— Meu pai costumava me chamar de Maggie. Ninguém mais me chamou assim depois que ele morreu. Mas é bom ouvir isso novamente.

— admiti.

Ele sorriu suavemente e me beijou gentilmente.

— Obrigado por compartilhar isso.

Levantei um ombro, não querendo confessar o quanto isso me afetou.

Eu me deitei na cama e olhei para o teto, sentindo o colchão afundar quando Jackson esticou-se ao meu lado.

Então ele rolou em seu lado e puxou meu quadril até que estivéssemos de frente para o outro. E de alguma forma esse gesto era

mais íntimo do que quando ele estava se movendo dentro de mim dez minutos antes.

Ele não falou por um tempo e eu me perguntei se ele estava adormecido. Mas então seus olhos se abriram de novo.

— Eu tive uma noite realmente excelente. — ele disse, acariciando um dedo ao longo do meu ombro e braço, lentamente, atravessando minha cintura, até sua mão quente estar descansando na minha coxa exposta.

Eu fiquei ligeiramente tensa, esperando o que vinha depois dele tomar banho, antes do discurso, dar uma desculpa ou alguma versão disso.

— Venha para Scranton comigo amanhã. Conheça meu amigo, Gray. Você vai gostar dele.

Eu pisquei surpresa.

Espere o que?

Não era assim que o script deveria ser.

Eu o estudei de perto, perguntando-me se ele estava simplesmente se sentindo obrigado a me deixar de forma mais cavalheira do que o habitual, sendo do sul e tudo mais. Mas enquanto eu olhava para seus olhos azuis escuros, não vi nada senão sinceridade, além de algo mais profundo — um desejo, talvez até a esperança que tivéssemos uma conexão.

Eu sorri com cautela, preparando uma desculpa.

— Ele está esperando vê-lo, não uma mulher qualquer que você resolveu levar junto.

Jackson franziu a testa.

— Você não é uma mulher qualquer, Maggie.

Ouvindo-o usar esse nome me matou. Acordou muitos sentimentos, mas me aqueceu da mesma forma.

— Então eu adoraria. — eu disse finalmente. — Eu nunca estive em Scranton.

Ele sorriu e plantou um beijo doce na minha testa.

— Eu também.

Fiquei tentada a me aconchegar naquele peito incrível, respirando seu cheiro quente e picante enquanto adormecia. Mas eu planejava ir para casa. Especialmente se fossemos visitar seu amigo amanhã, eu precisava de roupas limpas.

— Eu deveria ir. — suspirei, afastando-me e sentando-me, curtindo a forma como seus olhos caíram no meu peito antes de voltar para o meu rosto.

— Fique. — ele disse, sentando e segurando minha bochecha com a mão.

— Eu realmente deveria ir...

— Por favor. — ele disse suavemente.

Maldito, esses modos do sul seriam a minha morte.

— Vamos pegar um táxi para a sua casa pela manhã, para que você possa mudar suas roupas e pegar suas coisas de mulher. Vamos sair depois de ter acabado o seu trabalho.

Eu explodi rindo.

— Coisas de mulher? Mesmo?

Ele riu comigo.

— Não é esse o termo técnico? Own! Eu devo ter perdido esse memorando.

— Não importa, Sargento. Eu vou te ensinar todas as palavras novas como smartphone e automóvel.

— Oh, você acha que é muito engraçada!

Seus olhos brilharam perversamente, e então ele se precipitou,

fazendo cócegas em mim até eu gritar para ele parar.

Ele colocou minhas mãos na cama, nós dois sem respiração.

Senti sua dureza contra minha barriga e então sua boca estava na minha, sua língua quente e determinada enquanto ele me beijava loucamente.

Eu decidi e depois reprogramei meus compromissos de manhã cedo. Muito pouco profissional. Muito diferente de mim. E

definitivamente a decisão certa.

Segundo round.

Capítulo Quatro

Um velho amigo

A cama estava muito quente, e eu estava suada e desconfortável quando joguei o edredom longe e me sentei, meus olhos se abriram quando ouvi um grito abafado.

As lembranças da noite passada voltaram, e não pude evitar uma risada abafada quando Jackson empurrou o edredom do rosto, esfregando o peito onde eu acidentalmente dei uma cotovelada.

— Você sempre é áspera com os homens, Maggie?

Eu ri dele por cima do meu ombro.

— Pare de fingir que eu machuquei você! Certamente, o Fuzileiro grande e pesado não tem medo de uma senhora como eu.

Jackson me deu um sorriso irônico.

— É aí que você está errada, querida. No que me diz respeito, as mulheres são armas de destruição em massa, criadas com a única intenção de levar um homem a seus joelhos. Além disso, as mulheres são de Marte e os homens são de Vênus.

— Eu acho que você quer dizer os *homens* são de Marte.

— Uh-uh! As mulheres são muito mais sanguinárias.

— Isso é fato?

— Mais como uma lição de vida.

Ele sorriu para mim, seus cabelos curtos achatados ligeiramente de um lado, o rosto suavizado pelo sono e agora coberto de fios castanho claro.

Meus olhos ergueram-se até seu peito nu, franzi as sobrancelhas para sua corrente com as placas de identificação militar, uma lembrança de seu trabalho perigoso que o levaria longe de mim assim que saísse sua próxima convocação.

Eu balancei minha cabeça. Ele não era meu, e não havia muito futuro com um homem casado com seu trabalho. Mas nós tínhamos o aqui e agora, e isso deveria ser o suficiente.

— O que está se passando nesse cérebro? — Ele perguntou gentilmente, estendendo a mão para acariciar um dedo ao longo da minha mandíbula. — Posso ver as engrenagens girando aí dentro.

— Apenas planejando viver o aqui e agora. — falei honestamente, embora um pouco sucinta com a verdade.

Seu sorriso aumentou.

— É isso? Bem, que tal você vir *aqui* e eu vou lhe mostrar um pouco de amor *agora*?

— Deixe-me adivinhar, você tem alguma ereção matinal que seria um desperdício não usar?

Ele riu, os olhos arregalados de felicidade.

— Mulher! As coisas que você diz!

— Você não tem ereção matinal?

— Docinho, eu poderia ter todo um caminhão de ereção aqui embaixo, mas você nunca descobrirá todo o caminho até lá.

— Eu estou muito distante — eu concordei, parando e caminhando para o banheiro. — mas eu realmente tenho que fazer xixi.

Guarde esse pensamento.

Quando fechei a porta do banheiro atrás de mim, eu o ouvi murmurar. — Pode deixar comigo.

Suas palavras trouxeram um sorriso aos meus lábios.

Depois de lavar as mãos, olhei para mim mesma no espelho.

Minha pele estava corada, e eu tinha um pequeno hematoma em forma de mordida sob meu peito esquerdo, uma lembrança da paixão fora de controle de Jackson na noite anterior. Mas foi o brilho dos meus olhos que chamou minha atenção. Apesar de ter apenas algumas horas de sono, eu estava alerta e energizada. Eu parecia... feliz.

Suspirei, e meu sorriso escorregou pelos lábios. Eu também me conhecia muito bem. Eu estava caindo por um homem cuja bunda era deliciosamente grande, cujo sorriso poderia parar o trânsito; um homem amável, um homem honrado. Um homem que me fazia rir e

sabia fazer uma mulher gritar seu nome. Mas apesar de tudo isso, Jackson Connor seria um homem perigoso para amar — e meu coração estava na linha de fogo.

Um baixo grunhido de frustração terminou quanto eu franzi o cenho para o meu reflexo. *Estou tão fodida com isso!* Tão fodida em ter relações sexuais casuais. Sempre acaba significando algo para mim quando eu sei que não deveria.

Houve uma batida suave na porta.

— Você está bem, Maggie?

Agarrei uma toalha, envolvendo-me com firmeza, a nudez aumentando a vulnerabilidade que sentia. Abri a porta, forçando um sorriso quando vi a expressão preocupada de Jackson.

— Apenas contemplando o significado da vida. — respondi levemente.

— Encontrou alguma resposta?

Eu ri sem hesitação.

— Tanto quanto a próxima pessoa.

Ele se inclinou contra o batente da porta, nu, usando apenas um sorriso.

— Venha aqui. — disse ele, puxando-me suavemente para ele.

Envolvi meus braços ao redor de seu pescoço, sentindo suas mãos fortes na minha cintura, sua cabeça se enterrando no meu pescoço

enquanto ele me beijava docemente.

— É um novo dia. — ele murmurou contra minha pele corada. —

Vamos ver onde isso nos leva.

— Eu gosto do seu plano. — eu disse, minha cabeça batendo contra a porta do banheiro enquanto sua língua talentosa lambia o meu pescoço e seus lábios suaves beijaram meu ponto de pulso.

Ele me guiou para a cama, puxando minha toalha e, na luz da manhã, com todas as minhas imperfeições e falhas, Jack Connor fez amor suave e doce comigo, seu corpo me pedindo para aproveitar a vida com todos os seus momentos fugazes de prazer. Porque é isso que a vida é — muitos momentos de alegria e tristeza, pequenas conexões com outras pessoas deixando boas lembranças.

E entendi que se eu o conhecesse por mais alguns minutos ou dias, semanas ou meses, nunca esqueceria esse homem ou esse momento.

Manhattan acordou com o trânsito barulhento e a inevitável, turbulenta e colorida multidão de pessoas. Nunca realmente dormia, mas agora a cidade rugia para a vida, carros, ônibus e táxis rastejando ao longo das ruas, os passageiros que se dirigiam para o trabalho, o barulho que mesmo em um sábado de manhã não conseguia diminuir.

Meu estômago resmungou baixinho e Jackson sorriu.

— Preciso alimentar você?

Levantei uma sobancelha.

— Isso faz parecer que eu espero que você vá caçar. Mas não se preocupe, não vou nos deixar morrer de fome. Você está na minha área e eu conheço alguns ótimos lugares para tomar café da manhã. Eu até sei de algum lugar especialista na cozinha do sul: grãos, biscoitos, chá doce, tudo isso.

Seus olhos se iluminaram.

— Mesmo? Porque se você estiver me provocando, talvez veja um homem adulto chorando.

— Eu não faria isso com você, Sargento. Eu sei como você leva a sério sua alimentação.

Ele sorriu.

— Se você tivesse vivido em barracas militares na maior parte de sua vida adulta, também levaria a sério sua alimentação.

Ficamos deitado na cama, cara a cara, com os joelhos se tocando.

Minhas mãos estavam enroladas na minha frente enquanto Jackson apoiava a cabeça na mão direita, a esquerda acariciando meu quadril.

— Há uma falha no nosso plano... exige mudança.

— Hmm, isso é um problema. — Ele suspirou. — Então, acho que seria melhor tirar minha bunda desta cama.

— E você quer ver seu amigo hoje. — lembrei-lhe.

Seu sorriso vacilou, e se eu não estivesse olhando para seu rosto lindo, eu sentiria a falta da expressão preocupante que encobria seus olhos, mas foi tão rápido, que me perguntei se eu tinha imaginado.

— Sim, eu sei. — Ele se inclinou para frente, pressionando um beijo suave contra meus lábios. — Acho que bati a cabeça.

— As coisas doces que você sussurra. — eu ri.

— Desculpe, docinho. Estou completamente sem prática em torno da civilização.

— Você fez direito ontem à noite e, mais cedo, esta manhã. —
assegurei.

Ele me deu um sorriso muito perverso.

— Direito? Estava certo de poder usar mais algumas práticas.

— Oh, definitivamente. — assenti com inteligência. — Muita e muita prática.

Ele piscou para mim e desapareceu no banheiro.

Eu me estiquei na cama, sentindo a tração de músculos bem usados. Jackson era um homem em seu auge — sua demonstração de amor estava no lado atlético. *Deus, sempre estava!* E se eu pensasse em ficar por algum tempo, eu cancelaria minha matrícula na academia. Eu sorri para esse pensamento.

Um momento depois, Jack colocou a cabeça na porta do banheiro.

— Vem pro chuveiro comigo, Maggie?

Uma oferta que eu não tinha intenção de recusar.

Vapor percorreu o banheiro enquanto ele lavava o cabelo com mãos firmes e suaves, enxugava meu corpo e tirava a espuma.

E quando eu fiquei de joelhos para mostrar a ele o quanto eu apreciei a forma como ele cuidou de mim, seus gemidos de prazer eram outra memória especial arquivada para uso futuro.

Corada, brilhante e satisfeita, entrei no quarto enquanto Jackson se barbeava.

Era uma aflição ter que vestir roupas sujas, mas eu estava acostumada. De fato, em um acampamento de guerra quando eu estava no sul do Sudão, fui informada sobre os campos da Guerra Civil e dos refugiados, não consegui tomar banho e nem trocar minhas roupas por quase duas semanas.

Fiquei feliz em dizer isso quando voltei a Nova York, meus padrões costumavam ser um pouco maiores.

Eu franzi a testa enquanto puxava minha calcinha e minha camisa, cheirando discretamente e não encontrando nada tão censurável. Ainda assim, estava ansiosa em colocar roupas limpas, voltando para meu apartamento. Eu teria pegado emprestado um par de roupas íntimas de Jack, exceto que ele não parecia usá-las.

Ele pegou a direção do meu olhar enquanto abotoava o jeans.

— O uniforme exige cuecas, então quando eu não tenho que usá-las...

— ...você não usa.

Ele riu.

— Você tem um jeito com palavras, Srta. Buckman.

— Treinamento jornalístico. — concordei com um sorriso. — É, vou acabar pagando caro pelo meu jeito.

— Por que você usa muito as palavras?

— Você está dizendo que eu falo demais?

— Bem, você é uma mulher.

— Fico feliz que você percebeu, mas não estou tão interessada no estereótipo.

Ele me puxou para dentro de seus braços e enterrou o rosto no meu cabelo.

— Eu gosto que você não me leve tão a sério. — ele respirou contra meu pescoço. — É refrescante.

Eu belisquei sua orelha gentilmente.

— Eu vou ter isso em mente. Considere-se avisado.

Jackson levou cerca de trinta segundos para arrumar sua mala, e deixar o hotel.

Quando pegamos o elevador para o lobby, sorrindo um para o outro estupidamente, ele segurou minha mão.

— Nunca pensei em gostar de uma cidade grande. — disse Jackson.

— Oh? Quanto você viu até agora?

— Seu prédio de escritórios, o pub ontem à noite e meu quarto de hotel.

Eu ri.

— Eu posso ver por que a Big Apple está varrendo você de seus pés.

— Sim, senhora. Melhor vista desde o meu quarto está neste elevador.

As portas se abriram e o sorriso bobo que eu sustentava quase desde o segundo que tinha acordado não deixou meu rosto.

Seu carro estava estacionado no estacionamento subterrâneo do hotel.

— Um sedan? Achei que fosse um Jeep, Sargento.

— Nós temos um ditado nos fuzileiros navais, 'qualquer idiota pode ficar desconfortável'.

— Eu gosto disso.

— Atraente, não é?

Ele abriu a porta do passageiro para mim, ajudando-me a entrar, e

jogou sua mala pesada no porta-malas.

Observei-o pelo canto dos meus olhos enquanto ele dirigia o carro, navegando facilmente pelas ruas desconhecidas, até que tivéssemos um pequeno milagre de encontrar um ponto de estacionamento, logo que viramos na esquina de um local com café da manhã barato, e um brunch famoso por seu frango e waffles.

— Glazed Virginia Ham!8 Carne com milho! Oh cara! Bagre!

Waffles! Eles fritam ou cozinham? — Jackson perguntou quando olhou através da janela, os olhos arregalados de esperança e expectativa.

— Ambos. — respondi com uma piscadela.

— Porra, acho que morri e fui para o céu. — ele disse, empurrando a porta e me conduzindo para dentro.

8 Prato famoso para os sulistas da Virginia. É basicamente presunto em forma de espiral em fatias.

— Eu acho que você babou um pouco, bem aqui. — eu ri, tocando o lado de seus lábios.

Sua língua pulou e lambeu meu dedo, sugando-o suavemente na boca.

— Você tem um gosto melhor do que qualquer coisa neste menu.

— ele sussurrou.

— Oh, se você não está com fome, podemos sair... — eu provoquei.

Seu rosto caiu.

— Maggie...

— Entre, antes da fome passar ou morrer de desapontamento.

Ele bateu na minha bunda no caminho pela porta. Eu me vingaria.

Jackson pareceu ter problemas quando pegou um cardápio na mão, café na outra, e a nossa garçonete estava trazendo seu pedido. Eu não ficaria surpresa se ele tivesse dito que pediria tudo.

Eu o vi comendo waffles com salsicha de porco, bacon, ovos fritos e

cereais no lado, enquanto eu me preparava para torradas francesas e tanta cafeína quanto eu pudesse ingerir sem estourar. Na noite passada, não dormi muito.

Finalmente saciado, mesmo que apenas temporariamente, Jackson esfregou o estômago e sorriu para mim.

— Você finalmente vai conseguir respirar?

— Essa foi uma fodi... grande refeição. Você sabe o caminho para o coração de um homem, Maggie.

Eu sorri educadamente, porque sabia que ele não quis me dizer isso.

Com um par de cafés, nós voltamos ao sedan de Jack e fizemos uma parada rápida no meu apartamento. Arrumei a mala e enviei ao meu contato australiano um pedido de desculpas, prometendo que entraria em contato na segunda-feira. E sim, me senti culpada — nunca tinha matado trabalho por um homem antes. Isso me deixou com uma sensação desconfortável.

Enquanto Jack procurava algum lugar para encher o tanque, eu joguei uma camisa limpa e jeans, e joguei alguns artigos de higiene pessoal e roupas íntimas na minha mala para o fim de semana.

Quando ele ligou no meu celular, corri pelos degraus e pulei no carro. Então nos juntamos à fila de carros que se aproximavam do túnel da Holland.

— Então, me fale sobre esse amigo seu que vamos ver. — eu disse, quando o silêncio se instalou no carro e o tráfego estava se movendo livremente.

Fiquei surpresa quando as mãos de Jack apertaram no volante até que seus dedos ficassem brancos. Parecia uma pergunta inócua, mas claramente havia uma história por trás.

Fiquei em silêncio. Se Jackson queria me dizer, ele faria. Caso contrário, eu descobriria por mim mesma em algumas horas.

Depois de vários longos minutos, Jackson falou.

— Ele era um cara da minha equipe.

Olhei para ele, esperando por mais. Mas seus lábios estavam pressionados e ele tinha uma expressão estrangulada em seu rosto.

— Qual o nome dele? — perguntei gentilmente.

— Grayson. Gray, para os amigos. — Jack me deu uma olhada. —

Ele também responde por Shitneck⁹. — e deu um pequeno sorriso.

— Bem, seus malditos Fuzileiros, vocês têm apelidos atraentes.

Como eles te chamam?

— Sarge¹⁰. — ele brincou, e eu não pude deixar de rir.

— Bem, você certamente teve mais sorte que Shitneck. Eu não acho que me atrevo a perguntar como ele encontrou esse nome.

Jackson abriu um sorriso.

— Eu vou te dizer em algum momento, simplesmente não logo depois de ter comido.

Eu revirei os olhos. Caras militares tinham o mesmo nível de humor de meninos 10 anos de idade. Meu sorriso vacilou quando 9 Na gíria americana, quer dizer cabeça de merda 10 Abreviação de Sargento

pensei que muitos dos jovens que conheci quando estava em um acampamento militar mal tinham saído da adolescência. Mas no final de sua primeira missão, eles tinham o olhar de homens já idosos.

— Eu acho que vou ficar com Grayson. — eu disse suavemente.

Enquanto passávamos por Parsippany, Jack ajustou o rádio para uma estação de rock suave, cantarolando junto com a música.

Perguntei-me por que me pediu para acompanhá-lo nessa viagem quando ele não queria falar, ou mesmo parecia que não queria companhia. Mas não insisti. Era óbvio que a visita de hoje seria difícil por algum motivo. Eu tinha algumas teorias sobre isso.

Quando nos aproximamos de Scranton, o humor de Jack deu outro mergulho.

Apesar de ser da Filadélfia, nunca estive nesta parte de Scranton e era mais bonita do que eu esperava, com o rio passando pelas colinas baixas.

Dirigindo ao norte ao longo do rio Lackawanna, paramos no subúrbio antigo de Dickson City e uma rua tranquila onde a maioria das casas

eram pintadas de branco com pequenas plataformas de madeira na frente.

Jackson estacionou na frente de uma casa de dois andares com uma grande garagem anexa.

Ele respirou profundamente, as mãos ainda agarrando o volante.

Eu não disse nada, mas toquei seu joelho gentilmente, deixando-o saber que eu estava aqui o apoiando, para o que fosse.

Ele me deu um sorriso duro e saiu do carro, segurando minha mão firmemente. Apertei os dedos quando caminhamos em direção à casa.

A porta se abriu e uma mulher com cabelo castanho encaracolado e rosto agradável estava na nossa frente. O sorriso dela cresceu enquanto olhava para nós, bem, para Jackson.

— Meu Deus! Jack! Você veio! — Ela disse com alegria, jogando seus braços ao redor de seu pescoço.

Fiquei estranhamente de lado enquanto ele a abraçava calorosamente.

— Ei, Jules! Eu disse que viria.

— Você disse, mas eu não acreditei. — ela riu, então se virou para mim, sorrindo. — Onde estão seus costumes, Jackson Connor?

Apresente-me para sua amiga.

— Oi, eu sou MJ. — sorri, ao mesmo tempo em que Jack disse —
Maggie.

Eu sorri e ele balançou sua cabeça.

Estendi a mão para Jules, mas ela ignorou, em vez disso me puxou para um abraço.

— Qualquer amiga de Jack é bem-vinda, MJ Maggie. — ela sorriu, o calor em seus olhos me dizia que estava sendo sincera. — Você viajou muito?

— Saímos da Big Apple. — Jackson respondeu por nós.

Ela se virou para olhar.

— Sério? Você estava na cidade? Não consigo imaginar isso, um bom menino do interior como você! — Então ela me jogou um olhar malicioso. — Embora talvez eu possa entender. Entre. Gray está em seu estúdio.

Nós a seguimos através de uma sala de estar cheia de brinquedos infantis e por uma cozinha que cheirava a roupa e pão cozido.

— Por favor, desculpe a bagunça, — disse ela. — não estávamos esperando visitas. Honestamente, Jackson Connor! Você não poderia me avisar? Eu teria feito o seu doce de pêssago favorito!

Jackson murmurou algo ininteligível e empurrou as mãos nos bolsos. Jules balançou a cabeça, ainda sorrindo, e abriu uma porta da cozinha.

— Grey, temos companhia!

Ouvimos uma maldição abafada e Jules riu silenciosamente.

— Ele fica mal-humorado quando é interrompido, mas ignore-o.

Ele ficará feliz em vê-lo. Continue.

Jackson entrou na sala e eu segui alguns segundos depois, sem saber se eu deveria ficar com Jules ou seguir Jack.

O espaço que deve ter sido uma garagem de três carros foi transformado em um estúdio de cerâmica. As cerâmicas vidradas e não esmaltadas estavam em vários estágios de conclusão em prateleiras de

madeira, e o homem sentado em uma bancada estava moldando uma panela em uma plataforma giratória.

Ele tinha aproximadamente a mesma idade que Jackson, mas seu cabelo era prematuramente grisalho, e as linhas de preocupação vincavam sua testa. Mas quando viu Jack, seu sorriso foi imediato.

— Porra, Jack Connor!

— Você não é meu tipo. — Jackson riu, inclinando-se para abraçar seu amigo dando tapinhas nas costas. — É bom te ver, cara.

— Estou vendo isso, mas não acredito! Há quanto tempo?

O ombro de Jackson se contraiu com desconforto e ele arranhou o

lado do rosto com o polegar.

— Um ano ou mais.

— Tente dois anos e meio, idiota!

— Sim, desculpe-me. Estava ocupado.

— Eu posso ver. — Gray sorriu, levantando uma sobrancelha. —

Você vai me apresentar?

— Uh, essa é Maggie, minha... amiga.

— Ele está mentindo. — eu disse alegremente, agitando a mão de Gray. — Nos saímos ontem à noite e ele me convidou em uma viagem para conhecer você.

Gray riu alto e sorriu para Jackson, que estava incrivelmente corado.

— Eu gosto dela. Ela já é uma das nossa, amigo. É um prazer conhecê-la, Maggie.

— Não é assim. — murmurou Jackson, me disparando um olhar irritado. — Nós nos encontramos há três meses. Em Helmand.

Gray me lançou um olhar surpreso.

— Verdade?

— Sim, eu sou repórter do *New York Times*. — eu disse. — Mas não deixe isso te impressionar. Eu estava trabalhando em algumas histórias lá fora e Jack acabou por salvar minha vida.

Gray assentiu lentamente.

— Sim, ele faz isso as vezes.

Então ele se levantou e caminhou ao redor de sua bancada de trabalho. Era um dia caloroso e ele estava usando bermudas, então eu não pude deixar de notar que duas próteses de fibra de carbono substituíam suas pernas.

Ele viu meu olhar e respondeu à pergunta não feita.

— IED11, há três anos. Nosso transportador de carga APC12 dirigiu uma mina terrestre. O resto do time foi morto — Jack me arrastou

para fora. — Ele riu tristemente. — Eu pesava 86 quilos. Agora eu peso 58

quilos. Mas estou vivo — graças a esse cara.

Jackson estava rígido, o rosto gelado, mas quando Gray caminhou em sua direção e o abraçou, sua posição relaxou. Eu desviei o olhar enquanto Gray sussurrou algo para ele enquanto Jackson balançava sua cabeça.

Deixei-os ter seu momento, voltando para a cozinha.

Jules estava de pé na pia, olhando para o quintal.

— Como ele está? — perguntou ela.

— Eles estão tendo um momento. — eu disse calmamente.

— Eu quis dizer Jack. Como ele está?

— Uh...

Eu não tinha certeza de como responder isso, e olhei para ela com perguntas.

— Ele se responsabiliza. — disse ela. — Jack era o motorista naquele dia. Ele não deveria ser, mas o motorista regular estava doente.

Assim ... ele puxou Gray para fora da APC queimando, mesmo que ele mesmo estivesse ferido. Ganhou uma medalha e tudo. — ela disse com um pequeno suspiro. — Esta é a segunda vez que ele vê Gray desde que aconteceu. A primeira vez foi no hospital. Eles eram melhores amigos.

Mas você provavelmente sabe disso.

— Não, não sei. — admiti. — Jack e eu... é recente. O que quer que seja.

Ela se virou para sorrir para mim.

11 Implantação no Afeganistão

12 Tipo de tanque de guerra.

— Bem, o que quer que você queira chamar... ou não chamar...

Se Jack a trouxe aqui, você é alguém especial para ele. Não tenho certeza de que ele teria vindo de outra forma. Obrigada por isso.

Eu balancei minha cabeça.

— Não tem nada a ver comigo. Jack já estava planejando vir aqui, ele só me pediu para vir junto.

— Bem... obrigada por ter vindo. Isso significa muito para nós dois. — Seu olhar voltou para a janela. — Ele continuava dizendo que iria nos visitar, mas então havia sempre outra missão, outro trabalho.

Grey ficou chateado no início, mas ele entende agora, você sabe, a culpa de Jack.

Isso explicou muito, e meu coração se apertou por Jackson. Eu já tinha visto o suficiente da guerra e as coisas cruéis que seres humanos faziam com outros humanos, para entender que era tudo aleatório: o destino ou a sorte, o destino ou o karma — o que quer que você queira chamar. E raramente fazia sentido. Mas esses mesmos seres humanos, essas mesmas pessoas, eram deixados para tentar recolher os pedaços quebrados de suas vidas.

— Jack e Gray cresceram juntos, se alistaram juntos e lutaram juntos. — disse ela.

— Eu pensei ter detectado algum sotaque do sul na voz de Gray.

Jules sorriu.

— Espera até eles beberem um par de cervejas juntos —
precisamos de um dicionário!

— Eu aprendi algumas coisas. — eu ri. — Um dos quais nunca privar Jackson de seus waffles.

— Oh meu Deus, eu sei! — ela riu. — Eu tive que aprender a fritar praticamente tudo. Embora eu tenha que dizer, quando Gray pesca e traz de volta truta, ele faz uma receita excelente. Eu acho que tenho um pouco no freezer... se você ficar para o jantar? Seria ótimo se você pudesse conhecer as crianças — Josh costumava ser muito próximo de seu tio Jack. Ambos estão no futebol até as cinco; Era a vez de nossos vizinhos levar os filhos hoje. Josh tem oito anos e Becca tem seis anos. Não tenho certeza se ela se lembra de Jack. — ela suspirou.

— Eu realmente não sei quais são nossos planos. Jack não me contou muito no caminho.

Ela assentiu com tristeza.

— Adivinhe que vamos brincar de escutar.

Houve uma pausa estranha, então ela se virou para sorrir para mim, cruzando os braços sobre o peito.

— Então, como vocês se conheceram?

Depois que eu expliquei sobre o meu trabalho e como Jackson salvou minha vida no Afeganistão, seus olhos estavam arregalados com surpresa.

— Uau! Essa é uma história! Obviamente havia uma química forte acontecendo mesmo assim.

— Certamente parece assim. — eu sorri. — Aonde nós vamos a partir daqui, eu não tenho ideia.

— Primeiros dias, Maggie. — disse ela. — Fuzileiros são homens complicados. Eles compartimentam suas vidas, há muito que Gray não pode ou não quer me dizer. Deve ser estranho para Jack, ter te conhecido do jeito que ele fez.

Eu encolhi os ombros porque não tinha respostas para ela. Ou para mim.

Jules suspirou.

— Estou feliz que você veio, vocês dois. Gray está indo muito bem, mas eu sei que ele fica frustrado por não poder falar sobre tudo, essas coisas de militar. Ele diz que não vou entender e, de verdade, como posso? Eu faço o meu melhor, mas...

— Ele parece... bem — ofereci gentilmente. — ele se movimenta bem.

— Sim, ele está ótimo agora. Foi difícil no começo, muito difícil.

Especialmente para as crianças. Eu não sabia se ele conseguiria... se iríamos conseguir. Mas ele fez terapia ocupacional quando estava em Walter Reed¹³, e descobriu que tinha dom de moldar argila e moldar coisas. Ele está vendendo seu trabalho online agora e trabalhando cada vez mais.

— Sua cerâmica é bastante surpreendente. Gostaria de escrever um artigo se ele não se importasse.

13 Hospital Militar especializado em tratamento de militares feridos

— Ah, meu Deus, sério? Isso seria incrível! Obrigada, Maggie.

E eu quis dizer isso. Homens como Gray merecem ter suas histórias contadas, não apenas sobre as coisas terríveis que passaram, mas a maneira como tomaram suas vidas e fizeram algo positivo para canalizar toda essa energia. Eu sabia que o homem era um fuzileiro naval pela vida toda, mesmo quando ele não era mais um guerreiro de combate. Homens como ele precisavam de algo para tirá-los da cama de manhã. Algo que os colocasse para frente.

E eu também vi outra camada de Jack Connor — o homem cujas cicatrizes não estavam todas na superfície.

Me virei para encontrá-lo me olhando, desejo misturado com cautela, perguntas em seus expressivos olhos azuis.

Vinte e quatro horas não deveriam ter sido tempo suficiente para eu sentir cada emoção caótica que me atrapalhava naquele momento.

Não deveria ser suficiente.

Eu estava com problemas.

Capítulo Cinco

Um longo caminho de casa

Eu realmente gostei dos amigos de Jackson. Eles eram fáceis de conversar, se divertiram e provocaram Jack, o que me fez rir. Tive a impressão de que eles não conheceram muitas de suas namoradas antes. Eu não tinha certeza se eu me encaixava nessa categoria — era muito cedo para dizer.

Eu também passei uma hora entrevistando Grey sobre seu tempo quando fuzileiro naval, como era ser civil agora e como ele estava gerenciando seus negócios de cerâmica. Nós abordamos as questões em torno de sua dupla amputação após o ataque do IED também, mas o foco do artigo estava em sua vida desde então.

E conversando com Jules, ela me deu uma visão de como é ser a esposa de um Fuzileiro. Como ela e ele se sentiam, quando Gray partia, ambos sentiram como se tivessem perdido sua família, até certo ponto.

— Foi difícil, no início. — disse Jules pensativa. — Bem, nada disso é fácil, porque você não se casa com seu marido, você se casa com toda a equipe. Às vezes, sinto-me casada com todo o Corpo da Marinha.

— Enquanto eu for o único na sua cama quente à noite, está tudo bem. — Gray riu.

Jules piscou para ele. Eu podia ver o amor que eles compartilhavam, e senti uma pequena inveja, mesmo que eu não fizesse o tipo de casar.

— Mas vendo como você está aqui com nosso garoto Jack, —

disse Jules. — você deveria fazer o curso de choque de Jules de Encontros com Caras Fardados.

Gray e Jackson gemeram.

Namoro? É isso que estávamos tendo? Lancei um olhar para Jackson, mas ele apenas sorriu para mim.

— Contagem regressiva até a próxima convocação é parte do negócio, eles estão sempre ao redor da próxima esquina. Então, se você não pode lidar com isso, sua vida vai ser um inferno. — disse ela. —

Simples assim. Muitas esposas de militares são varridas com todo o romance do uniforme, mas não há nada de romântico sobre ser uma mulher solteira com um anel no dedo por seis meses, ou nove meses ou um ano, por mais longa que seja a convocação. E você deve estar preparada para se mudar com um aviso de algumas semanas, ou mesmo alguns dias de antecedência. Adicione as crianças na mistura...

Bem, você tem uma pequena amostra.

Assenti com a cabeça, entendendo o que ela disse.

— E eles podem ser difíceis de conviver quando estão em casa.

Eu poderia arriscar que não era nada fácil.

— Entendi. Entrevistei muitos homens e mulheres nas forças armadas. É uma dicotomia estranha: quando eles estão longe de casa, eles não podem esperar para voltar, mas quando estão em casa...

— Estamos sempre à espera da próxima missão. — Gray terminou com um aceno de cabeça. — Pelo menos você entende isso, Maggie. A maioria das mulheres não.

— Porque eu sou igual. Quando estou longe, estou focada e sou profissional, mas também anseio pela minha casa. Quando eu estou em casa, a vida parece mover-se em câmera lenta, e fico aguardando a próxima missão. Inferno, vou atrás dela.

Jackson concorda com a cabeça.

— É viciante.

— Sim.

Ele encontrou o meu olhar sem pentear.

— É uma boa vida para uma única pessoa... militar.

Me perguntei se ele estava me enviando uma mensagem; certamente não foi sutil.

— É difícil para os que ficam para trás. — acrescentou Jules. —

Você precisa se virar. Não adianta chorar sobre uma calha entupida ou formigas na sua cozinha quando ele está a milhares de quilômetros de distância. Por isso é difícil, como fazer ou quando quebra algo é difícil.

As convocações são planejadas com antecedência, mas merdas

acontecem, você sabe? Então, você nunca sabe se a próxima será em seis meses ou sessenta minutos.

— De certa forma você está descrevendo minha vida, Jules. —

expliquei. — Eu nunca sei onde a próxima história vai acabar. Eu preciso ser capaz de jogar algumas roupas em uma mala e entrar em um avião dentro de algumas horas. Meu colete a prova de balas está debaixo da minha cama e eu tenho sempre carregadores de energia solar portáteis para que eu possa manter meu telefone e laptop carregados. Eu poderia ficar ausente alguns dias, ou talvez alguns meses. Eu ainda poderia receber uma oferta de trabalho do correspondente estrangeiro para o Oriente Médio, o que significaria que eu teria que ir para lá.

— Isso é provável? — perguntou Jackson, parecendo sério.

Dei de ombros.

— É possível. Seria ótimo para minha carreira.

Eu não disse a ele que eu estava atrás desse trabalho há mais de dois anos. Eu estava na fila quando o atual titular se aposentasse, mas havia dois ou três jornalistas igualmente qualificados.

Seus lábios pressionaram, mas ele parecia pensativo e não irritado, a qual era a minha experiência habitual de como a maioria dos homens via meu trabalho. Os caras com quem namorei anteriormente gostavam da ideia de estar com uma jornalista, mas quando se tratava de trabalhar até tarde em uma história bombástica ou de perder um encontro no último momento porque eu tinha um voo reservado, eles não gostavam muito.

Olhei para Jackson.

— Essa é a minha vida, meu trabalho, e eu amo meu trabalho.

Então eu acho que tem semelhanças que nem todos podem lidar, principalmente com meu estilo de vida e escolhas de carreira.

De alguma forma, a conversa ficou séria, e eu vi Jules olhando para Gray com apreensão.

Eu não sabia o que era *isso* com Jackson. Ele me intrigou e eu começava a imaginar que um relacionamento poderia ser possível, eu precisava definir as realidades do meu trabalho. Mas talvez agora não fosse o momento certo.

— De qualquer forma, — eu disse, tentando aliviar o tom. — tento aproveitar o meu tempo quando estou em casa — guardo lembranças, você sabe? Então, eu gostaria de propor um brinde: A novos amigos e bons tempos.

Todos levantaram suas garrafas de cerveja e saudaram. Enquanto chocamos nossas garrafas juntas, quase perdi as palavras suavemente faladas de Jackson.

— Eu posso lidar.

Jackson ficou pensativo durante o resto da tarde, mais silencioso do que o habitual. Eu senti seus olhos em mim com frequência. Ele não desviou o olhar quando o peguei me observando, mas seu sorriso parecia tingido de tristeza. Eu não sabia por quê.

Pouco depois das 5 da tarde, ouvimos um carro estacionar na calçada e o som das vozes das crianças. A porta da frente abriu e duas crianças correram para dentro.

O menino era Jules cuspida, mas a garota parecia mais com Gray. Eles começaram a falar sem parar quando me viram.

Eu acenei quando Jules me apresentou, então Jack veio e ficou ao meu lado.

— Uau, você ficou tão grande! — Ele sorriu, apertando a mão de Josh que de repente ficou tímido, arrumando o cabelo gentilmente. — E

olhe para você, senhorita. Isso é um lindo arco que você tem no seu cabelo.

Becca, obviamente, não se lembrava dele, mas assentiu com a cabeça e lançou um olhar irritado ao irmão.

— Josh disse que era estúpido e que jogadoras de futebol não usavam arcos nos cabelos.

— Se isso ajuda você prender todos esses cachos, acho que isso faz sentido.

Jack pegou uma bola de futebol e saltou.

— Alguém quer jogar?

— Você não tem permissão para jogar futebol em casa. — Becca o lembrou e Jules concordou.

— Sim? Bem, talvez possamos jogar no quintal.

Jackson conduziu as crianças lá fora, toda a timidez passou por seu calor e entusiasmo.

Eu o assisti brincar com eles, e Jules veio ao meu lado.

— Ele é ótimo com eles. — disse ela calmamente.

— Sim, ele é. — concordei.

Fui ficando com elas e aproveitei para ajudar, quando depois do banho Becca me pediu para ler para ela.

Jack, é claro, estava tendo, ‘uma conversa de homem’, com Josh.

Jules estava certa — ele era realmente ótimo com crianças; certamente estas crianças.

Nunca fui particularmente maternal. Não sei se foi porque minha própria mãe havia morrido quando eu era jovem. Eu era próxima do meu pai, mas ter a minha família? Apenas uma das minhas amigas mais íntimas teve filhos, e vivia tão ocupada, raramente tínhamos tempo para sair.

Além disso, o trabalho sempre foi mais importante para mim. Não podia imaginar estar amarrada a filhos. Embora isso não significasse que eu não podia ver a felicidade e o orgulho que brilhavam nos olhos de Jules enquanto ela observava seu marido com seus filhos.

— Bem, — disse Jack, interrompendo minhas reflexões enquanto o sol começava a cair. — nós deveríamos ir agora e...

— Jackson Connor! — disse Jules, com os olhos brilhando em aborrecimento. — Não me diga que você dirigiu até aqui para voltar tão cedo?!

Ele se moveu desconfortavelmente em sua cadeira enquanto observava a troca com diversão. Perguntei se Jules era a única mulher que mandava nele assim.

— Maggie precisa voltar para a cidade...

Eu sorri beatificamente.

— Não, eu não vou trabalhar amanhã, Sarge. Eu estou bem.

Ele me deu um olhar que disse que não gostava de ser contrariado assim.

— Então está resolvido. — disse Jules de forma decisiva. — Já fiz a cama no quarto de hóspedes.

Jackson sorriu pesarosamente, olhando para nós dois.

— Acho que você não estava planejando aceitar um não como resposta, hein?

Jules lançou a ele um olhar severo.

— Levou dois anos e meio para trazer seu traseiro para Scranton.

Você não vai fugir tão facilmente. Além disso, — ela disse, com sorriso

suavizando as palavras. — as crianças ficariam tão desapontadas se você não estivesse aqui na parte da manhã... e farei biscoitos de leite com calda, salsicha, ovos e waffers para o café da manhã... se você estiver interessado.

Os olhos de Jackson se iluminaram.

— Por que você não disse isso logo?

— Um exército marcha em seu estômago. — falei com calma, citando Napoleão (ou Frederico o Grande, dependendo de qual fonte você está usando).

— Não é verdade. — riu Gray.

— Eu só estou falando uma coisa. — disse Jackson com raiva. —

Comida pronta de guerra.

Gray assentiu com seriedade.

— Três mentiras pelo preço de uma: não é uma refeição, não é pronta, e você não deve comer.

— Verdade. — assentiu Jackson. — Refeições que exigem Enemas.

— Refeições que precisam de uma lavagem intestinal. — gritou Gray.

— Refeições que se recusam a sair. — acrescentou Jackson com um sorriso.

— Refeições que não saem...

— Basta! — Jules berrou, seu rosto vermelho enquanto eu colocava uma mão sobre minha boca, segurando a risada. — É como ter um par de alunos do sexto ano!

Ela estava gritando, mas eu poderia dizer que ela estava satisfeita por ver Gray tão alegre. Descontraído, também, pois ela estava acostumada com seu mau humor e não me importava. Ver Jackson rir era bom o suficiente para mim.

— Você beija sua mãe com essa boca? — perguntou furiosamente.

— Claro. — Jackson sorriu, plantando um beijo na bochecha de Jules enquanto ela o golpeava no ombro.

Nós nos sentamos até a noite conversando facilmente enquanto ouvíamos histórias de Jackson e Gray no campo de treinamento e todos os problemas que eles tinham passado. Mas quando Jules começou a bocejar, todos concordamos que era hora de jogar a toalha.

Enquanto subíamos as escadas, senti os olhos de Jackson em mim.

— Você está olhando para minha bunda?

— Sim, é meio fascinante. Como duas melancias suculentas.

— Você *não* acabou de dizer isso! — Eu bufei por cima do meu ombro.

Eu era um pouco autoconsciente sobre minha bunda. Eu tinha um peito decente e cintura fina, mas meu traseiro e quadris eram generosos.

— Ah, querida! Não se estresse! — E ele abaixou a voz para disfarçar.

— Você sabe que eu amo segurar sua bela bunda em minhas mãos quando eu estou batendo em você.

Meu rosto flamejou e senti o primeiro tremor de excitação. Deus, o homem me ligou com apenas algumas palavras bem escolhidas, cruas.

— Maggie Buckman! Você não tem uma única palavra para dizer, querida?

— Sim, na verdade eu tenho. Você está vestindo muita roupa.

Ele riu calmamente.

— Bem, talvez se você tirar a sua, eu vou fazer valer a pena.

— Por quanto tempo exatamente?

— Longo o suficiente. — ele disse, sua voz baixa e áspera.

Ele trancou a porta do quarto de hóspedes atrás dele e cumpriu sua promessa. Por várias horas.

Depois de um magnífico café da manhã que provavelmente adicionou dez quilos na minha cintura e bumbum — suculento —

dissemos adeus a Jules, Gray e as crianças, prometendo visitar novamente. Eu não sabia se era uma promessa que eu manteria, mas eu esperava.

Jackson não me falou nada sobre outro encontro ou até mesmo manter contato, e eu prometi que, se ele não tocasse no assunto até chegarmos à cidade, então eu faria. Meu coração bateu um pouco mais rápido só de pensar. Ser rejeitada pessoalmente nunca foi divertido. Ser rejeitada quando tinha uma forte suspeita de que eu estava me apaixonando por Jackson era um pensamento ainda menos agradável.

Mas de qualquer forma, eu queria saber onde eu estava. Para minha própria sanidade.

Meu telefone tocou quando estávamos a meio caminho de casa, e eu fiz uma careta. Era o número do meu editor, o que significava que algo aconteceu: uma história, em algum lugar do mundo.

— Ben? Tudo bem?

— Onde você está, MJ?

— Cerca de 90 minutos de casa.

— Bom, eu preciso que você esteja em um voo para Amã que sai às 9 da manhã. Temos permissão para que você possa se juntar a um contingente dos Médicos Sem Fronteira e viajar para Zaatari. Passe pelo escritório primeiro — Allison te dará seu visto. Por favor, me diga que todas as suas vacinas estão atualizadas.

— Sim, estou totalmente em dia com as vacinas. — eu falei, e Jackson me deu um olhar questionador.

— Isso vai ser grande, MJ.

— Eu sei. Obrigada, Ben.

Eu desliguei, assistindo o rosto de Jackson.

— Era trabalho?

— Sim. Eu vou no primeiro voo para a Jordânia pela manhã. Há um grupo do Médicos Sem Fronteira indo para um dos maiores campos de refugiados na fronteira com a Síria. Noventa e três mil pessoas, Jack.

Isso é como uma cidade do tamanho de Albany. Vivendo em tendas, quase sem comida ou água limpa.

Jackson ficou em silêncio.

Eu estava pedindo sua aprovação ou simplesmente esperando que ele entendesse?

Ele suspirou e seus ombros curvaram com tensão. Aguardei que ele falasse algo.

— Droga. — ele disse calmamente. — Eu pensei que teríamos mais tempo.

Eu mordi de volta as palavras *eu sinto muito*. Este era o meu trabalho, e eu não pedia desculpa por isso.

— Por quanto tempo você estará ausente?

— Algumas semanas. Talvez um mês...

— A que horas é o seu voo?

— Nove. Eu tenho que ir ao escritório primeiro para pegar meus documentos.

Ele assentiu.

— Eu vou levar você.

— Você não precisa.

— Eu vou levar você.

Dei-lhe um pequeno sorriso.

— Hmm, isso significa que você quer passar a noite no meu apartamento?

Ele me deu uma olhada séria.

— Eu quero passar cada maldito segundo com você, Maggie.

Engoli e desviei o olhar.

— Gosto disso.

Era estranho ter Jackson no meu apartamento. Seu grande corpo diminuía o lugar, enchendo-o de uma maneira completamente masculina. Meu espaço caseiro parecia diminuído com ele lá, e, no entanto, parecia certo.

Parte de mim sentiu como se eu o conhecesse desde sempre, mas eu tinha que ser realista. Eu não o conhecia e ele não me conhecia. O

que eu conhecia, eu gostava muito, mas eu notei que havia assuntos que ele deliberadamente evitava. Isso não me deixou exatamente nervosa, apenas... consciente.

Ele ficou no meio da minha pequena sala de estar, examinando as fotografias nas minhas paredes. A maioria delas era de trabalho, mas também havia algumas de família.

— É esse o seu pai?

— Sim, é ele. Mike.

— Você parece com ele. Você tem os olhos dele.

— Obrigada.

— Só estou dizendo o que eu vejo. — disse ele, seus olhos quentes, com compaixão.

— Então, o que você vai fazer amanhã? Você pode ficar no meu apartamento, se quiser.

Eu ofereci, mas seria estranho ter Jackson morando aqui sem mim. Ele sorriu brevemente.

— Obrigado pela oferta, querida, mas vou ver minha família.

Mamãe perguntou quando eu vou visitar. Talvez possamos nos falar quando você estiver de volta?

Falar? Pelo menos parecia que ele queria manter contato, ou ele apenas queria dizer uma ligação pra uma rapidinha?

— Claro. — eu disse, e eu percebi quando suas sobrancelhas levantaram com a minha falta de entusiasmo, e isso o surpreendeu.

Não era falta de entusiasmo por ele — claro que não era. Mas nós não estávamos namorando — era simplesmente uma oferta de mais sexo. Maravilhoso, uma mudança de vida, sexo embriagador e destruidor. Mas nada emocional. Eu não tinha certeza de que poderia fazer isso — na verdade sabia que não podia. Mas eu também não estava pronta para terminar com ele.

Ele inclinou a cabeça para um lado.

— É melhor eu ir e arrumar as coisas. — eu disse. — Você pode pedir uma pizza ou algo assim? Há um monte de menus na gaveta da cozinha e há cerveja na geladeira.

— Porra, se você não é a mulher perfeita, Maggie. — ele disse com um sorriso.

Não pude deixar de sorrir. Ele certamente me fazia sentir dessa maneira. Isso era novo e inesperado, mas muito maravilhoso.

Eu juntei tudo o que eu precisava para minha viagem, empurrando um caixa de papelão que mantinha depois de uma missão com a USAF14 há alguns anos. O colete a prova de balas foi o último, porque, apesar de ser o mais pesado, eu sempre acabava tendo que retirá-lo nos aeroportos durante as verificações de segurança.

Eu empilhei as roupas que eu precisaria na cama — todas as coisas que poderiam ser lavadas e secas facilmente. Muitas roupas íntimas, absorventes íntimos e preservativos não lubrificadas. Não que eu estivesse planejando fazer sexo, mas eles tinham uma variedade de usos fora da lista, incluindo o armazenamento de água. Eles também eram surpreendentemente úteis para ajudar as tampas dos frascos difíceis de abrir, acrescentando tração. Quem sabia? (E quando você estava comendo comida pronta militar todos os dias, o molho picante poderia fazer uma grande diferença.) Os preservativos também eram cases impermeáveis muito úteis para telefones celulares e microfones, ou mesmo bandagens.

O zumbido da porta da frente soou enquanto eu estava terminando minha mala, e imediatamente o cheiro de curry tailandês encheu o quarto.

— Uau, estou impressionada! — Eu sorri, entrando na sala de estar. — Você pediu o meu favorito! Como você sabia?

Jackson sorriu e bateu na testa.

— Preciso saber, Maggie. Preciso saber.

— Deixe-me adivinhar, você escolheu o menu que parecia mais usado.

— Ah, você está estragando a surpresa!

14 Força Aérea Americana.

Eu o beijei nos lábios rapidamente.

— Obrigada. É uma bela surpresa.

Seus olhos azuis escureceram com desejo, mas então ele se afastou e acenou com uma mão para as caixas de comida espalhadas pela mesa de café da minha sala de estar.

Eu joguei um monte de almofadas no chão e sentamos com as pernas cruzadas para comer.

Eu me senti mais confortável agora, estava me acostumando a vê-lo no meu espaço. Ele era uma companhia fácil, como ter um velho amigo que não via há algum tempo. Um velho amigo que eu queria na minha cama.

Eventualmente, afastamos os pratos e terminei de fazer as malas quando Jackson tirou o lixo e limpou a cozinha.

Quando minhas malas estavam prontas e esperando na porta da frente, entrei na cozinha e coloquei meus braços em torno da cintura de Jackson enquanto ele estava na pia, pressionando minha bochecha contra suas costas largas.

— Você começou o dia cedo, Maggie. — ele disse suavemente. —

Eu acho que devemos acabar por aqui. Dormir.

— Você tem certeza sobre isso, Jack? Seus lábios dizem que não, mas seu corpo diz sim. — e esfreguei a frente de seu jeans, sentindo sua dureza crescer sob meus dedos.

Ele gemeu e se virou para me encarar, suas mãos molhadas pousaram nos meus quadris.

— Eu não posso evitar isso. — ele disse, gesticulando para a protuberância atrás de seu zíper. — É como alimentar um cachorro perdido — ele continua voltando por mais comida, mesmo que você tenha dito a ele para ir para casa.

Eu ri levemente e empurrei minha mão na frente de seu jeans, sentindo seu pau quente e duro e forçando contra meus dedos.

— Eu acho que devemos ir para a cama agora, Maggie. — ele sibilou.

— Não vai haver nenhuma ação aqui na cozinha?

— Oh sim, eu estou sempre *pronto* para alguma ação na cozinha,

— disse ele, balançando na minha mão. — mas agora estou querendo uma cama macia, para que eu possa te colocar e tomar meu tempo beijando cada parte sua. Lentamente.

A boca do homem era letal e perversa.

Agarrei sua mão e puxei-o para o meu quarto. Mas ele me deteve para poder abrir a porta, fazendo uma pequena reverência quando virou a maçaneta.

— Obrigada por abrir a porta para mim. Coisas difíceis de ver um homem fazendo.

— Aprendi tudo com meu avô. — ele sussurrou com voz rouca no meu ouvido. — Ele disse que se eu fosse em encontros em que planejasse abrir uma embalagem de preservativo, então o mínimo que poderia fazer era abrir a porta para uma garota também.

Eu engasguei uma risada.

— É bom saber que você tem princípios, mesmo que sejam baixos.

— Eles são na melhor das intenções. Embora eu não ligue para esse seu ‘baixo’ exatamente. — ele disse com uma piscadela.

Eu apertei-o no braço, sacudindo meus dedos quando peguei no seu músculo duro.

— Ow. — eu disse, desnecessariamente.

— Quer que eu beije seus dedos?

— Eu quero que você beije outro lugar.

Seus olhos brilharam de excitação.

Enquanto ele estava ocupado me despindo com os olhos, eu o empurrei forte no centro do peito, então ele caiu para trás na cama.

— Você nem sempre tem que ser o único no controle, Jack. Eu posso até dizer que assistir você perder o controle é quente. Muito quente. Eu acho que gostaria de ver você perder o controle novamente.

Seus olhos queimaram com intensidade e ele lambeu os lábios, um sorriso lento atraindo a boca para um sorriso sensacional.

— Isso é certo, querida? Bem, há uma possibilidade de 100% de você conseguir o que você quer.

O que eu queria? Agora havia uma declaração carregada. O que eu queria do sargento Jackson Connor?

Sua expressão tornou-se séria, sem dúvida, combinando com a minha.

— Eu não sei o que é isso Maggie, o que está acontecendo aqui, mas é bom. Realmente bom. E eu não quero que isso acabe. Eu não tenho absolutamente nenhum fodido controle quando estou fazendo amor com você. E é isso que eu quero fazer. Mesmo agora.

A doce intensidade de suas palavras me tocaram. Tudo o que ele disse me fez querer segurá-lo e nunca deixá-lo ir embora. E essa foi uma coisa tola quando sua primeira prioridade, seu primeiro amor sempre seria o Corpo dos Fuzileiros Navais. Eu também sabia que isso fazia de mim uma hipócrita — minha carreira era tudo para mim. E ia viajar no início da manhã.

— Eu estou a bordo com essa ideia. — eu sussurrei, afastando meus pensamentos escuros quando me concentrei em correr meus dedos por seu peito, observando seus músculos se contraírem.

Ele puxou sua camiseta sobre sua cabeça, expondo toda aquela pele lisa, profundamente bronzeada, que parecia tão perfeita quanto o dia em que o conheci. Mais perfeito, porque ele estava aqui na minha cama, não apenas com meus sonhos.

Abaixei o zíper de seu jeans, e ele suspirou com prazer enquanto seu pau se liberou. Levei-o na minha boca e seu suspiro se transformou em um gemido, como se eu estivesse curtindo-o até a morte.

— Maggie, você tem que desacelerar. — disse ele, com a voz tensa.

— Caso contrário, isso vai ser rápido.

— Nós temos a noite toda. — lembrei a ele.

E talvez sua mente se movesse em uma estrada paralela à minha, reconhecendo que esta seria a nossa última noite juntos em um tempo.

Talvez nunca mais. Uma sombra passou por seus olhos, nublando o brilho, mas então ele forçou um sorriso enquanto o levava de novo.

Ele poderia ter me jogado nas minhas costas a qualquer momento,

mas ele me deixou controlar. Porque eu queria, porque tinha

mostrado a ele o que queria, o que precisava. E porque ele era seguro o suficiente para não sentir menos homem por isso.

Levei-o ao limite, luxuriando no momento em que ele me deu o controle total enquanto perdeu o seu próprio, no momento em que seu corpo se esticou e suas mãos apertaram o lençol abaixo dele. E então, quando suas respirações se separaram e seus olhos me disseram que era hora de devolver o favor, ele me despiu lentamente, beijando cada parte minha, mostrando-me com seu corpo, não com suas palavras, que isso significava algo.

Ele começou com as pontas dos meus dedos, beijando-os suavemente e docemente, depois sugou os dedos na boca fazendo cócegas com o queixo.

As pontas dos dedos delicadas roçaram meus braços, levantando arrepios onde e quando ele me tocava. Eu me estiquei, nua e corada de desejo, exposta, disposta e confiante.

Quão ingênua era confiar nesse homem — não porque ele fosse ruim, porque ele era tão obviamente bom, sua alma era brilhante apesar de tudo o que tinha visto e feito. Não, era tolo porque ele já tinha o poder de me machucar. Rezei para que a dor acabasse rapidamente.

Ele beijou, acariciou, tocou e provocou todas as minhas partes, e eu o deixei. Eu devolvi o controle que ele voluntariamente cedeu para mim, desfrutando de cada toque, todos os gostos, cada golpe de sua língua ou pressão de seus lábios suaves.

Seu rosto estava tenso quando ele finalmente se ajoelhou, sua boca pressionada em uma linha fina, enquanto ele rolava um preservativo por seu eixo, então seus olhos escuros encontraram os meus, queimando com necessidade e intensidade.

E quando ele afundou em mim, suas pálpebras vibraram, o desejo apertava todo o seu corpo.

— Eu esperei o dia todo por isso.

Ele começou a circundar os quadris, os braços esticados quando olhou para mim, sua espinha curvada. A brincadeira quente e áspera brilhava em seus olhos quando eu liguei meus tornozelos atrás da sua bunda, cavando com os meus calcanhares.

Ele começou a empurrar com mais força, perdendo o controle de bom grado, suas investidas eram mais selvagens, quase brutais, até que ele gozou com uma intensidade selvagem que me chocou e me alegrou.

Dormimos, acordamos, fizemos amor, repetidas vezes durante toda a noite.

A manhã seguinte chegou muito cedo. Nós compartilhamos um banho rápido, um café mais rápido ainda, e então Jackson me levou para o escritório.

Allison, minha colega de trabalho estava me esperando na minha mesa.

— Bom dia, MJ. Aqui está o seu visto, cartas de apresentação, plano de emergência, lista de verificação, dinheiro para subornos, drives de reposição, além de todas as coisas usuais. Mais alguma coisa que você precisa?

— Não, isso parece ser bom. Obrigada, Allison.

Ela me encarou com impaciência.

— Bem? Como foi com o sargento quente na sexta-feira? Você pode me agradecer, me contando tudo. Quero detalhes.

Eu sorri com serenidade.

— Tivemos um jantar muito agradável. Obrigada por perguntar.

Allison era uma colega fantástica e alguém que eu considerava uma boa amiga, mas essa mulher gostava de fofocas mais do que qualquer revista.

— Isso é tudo o que você está me dando?

— Eu pedi pizza com pepperoni. Ele asas de frango.

— Oh vamos lá! Só isso mesmo?

— Sim.

— Você sabe que quer me contar!

— Vejo você quando voltar!

— Provocadora!

Ela jogou um pedaço de papel amassado em mim, então me puxou para um abraço apertado.

— Viaje com segurança, chefe.

O carro para o aeroporto estava silencioso e cheio de tensão.

Havia tanto o que dizer. Uma vida inteira de coisas, talvez. E aqui estava eu, cheia de palavras, que vivia de escrever, incapaz de formar uma única frase.

Jackson parou dentro da área de desembarque e arrastou minhas coisas para fora do porta-malas. Então ele agarrou meus ombros e me puxou contra ele, enterrando seu rosto no meu pescoço enquanto seu grande corpo se curvava sobre mim.

— Isso parece tão errado, deixar você aqui assim.

— Eu vou ficar bem.

— Poderia ser melhor. Somente ... tenha cuidado, Maggie.

— Eu sempre tenho.

— Ah é? Você esqueceu como nos conhecemos? — ele me abraçou mais apertado. — Faça isso de forma inteligente e segura. Talvez você possa me ligar em algum momento... se você quiser.

— Eu vou, Jack. Eu prometo.

Sua voz era incerta, hesitante.

— Estarei esperando.

Capítulo Seis

Falha de comunicação

Eu estava apaixonada pelo Facetime. Não tinha mais espera na base do exército para usar o Skype via porcaria de provedor de IP que o Tio Sam estava pagando. Eu tinha um telefone celular e carregador movido a energia solar, cortesia do *New York Times*, e melhor ainda, eles estavam pagando a conta.

Não tive a chance de ligar para Jackson com a frequência que eu gostaria. Além do mais, a Jordânia estava oito horas à frente da Costa Leste, então a diferença horária tornava tudo difícil. Definitivamente vale a pena esperar.

Meu coração se sacudiu de alegria quando ele atendeu no terceiro toque.

— Ei, Maggie! É tão bom ver você. Você parece...

Jackson engoliu o que quer que fosse, e eu estava agradecida por isso.

— Eu sei, eu pareço horrível. — eu disse, passando uma mão pelos meus cabelos bagunçados. — Dia difícil.

— Não, você está ótima. — ele mentiu. — Eu só quis dizer, cansada. Você está bem?

— Estou bem. — eu encolhi os ombros. — Está mais quente do que o inferno e eu não me hidratei o suficiente. Estou com dor de cabeça.

— Isso não é tudo, não é?

Eu dei de ombros impotente.

— Você sabe como é aqui... as coisas que você vê. Estou acostumada a ver cadáveres... Bem, nunca se acostuma com isso, mas isso não me afetou como fez pela primeira vez, ou a segunda... — Eu respirei fundo. — Mas quando são crianças...

Ele engoliu em seco e assentiu. E fiquei tão agradecido por não ter de explicar. Porque Jack sabia. Ele sabia e entendia.

— Sim. Mas você está ótima, Maggie. Eu li o artigo que você escreveu sobre os Médicos sem Fronteira. Foi muito bom. Muito bom. —

disse com uma careta. — E essas fotografias...

Suas palavras saíram e ele desviou o olhar.

— Como você está? — Eu perguntei gentilmente, sabendo o quanto isso era difícil para ele, para nós dois. — Como Gulfport está tratando você? Conheceu algumas debutantes ultimamente?

Eu estava esperando fazê-lo sorrir, mas não estava funcionando.

— É um duplo golpe. Você está por aí, até o pescoço na merda, se

esquivando de balas e estou aqui. Tão útil como tetas em um touro.

— Jackson, — eu disse calmamente. — você de todas as pessoas sabe disso...

— Sim, sim. — ele disse grosseiramente. — Ignore. Estou muito feliz em ouvir sua voz.

E ele deu o seu sorriso de molhar calcinha. Ele estava tentando.

Ambos estávamos tentando. Para quê? Algum tipo de normalidade quando isso era apenas uma ilusão?

— Então, o que você está fazendo?

— Sentado aqui bebendo uma cerveja gelada.

— Oh, para!

Ele riu sem remorso.

— O copo também está gelado.

— Eu te odeio!

— Não, você não odeia. Você realmente me ama.

Houve uma pausa desconfortável enquanto eu respirava com cautela, tentando morder as palavras que não estávamos prontos para dizer.

— Nah, eu só quero você por causa do seu corpo. — provoquei. —

Tire sua camisa.

Jackson sorriu.

— Somente se você tirar a sua.

Eu dei a ele um olhar irado.

— Hum, provavelmente não deveria fazer isso agora. — eu disse, deixando meu telefone mostrar o colete a prova de balas que eu estava vestindo, e meu capacete apoiado na cama ao meu lado.

— Ah merda, Maggie. — ele disse suavemente, estalando os olhos com preocupação.

— Estou bem, Jack. Mesmo. Apenas tendo cuidado, como você disse.

Mas isso me animaria, se você tirasse sua camisa. — e eu lhe dei uma piscadela, buscando atingir ele, buscando deixar as coisas mais leves.

Ele forçou um sorriso fraco, porque deveria, porque eu pedi, mas logo desapareceu.

— Provavelmente eu também não deveria começar a me despir.

Mamãe está com os amigos. Eu saí de perto para ter um pouco de paz e silêncio.

— Uma retirada estratégica?

— Algo parecido.

— Ah, pobre bebê! Você não pode lidar com pessoas mais velhas fazendo sexo?

Ele fez uma careta.

— Não com os amigos da minha mãe. Eles me conhecem desde que eu era um brilho nos olhos do meu pai. Isso seria muito errado.

Eu ri da expressão em seu rosto. Mas então ouvi a voz de uma mulher no fundo.

— O que você está fazendo aqui, está solitário, Jack, querido?

Ele deve ter colocado a mão no telefone porque a imagem ficou escura e sua voz ficou abafada.

— Apenas conversando com uma amiga, Emmy.

Eu não ouvi o que aconteceu depois, mas foram alguns segundos antes que o rosto apologetico de Jack estivesse de volta.

— Me desculpe por isso.

— Emmy?

Sua boca apertou.

— Uma velha... amiga.

— OK...

— Não há nada acontecendo, Maggie, eu juro. A mãe dela e a minha

são primas.

Eu lhe dei um sorriso reconfortante.

— Não estou preocupada, Jack. — falei honestamente. — Estou com ciúmes pra caralho que ela está com você e estou aqui, só isso.

— Mesmo?

— Sim.

Ele esfregou o rosto e eu não pude deixar de desejar que fossem meus dedos se arrastando sobre aquela mandíbula levemente enrugada.

— Deus, Maggie, você é incrível.

— Você não é tão ruim também.

Ele sorriu e piscou, sua expressão apertada, agora estava relaxando.

— Diga-me algo que ninguém sabe sobre você.

Ele me deu um sorriso divertido.

— Não hesite em fazer as perguntas fáceis!

— Estou falando sério. Coisas que você não contou a ninguém.

Não precisa ser grande, apenas uma coisa tola.

— Como o quê?

— Eu não sei. Qualquer coisa!

— Me dê um exemplo...

— Como... Quando eu termino um pacote de batatas fritas, lambo o sal de meus dedos, dou um nó no pacote. Eu não sei por que eu faço isso, eu simplesmente faço. Idiota, né?

Eu podia ouvir sua profunda risada ao longo das milhas e quilômetros de ar insondável.

— Uh, okay. Eu adoro andar na praia na chuva.

Não pude evitar o suspiro que caiu dos meus lábios.

— Eu sei que isso parece estranho, — ele disse defensivamente,

— mas o mar fica cinza como ardósia, e é selvagem e áspero, e eu geralmente sou a única pessoa lá. Tudo fica tão... limpo e pacífico. Eu realmente gosto disso.

Isso me falou muito sobre ele. E que ele era um romântico de coração.

— Nós devemos fazer isso quando eu...

De repente, houve uma explosão maciça e todas as luzes do acampamento se apagaram. Eu soltei meu telefone, peguei meu capacete e arrastei-me debaixo da beliche enquanto os mísseis passavam por cima.

A seis mil milhas de distância, Jackson pegou uma arma que não estava lá, seu coração martelava em seu peito. Ele olhou para a tela em branco de seu telefone.

— Oh, Cristo! Maggie.

Capítulo Sete

Uma estrada dividida

Jackson olhou para o seu telefone, seu coração trovejando como se tivesse acabado correr dez quilômetros com sua M1615.

Ele reconheceu o som que ouviu logo antes que a ligação de Maggie fosse interrompida. Ele conhecia muito bem o estrondo de uma granada propulsora de foguete que voava pelo ar antes de explodir. E

ele viu o terror em seus olhos antes que a tela ficasse preta.

Suor frio cobriu seu corpo, e uma década de treinamento o impediu de se assustar. Suas mãos não agitaram enquanto discava seu número três vezes, mas sua boca estava seca e seus músculos estavam tensos, treinados e prontos para entrar em ação.

Ele se sentiu inútil.

Ele engoliu seu medo pela segurança de Maggie a um pequeno espaço na parte de trás de sua mente e o bloqueou. Enlouquecer de preocupação não era uma opção, mas ele precisava fazer *alguma coisa* ou ele podia simplesmente achar que o espaço pequeno, escuro não estivesse sido tão afetado como ele queria que fosse.

Ele discou seu número duas vezes mais, mas tudo o que conseguiu foi ouvir a voz dela:

Você ligou para MJ Buckman.

Deixe uma mensagem e o número de contato.

Alternativamente, você pode deixar uma mensagem no meu escritório.

212 221 9595 ramal 703.

Ouvir sua voz gravada apertou o peito de Jackson.

15 Modelo de arma militar.

— Maldição, Maggie. — ele resmungou, de repente, precisando fazer algo com a adrenalina subindo por seu corpo.

Ele discou seu número do escritório, mas foi atendido por outra máquina, desta vez a assistente da MJ, Allison. Ele deixou uma pequena mensagem, depois desligou, batendo o telefone na mesa. Ele xingou novamente quando viu que tinha quebrado a tela.

Xingando e aflito, ele pisou em direção à casa de sua mãe, esquivando do bando de amigos com filhas solteiras que o rodearam o dia inteiro como abutres sobre a estrada. Não que sua mãe fosse imune a desejar casa-lo, ela sempre apresentava garotas ‘adequadas’ para ele desde antes de se formar no ensino médio.

Estava acostumado com as tentativas de sua mãe para fazê-lo ficar com alguém, mas ele também era um Fuzileiro dos EUA, hábil em discrição e evasão, e ele não tinha planos de se casar com uma mulher que só pensava no horário da sua manicure.

Ok, ele tinha generalizado. Mesmo em seu estado atual de ansiedade, ele sabia que estava sendo injusto. Mas ele não estava com disposição para brincadeiras. Então se abaixou ao redor do lado da casa e entrou pela porta da cozinha aberta.

Correu para o andar de cima, pulando de dois em dois degraus, depois parou, perguntando-se o que fazer. Sua energia reprimida precisava de direção, precisava de resposta. *Pense, caramba! Pense!*

Ele mal notou ao seu redor porque o último olhar de medo que ele tinha visto no rosto de Maggie o torturou, passando implacavelmente

como um filme de terror em sua mente.

Batendo a porta do quarto, ele agarrou seu cabelo e respirou por meio minuto sem parar. Quando ele abriu os olhos, ele não se sentiu melhor.

Seu quarto não havia mudado muito na última década. Troféus de futebol e pôsteres ainda o decoraram, e os anuários da escola secundária estavam alinhados nas estantes de livros, ao lado de fotografias de sua formatura no seu treinamento militar.

Ele não sentiu muita conexão com o lugar que ainda chamava de casa.

Quando estava de licença, geralmente dava desculpas para não voltar, preferindo ficar com amigos. Quando possível, sua mãe e sua irmã voavam para vê-lo, onde quer que ele estivesse. Ele disse a si

mesmo que gostava de fazer as viagens, surpreendendo-o com a habilidade de comprar, onde quer que estivessem. Mas algo sobre gastar tempo com Gray, ouvi-lo falar sobre Jules e as crianças, ouvir Maggie falar sobre seu pai, isso o deixou nostálgico. Então ele voltou para casa.

Ele olhou para o quarto de infância.

Provavelmente, apenas dormiu meia dúzia de vezes nos últimos dez anos. Não que ele pensasse muito, não quando dormia em lugares que até mesmo os ratos evitavam. E com as coisas que ele tinha visto —

e passado — fechar os olhos nem sempre era repousante. Na verdade, o melhor sono que tinha tido nos últimos anos foi quando ele estava enrolado em torno de MJ enquanto ela murmurava suavemente e se aconchegava contra seu peito.

Cristo, ele nunca foi muito carinhoso.

Ele não tinha certeza de que era uma boa ideia ir para casa. Por um lado, Mama não ficou impressionada de estar vendo um Yankee.

— E há tantas garotas do sul encantadoras que te serviriam muito melhor, Jackson Connor.

Sua mãe não sabia que tipo de garota lhe convinha, e até recentemente, Jack também não sabia.

Mas ele sabia agora.

Ele finalmente encontrou alguém com quem poderia imaginar um futuro, e ele a deixou ir ao inferno na Terra, onde não poderia protegê-la.

Droga!

Ela poderia estar ferida, poderia estar em algum hospital militar malditamente ferida, e não havia nada que ele pudesse fazer.

E em todos os anos que tinha sido um Fuzileiro, ele nunca se sentiu mais indefeso.

Respirou profundamente, depois afundou na cadeira dura da mesa. Firmando sua respiração, ele abriu a tampa do seu laptop e procurou on-line até encontrar o número dos escritórios editoriais do *New York Times*, em seguida, ligou do telefone fixo da casa.

Demorou dez minutos para passar por todos: da mulher que atendia o telefone, até o escritório de assuntos estrangeiros, até chegar

a uma parede de tijolos. Ninguém sabia nada e, se sabiam, eles não lhe diziam por que não sabiam da sua ligação com a Sra. Buckman. Essa foi uma resposta que ele ouviu várias vezes.

Ele bateu o telefone xingando novamente.

— Pense, droga! — Ele estava irritado, andando pelo quarto, com o celular quebrado preso em sua mão.

Forçando a se calmar, ele voltou a se sentar em sua mesa, suas mãos calosas pairando sobre as teclas.

Ele pesquisou todos os sites de notícias que encontrou, digitalizando-os por qualquer informação. E então encontrou um boletim de notícias de última hora que quase parou seu coração.

**ATAQUE A BOMBA EM UM CAMPO DE REFUGIADOS NA
FRONTEIRA DA SÍRIA – DEZENAS DE MORTOS.**

À medida que os minutos passavam, pareciam como horas, mais detalhes entraram. ISIS16 ou qualquer fodido grupo, reivindicava a responsabilidade pelo ataque.

O estômago de Jackson se revirou quando os relatórios aumentaram os detalhes. A maioria dos mortos e feridos eram mulheres e crianças,

a maioria dos homens recrutados era de um exército ou outro. Desde quando a guerra atingia inocentes?

Desde sempre, pensou Jackson, esfregando a testa.

Ele odiava sentir-se tão inútil. Os fuzileiros foram treinados para pensar, para lutar com inteligência, mas agora o inimigo estava a milhares de quilômetros de distância e Jackson estava desarmado, despreparado e fora do circuito.

Por que ele não pegou os detalhes de contato de emergência de Maggie antes de partir? Por que eles não falaram sobre essa possibilidade? Embora tudo o que aconteceu entre eles foi tão rapidamente, para que eles tivessem discutido isso. Porra, pelo amor de Deus! Ele, de todas as pessoas, sabia como era perigoso o Oriente Médio.

16 Estado Islâmico do Iraque e do Levante

Mas ele também conhecia a resposta enquanto ficava irritado silenciosamente: eles não queriam estragar as últimas horas juntos. A ironia abriu um sorriso amargo no rosto de Jack.

Ele levantou-se e caminhou ao redor de seu quarto novamente, sentindo-se enjaulado e impotente, mas obrigando-se a pensar. PENSE!

E então, finalmente, um novo pensamento veio até ele. Alguém estava transmitindo informações sobre o ataque às equipes de notícias, a história girando pelas ondas de rádio do mundo. Alguns jornalistas não identificados sabiam o que estava acontecendo.

Ele voltou à sua pesquisa on-line, cuspiu maldições quando os relatórios pareciam parar ou aterrissar, o relatório anônimo considerava mais importante que colocar a vida de um jornalista em risco ao dar seu nome ou linha de comando.

— É você, Maggie? — Ele sussurrou. — Por favor, tem que ser você.

Ocorreu-lhe tardiamente que o que ele estava passando era o destino de cada homem, mulher e filho, cada mãe, pai, esposa, marido que tinham um membro da família, um ente querido, nas forças armadas. Eles sofriam isso, dia após dia por meses a fio, anos até.

Ele estava ciente disso, é claro que ele estava. Sua mãe o lembrava tempo suficiente do que ele a fez passar, e ele sabia, tomou isso como parte do custo de seu serviço. Mas ele nunca experimentou isso assim

antes. Nunca. E isso era uma merda total.

Era sábado à tarde e ele não poderia enfrentar o pensamento de esperar até segunda-feira para telefonar para os principais escritórios do *New York Times* para descobrir o que estava acontecendo com a mulher que ele...

Jackson parou, seus olhos se alargaram com choque.

Maggie tinha estado em sua vida por alguns dias, embora ela estivesse em seus pensamentos por muito tempo — desde o momento em que eles se conheceram.

Ele não era um homem estúpido, e mesmo que ele fosse um fuzileiro naval por toda sua vida adulta, ele não estava totalmente alienado de seus sentimentos. Durante os dias que passou com Maggie, o respeito se voltou para a amizade e a luxúria se voltou para o amor.

Talvez. Possivelmente. Droga, definitivamente! Se o amor significasse que o pensamento de que ela não estar em sua vida era intolerável, então ele amava Maggie – MJ – que o pegou pelas bolas - Buckman.

Ele se lembrou de seus olhos escuros, largo e temeroso pela primeira vez que eles se conheceram, piscando com raiva e indignação quando ele pisoteou todo o seu idealismo com suas botas de tamanho 43. Mas ela voltou, não dando chance, e o obrigou a ver o quão importante era seu trabalho, por mais que odiasse isso.

Ela era uma mulher em um milhão.

Ele fechou os olhos, atraindo a memória de seu corpo suave e flexível sob suas mãos grandes, seus lábios rosa e seu olhar feroz enquanto seu corpo aquecia com excitação. Ela se deu a ele, exigiu de volta e os levou ao limite.

Os olhos de Jackson se abriram. Enquanto ele estava ficando quente e incomodado pensando em estar na cama com sua mulher, seu subconsciente havia resolvido o problema. Talvez.

Michael R. Gordon, o Correspondente Militar do NYT, e um homem que Jack já conheceu.

Ele se sentou em seu laptop, e digitou o nome de Gordon.

Ele já sabia que Gordon tinha sido o único repórter embutido com o

comando aliado no Iraque em 2001, quando Jack ainda estava no ensino médio e Gordon foi o primeiro a denunciar o suposto programa de armas nucleares de Saddam no ano seguinte.

O cara não era um veterinário, mas ele ajudaria. Jackson estava certo disso.

Encontrar o e-mail de Gordon não seria muito fácil, mas Jackson não ia desistir por isso. Ele precisava falar com ele — descobrir o que sabia e quem sabe obter informações internas. Mas suas pesquisas na Internet não trouxeram merda nenhuma.

Tempo para o Plano B, que tinha sido incubado cerca de dois segundos após o Plano A não ter sucesso.

Ele marcou um número que conhecia de cor: Numero de contato de imprensa da Marinha.

Sua testa dobrou ligeiramente enquanto esperava que a ligação fosse respondida. Ele olhou para esse número o suficiente quando ele tentou impedir que Maggie fosse incorporada em sua unidade no

Afeganistão. Bem, ele ligou uma vez e seu comandante descobriu, e lhe disse para obedecer as ordens sem criar problemas.

Ele segurou o telefone sem fio enquanto continuava a andar no quarto. Certamente, a Corporação da Marinha não fechava nos fins de semana, onde diabos todos estavam?

Finalmente, a ligação foi atendida, mas a primeira pessoa com quem falou foi inútil.

Não, eles não poderiam confirmar ou negar que tivesse havido um ataque a bomba no campo de refugiados de Zaatari. Não, eles não conseguiram confirmar que houve óbitos. Não, eles não podiam confirmar que uma escolta militar dos EUA tinha estado com jornalistas que podem ou não estar no campo. E não, eles definitivamente não conseguiram confirmar que a Jordânia era um país do Oriente Médio ou que o sol se elevava no leste e se colocava no oeste ou um urso na floresta.

Mas quando Jackson tinha educadamente insistido que a ligação fosse passada para um superior na cadeia de comando, ele finalmente obteve um resultado.

Bem, chegou a alguém não tão interessado, o sargento Jackson

Connor.

— Ouça, você está de brincadeira, minha namorada está lá fora fazendo relatórios sobre a crise dos refugiados e eu sei que houve um fodido 'incidente' em Zaatari, então pare de se masturbar com o Manual de Fuzileiros Navais, coloque esse pau pequeno de volta em suas calças e mande a sua merda ir passear e procure alguém saiba o que está acontecendo. Obrigado.

A linha ficou em silêncio e Jackson prendeu a respiração.

— Sim senhor! De imediato, senhor! — Veio a resposta preocupada.

Vários minutos passaram e Jackson tinha certeza de que estava crescendo cabelos grisalhos em sua cabeça, até que uma nova voz falasse.

— Sargento Connor, aqui é o Capitão Walter Hicks, do Escritório de Comunicação do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, Relações

Comunitárias. Você se importa em dizer-me por que você pediu que meu cabo pesquise seu Alfa Charlies17?

Jackson explicou pela milionésima vez naquela tarde, tentando se livrar de uma dor de cabeça crescente.

O capitão Hicks ouviu a história, pegou os detalhes de Jackson e prometeu ligar de volta. Ele não prometeu entrar em contato com a inteligência que Jack precisava, mas era algo.

Ele caminhou pelo quarto, esfregando os dedos sobre o peito e massageando intermitentemente suas têmporas. Irritado. Na missão, ele era conhecido por sua paciência e estoicismo, mas Jackson sabia que isso era diferente, e ele se sentia frustrado e impotente.

Água e ibuprofeno ajudariam a dor de cabeça, mas nada iria facilitar a dor crescente em seu peito até que soubesse que Maggie estava segura.

E quando ela a estivesse de volta nos Estados Unidos, ele iria malditamente amarrá-la na cama e nunca mais a deixaria voltar.

Colocando a cabeça fora da porta do quarto, ele desceu as escadas para a cozinha e agarrou alguns analgésicos e um copo de água gelada. Ele também pegou o celular da sua mãe na bolsa e trocou o chip, deixando-lhe um bilhete de desculpas e uma promessa de atualizar seu telefone assim que fosse a uma loja. Táticas sujas, mas

ele não se desculparia por elas.

— Jack, querido, o que você está fazendo na cozinha? Se escondendo de novo?

Emmy ergueu uma sobrancelha e sorriu para ele enquanto tirava um jarro de chá gelado da geladeira.

— À espera de uma ligação. — ele disse sem muita explicação, apontando vagamente para o telefone celular emprestado.

— É a garota com quem você estava conversando antes? — perguntou ela.

Jackson balançou a cabeça.

— Não exatamente, mas é sobre ela.

A boca de Emmy virou-se e ela desviou o olhar.

17 Alfabeto fonético da OTAN.

— Bem, espero que ela saiba quão sortuda ela é. Espero que funcione para você, Jack.

Ele observou o recuo de Emmy, equilibrada e elegante como sempre. Linda, também, se você gostasse desse tipo de coisa. E uma vez Jackson já gostou muito desse tipo de coisa. O suficiente para colocar um anel em seu dedo, mas não o suficiente para desistir da Marinha quando ela pediu a ele.

Pela primeira vez, ele entendeu o que deve ter sido para ela toda vez que ele foi convocado. Cada um de seus desdobramentos desde que ele se juntou a corporação começou e terminou com suas lágrimas. Na época, ele estava meio irritado, mas o destino com certeza estava rindo dele agora. Isso não fazia se sentir bem. Pior ainda, ele sentiu que devia pedir a Emmy desculpas. Mas ele não queria ir por esse caminho pedregoso agora.

Então, em vez disso, ele voltou para seu quarto e começou a fazer flexões para se livrar da acumulação de adrenalina que o deixava nervoso.

Ele tinha chegado a flexão 93 quando o telefone finalmente tocou.

— Connor, é Hicks. Tenho algumas informações, mas não é muito. Além de sua amiga, Ms. Buckman, havia um jornalista do *Washington Post*, Murray Sanders. Ele é quem publicou relatórios online. Não leia nada sobre isso...

Muito tarde. O coração de Jackson tinha disparado.

— Não há relatos de baixas americanas, e nós tendemos a receber mais relatórios. Eu também liguei para Michael Gordon. Temos um bom relacionamento de trabalho com ele neste escritório, então, se ele souber alguma coisa, ele vai ligar de volta. Me desculpe, eu não posso te dar mais neste momento.

Depois de fazer mais algumas perguntas, mas não conseguindo nada de novo, Jackson agradeceu o oficial e desligou, ainda mais frustrado do que antes.

Jesus, ele não aguentava mais esperar e ele estava quase reservando o próximo voo para a Jordânia e indo ele mesmo buscar Maggie.

Não que ele pudesse conseguir um visto assim tão rápido.

Não que os fuzileiros navais dos EUA o deixassem ir.

Jackson balançou a cabeça. Ele não acreditava em mentir para si mesmo, então ele sabia que sua reação ao desaparecimento de Maggie significava que seus sentimentos por ela eram mais profundos do que ele pensava.

O que significava que ele tinha outro problema: a mulher que ele suspeitava amar estava em um dos lugares mais perigosos da Terra.

E agora ela era uma desaparecida.

— Cristo, Maggie! Onde está você?

Capítulo Oito

Passos em Areia Movediça

No momento que a bomba explodiu, eu mergulhei para me proteger. Ouvi mais do que vi meu telefone quebrando na sujeira da tenda que eu compartilhava com Marc Le Buin, um jornalista franco-suíço que encontrei várias vezes ao longo dos anos.

À medida que mais granadas pipocavam por cima, eu me arrastei debaixo de uma beliche e coloquei meu capacete na cabeça, agradecida por já estar com meu colete a prova de balas.

Apertei os olhos, engasgando cada vez que uma bomba explodia, perguntando o quanto e quão pouca proteção o colchão fino e a armação de metal da cama me dariam. E com os olhos fechados, pude imaginar o horror no rosto de Jack, um segundo antes de termos perdido o contato. Seus belos olhos azuis escuros se abriram com choque, e acho que ele estava prestes a me dizer algo, mas agora não sabia o que era... e eu estava começando a ter medo de nunca saber.

Outra explosão parecia ainda mais próxima, e eu podia sentir o cheiro exagerado de combustível queimado, o cheiro encheu minhas narinas, me sufocando. Uma das bombas deve ter atingido um carro. O

chão tremeu quando mais explosões caíram, e senti como se eu tivesse caído no inferno.

Eu empurrei meu rosto para a sujeira enquanto as lágrimas me picavam os olhos.

As pessoas neste campo não eram ameaças, não tinham armas, eram refugiados! Estávamos sob proteção da ONU, não estávamos? *Por quê? Por quê!*

A pergunta bateu na minha cabeça na hora que a terra estremeceu, a concussão do ar comprimido esmagava a respiração dos meus pulmões. E eu sabia que não havia resposta na terra ou no céu que eu pudesse compreender.

O ataque a bombas continuou, e minha vida parecia piscar, ano após ano, até que eu finalmente ouvi o som profundo das metralhadoras pesadas do Exército jordaniano revidando o ataque.

Os pilotos de jatos atravessaram o céu com um rugido irritado, e explosões mais distantes queimaram o ar.

E então de repente... nada. Era o estranho silêncio das pessoas atordoadas gritando. Era como se dezenas de milhares de pessoas que viviam no campo de refugiados estivessem com a respiração suspensa.

E então, como uma onda que caiu sobre uma praia pedregosa, o som voltou com o gemido do grito de um bebê. Então, os gritos começaram, gritos e gritos, milhares de gritos em uma dúzia de línguas, gemidos desesperados dos feridos, ondulações estridentes e

lamentações dos recém-assassinados.

Eu me forcei a me sentar, meu corpo rígido e fraco enquanto olhei além das pesadas abas de lona da minha tenda. Percebi que minhas mãos tremiam. Eu não estava entendendo nada.

Então eu me forcei a dar um passo adiante, chutando as peças quebradas do meu telefone inútil debaixo da cama.

Eu deveria ter feito o meu trabalho, informado sobre as cenas da carnificina, mas em vez disso fui onde pensei que era mais necessário.

A barraca do hospital era uma cena do inferno. Homens, mulheres e crianças estavam passando por fora, suas roupas salpicadas de sangue, seus gritos de agonia instantaneamente enraizados em minha mente, e algo que eu só podia rezar nunca mais ouvir. Os piores feridos estavam em silêncio, fracos demais para emitir um som, seus corpos desligaram, seus olhos drenando de vida, mesmo quando passei incapaz de ajudar.

Uma criança, um garoto de cerca de quatro anos, sentou-se em silêncio chocado, suas roupas estava suja com poeira, suas lágrimas atravessavam a máscara de sujeira. Suas lágrimas estavam em silêncio também, sua boca aberta em um agonizado 'O', mas nenhum som saiu.

Mesmo que suas lesões físicas fossem alguns cortes e contusões, eu sabia que o dano seria muito além disso. Eu só podia adivinhar os horrores que ele tinha visto. Me perguntei se ainda tinha uma família.

Talvez os encontrasse mais tarde. Talvez.

Toda uma geração estava crescendo conhecendo apenas desespero, morte e destruição. Como poderia haver uma paz duradoura quando as crianças fossem encorajadas a transportar armas? Como a

vida poderia voltar ao normal quando essas crianças nunca haviam experimentado isso? O problema parecia muito grande, muito difícil, e impossível de resolver.

E aqui e agora, todos nós estávamos sofrendo os efeitos das vidas vividas no ódio.

Médicos e enfermeiras trabalhavam com distanciamento tenso enquanto tentavam atender mil pessoas ao mesmo tempo. O caos era uma palavra muito educada para tudo que presenciei.

— Posso ajudar? — perguntei, a uma enfermeira que estava passando.

Ela ergueu os ombros em um ombro indefeso, então apontou para uma adolescente que tinha uma ferida na perna, com uma queimadura vermelha brilhante ao redor dela.

— Aplique pressão. — ela gritou quando correu para uma criança cujas roupas estavam escuras com sangue.

— Então, o que? — gritei depois dela.

— Reze! — ela gritou por cima do ombro.

Eu me virei para a menina cujos olhos negros me observavam sem emoção. Ela puxou o vestido, pressionando-o contra a ferida enquanto o sangue mergulhou na areia que nos rodeava. Pressionei a perna, tentando não mexer no sangue enquanto escorria entre meus dedos.

Ao meu redor, pessoas estavam chorando e implorando ajuda, a maioria jovens, muitos jovens. Eu sabia que mais da metade dos refugiados neste campo eram crianças, mas vendo-os assim...

Eu fiquei com a menina, indefesa para fazer qualquer coisa, exceto aplicar pressão sobre uma ferida que não deixaria de sangrar.

Apertei, apertei, e falei com ela — bobagens triviais que não significava nada, coisas importantes que significavam tudo. Eu falei sobre Jackson.

Eu disse a ela tudo sobre o homem que entrou no caminho da minha vida, com os olhos brilhando. Eu disse a ela minhas esperanças e medos, e quando eu lhe disse tudo o que pude pensar, rezei, recitando os versículos da Bíblia que eu ouvi pela última vez no funeral de meu pai.

Ela não me entendeu, é claro, mas talvez entenda o tom. Talvez ela soubesse que eu estava orando por ela.

E, finalmente, o fluxo de sangue diminuiu e eu parei de falar. Não havia mais nada a dizer porque a menina estava morta, seus olhos escuros se abriram e fecharam.

E o que eu poderia fazer? Eu não era médica, não era enfermeira.

Eu não era nem um lutador. Tudo o que eu podia fazer era escrever sobre o que eu tinha visto e ouvido, dito e feito, e espero que alguém

leia e olhe por essas pessoas. Talvez até alguém que se importasse o suficiente para ajudar a acabar com essa loucura.

Mas quando o ódio é seu direito de nascença, a esperança parece muito longe, e eu me perguntei se Deus tinha ouvido minhas orações.

Não sabia o que fazer. Eu não podia simplesmente deixá-la. Eu queria fechar os olhos, mas minhas mãos estavam pegajosas com o sangue dela. Limpei no jeans e, com cuidado, apertei as pálpebras.

Não sei por quanto tempo fiquei sentada no sol abrasador. Eu sei que o suor tinha colado meu cabelo debaixo do meu capacete, e meu corpo estava embebido, marcas de sangue manchando minhas roupas, e minha boca estava tão seca quanto o deserto que me cercava. E

esperei.

Eventualmente, uma equipe de homens veio reivindicar seu corpo, tratando-a com um cansado respeito.

— Eu não deixei você. — eu sussurrei quebrada. — Me desculpe, não pude salvar você.

Uma vez que ela se foi, seu corpo minúsculo enquanto eles enrolavam um pano ao redor dela, uma mortalha funerária, entrei no hospital do campo de refugiados, andando entre os feridos, procurando uma maneira de ajudar, para dar sentido à minha presença neste poço de desespero.

As horas caíram na noite em que tropecei, ajudando onde pude, rezando quando não consegui. Não sei por que rezei, porque Deus parecia não ouvir.

Pensei em Jackson e como ele deveria estar se sentindo, esperando que não estivesse preocupado demais.

Pensar nele me trouxe uma sensação de calma no mar do caos, porque se eu tivesse morrido hoje — ontem — se seu rosto tivesse sido o último que eu vi na vida, não teria sido tão ruim. Mas agora que eu estava viva, tudo o que eu queria era encontrar meu caminho de volta para ele, um passo lento por vez.

Finalmente, o hospital se acalmou, um ar era de desolação quando os mortos foram removidos, o pior ferido foi operado e administrou medicação analgésica. Muitos menos gravemente feridos ainda estavam alinhados nos corredores, mas o choro era mais suave agora,

como se o esgotamento e a desesperança tivessem substituído o medo e a raiva.

Arrastando os pés eu cambaleei para minha tenda.

Marc estava sentado em sua cama, digitando furiosamente em seu laptop. Olhei para ele com cansaço, sabendo que deveria estar fazendo o mesmo, fazendo meu trabalho.

Ele olhou para cima, e eu vi a insuportável derrota e miséria em seu rosto.

— *Mon Dieu!* Achei que você tinha sido ferida, *ma belle!* Mas você está segura, eu acho.

— Estou bem, eu acho.

Ele levantou-se para me abraçar, então olhou o sangue na minha roupa.

— Eu estava ajudando no hospital.

Ele assentiu, sua expressão sombria enquanto beijava minha bochecha suja e apertava meu ombro.

— Cinquenta mortos até agora, e haverá mais de manhã. —

Consegui enviar um relatório. A equipe dos Médicos Sem Fronteira me deixaram usar seus comunicadores via satélites para fazer um boletim curto. Estou escrevendo no caso de eu conseguir enviar isso mais tarde.

— Seus olhos estavam vermelhos enquanto ele olhava para mim. —

Você deve descansar, MJ.

Dei de ombros.

— Eu preciso tomar um banho.

Marc fez uma careta.

— Isso também não está funcionando. Uma das bombas atingiu a torre de água. Eles estão guardando tudo o que podem.

Suspirando, tirei meu capacete e colete, e Marc virou as costas enquanto tirava minhas roupas ensanguentadas e suadas de suor.

Foi bom ele fazer isso, não que eu me importasse. Eu estava muito cansada e não era seu tipo.

Em pé, de calcinha, usei lenços umedecidos para bebês, para me limpar o melhor que pudesse. Então me sentei na minha cama e escrevi um relatório apaixonado. Então o li de volta e corrigi para que ficasse uma matéria jornalística adequada, uma com mais fatos e menos lágrimas. Eu aprendi com a experiência que meu editor esperava a verdade, mas verdades que não poderiam ser refutadas em uma data posterior. E além disso, devia isso a essas pessoas, essas pessoas que sofrem, fazendo o meu trabalho mais profissionalmente que pudesse.

Até agora, Marc estava esticado em sua cama, mas quando eu olhei para cima e vi seu rosto iluminado pela luz azul da tela do meu computador, seus olhos estavam abertos. Não achei que muitas pessoas pudessem dormir bem esta noite.

Estava amanhecendo quando finalmente caí em um sono incômodo e agudo, sonhos irregulares e imagens feias me torturando durante a hora em que minhas pálpebras estavam fechadas.

Meus olhos estavam pesados quando relutantemente os abri, e meu corpo já suave do calor fervente na barraca sem ar.

Marc estava sentado na cama sem capacete, digitando rapidamente.

— *Chérie*, os satélites dos Médicos sem fronteira estarão online em uma hora se você quiser registrar sua história.

Suas palavras eram o impulso que eu precisava.

Eu revi o que escrevi na noite anterior, corrigi alguns erros de digitação, depois me vesti rapidamente. Eu precisava falar com algumas das pessoas responsáveis pelo acampamento para obter uma estatística. Peguei minha câmera também, tirando fotos dos danos feitos pelas bombas e as longas filas que ainda serpenteavam ao redor do hospital.

Demorou 45 minutos da minha preciosa hora para conseguir o que precisava de um major atormentado no exército jordano. Eu esperava ter um breve encontro com Kilian Kleinschmidt, o coordenador sênior de campo do ACNUR, mas ele estava muito ocupado coordenando a chegada dos tanques de água para falar comigo.

A equipe do acampamento às vezes tinha um relacionamento desconfortável com a imprensa. Eles precisavam de nós, precisavam de nós para contar ao mundo sobre o enorme sofrimento, mas também protegiam as histórias exploradoras e voyeurísticas. Além disso, éramos um dreno sobre os escassos recursos.

Então eu corri para a tenda dos Médicos sem Fronteira e enviei meu relatório e fotografias. Eu também disparei um e-mail rápido para Allison, minha colega de trabalho e Jack, dizendo a ambos que estava bem e estaria em contato quando pudesse.

— Senhorita Buckman, eu tenho uma mensagem para você. —

disse a mulher franco-canadense que me deixou usar o computador por alguns minutos preciosos. — Hum Michael Gordon? Do seu jornal.

Eu não conhecia Michael muito bem, mas o suficiente para gostar e respeitá-lo. Ele era nosso correspondente militar e um veterano experiente de mais guerras do que gostaria de contar.

— O que ele disse?

— Ele queria saber se você estava bem depois do ataque. Eu disse a ele que não sabia, mas pedi para ele ligar de volta esta manhã.

— Tudo bem, obrigada. Ele pode não ligar de volta, visto que eu enviei meu relatório. Ele vai vê-lo assim que se sentar na mesa com o editor e saberá que eu estou... viva.

Fiquei tocada por Michael ter se preocupado.

— Eu tive a impressão de que ele estava perguntando em nome de outra pessoa. — disse a mulher. — Seu marido, talvez? — Então ela olhou para o meu dedo anelar sem aliança. — Ou seu namorado?

No meio de todo calor e horror, não conseguia me impedir de sorrir. Meu namorado? Meu Sargento intenso que deslocaria o céu e a terra para proteger as pessoas que gostava? Sim, eu só podia imaginar as cordas que Jack tinha puxado para chegar até Michael Gordon.

— Ah, olhe para esse sorriso. — disse a mulher, seu prazer em ver minha felicidade limpando seu cansaço por um segundo. — Estou feliz por você.

Agradei de novo e fui embora.

Passei o dia entrevistando tantas pessoas quanto pude, rabiscando furiosamente, depois escrevendo minhas anotações em mais

relatórios. Eu assisti o lento progresso à medida que o corpo do telefone celular foi reconstruído, amarrado com velhos pedaços de fio e corda, e assim que estava funcionando, peguei emprestado o telefone celular de Marc para ligar para Jack.

Sua voz era suave quando ele respondeu o número desconhecido.

— *Connor. Quem é?*

— Jack, sou eu.

Houve um longo silêncio.

— Jack? Olá?

— *Maggie...*

Sua voz se quebrou, e de repente todo o esforço de me manter controlada, de ser forte, acabou com lágrimas nos meus olhos.

— Sim. — eu sussurrei. — Sssou eu. Estou bem.

— *Eu achei ...*

— Eu sei, Jack. Eu sei. Mas estou bem, eu juro. Isso foi... difícil por um tempo.

— *Eu li o seu artigo... Jesus, Maggie!*

— Estou bem. — eu repeti. — Eu vou para casa. O jornal retirou todo o pessoal de volta à capital, Amã. Eu tenho uma entrevista para fazer lá, então eu estarei no primeiro voo, depois de amanhã.

Eu voltaria a Nova York, mas não sabia quando eu veria Jack novamente. Eu sabia que ele estava visitando sua mãe. Eu não podia esperar que ele pulasse em um avião só porque eu voltaria para a cidade.

— *Eu sei.* — disse ele. — *Falei com a sua amiga e a atormentei até que ela me contasse o que estava acontecendo.*

Eu ri.

— Você deve ter realmente encantado ela se a fez sentir de bom

humor no escritório em um domingo!

— *Sim, hum, não fique brava, Maggie...*

Ele parecia estranhamente reticente.

— Por que eu ficaria?

— *Então, eu consegui que Allison fizesse outro favor para mim...*

— Continue.

— *Pedi-lhe para conseguir um voo de conexão para Biloxi. — disse ele em uma rápida. — Allison concordou comigo que você precisava de férias depois... de tudo. Você não precisa ficar aqui, posso reservar-lhe um quarto de hotel, mas Mama adoraria conhecer você.*

Eu pisquei, oprimida por tudo o que ele estava dizendo.

— Calma, Jack. Deixe-me ter certeza de ter entendido. Você pediu a Allison que me comprasse um voo para Biloxi e você quer que eu conheça sua mãe?

Ele riu e eu imaginei seus olhos azuis escuros enrugando, seus dentes brancos sorrirem.

— *Sim, isso resume tudo.*

— Você faz alguns movimentos rápidos, Sarge.

— *Muito rápido?* — ele perguntou suavemente.

Talvez eu devesse ter ficado irritada com o comportamento abusado, mas não estava. Deus, não. Era tão bom ser cuidada. Eu estava sozinha o suficiente para saber que a independência às vezes pode ser muito solitária.

— Obrigada, Jack. — falei sinceramente. — Isso parece maravilhoso. E tenho certeza de que sua mãe não pode esperar para encontrar a amiga que ganhou seu único filho Yankee.

Desta vez, sua risada era mais profunda e despreocupada.

— *Você pode dizer 'namorada', Maggie. Ela vai te amar.* — disse ele.

E eu me perguntei se ele estaria preparado para me dizer as mesmas palavras um dia.

Nosso relacionamento nasceu das situações mais desesperadas, aquecidas pela amizade e o respeito, aumentadas pela nossa atração física e temperadas com a ameaça de perder tudo em uma explosão de poeira e violência. Não pude deixar de pensar que eu diria aquelas palavras especiais para Jack em breve, se ele estivesse pronto para ouvi-las ou não.

Estando perto da morte, eu sabia que queria viver. Eu queria experimentar tudo. Com Jack.

— Eu espero que você me encontre no aeroporto, Sarge. — eu disse, minha voz rouca de mais lágrimas.

— Eu estarei lá, Maggie. — ele disse com gravidade. — Eu sempre estarei lá.

Nós falamos por mais um minuto antes de eu ter que entregar o telefone de volta a Marc, um calor de felicidade me enchendo.

Parecia quase obsceno quando estava cercada por tanta miséria.

Quando cheguei ao Aeroporto Internacional Gulfport-Biloxi, eu estava viajando 29 horas. Eu estava além de exausta e sofria de choque de cultura inversa severa. Voltando para Nova York, passamos pelos campos altos, brilhantes e verdes, um contraste chocante com as ásperas planícies solares e os desertos da Jordânia. O Atlântico parecia muito azul, as pessoas também vestiam roupas coloridas, e havia tanta coisa. Água preciosa era desperdiçada na lavagem de carros, e foi surpreendente ver as grandes quantidades de bens de consumo no aeroporto Queen Alia de Amã quanto no JFK.

Eu me sentia pegajosa e suja, usando meus confortáveis jeans velho e tênis que ainda estavam manchados de um maçante laranja-marrom da areia Zaatari.

Minha bolsa com o laptop estava pendurada sobre um ombro, e minha mala de mão na outra. Eu esperei na esteira de bagagem com um deslumbramento, e quase perdi minhas bagagens enquanto elas circulavam.

Consegui arrastá-las no último segundo.

Enquanto tropeçava como uma sonâmbula, atravessando o aeroporto, pensei novamente como tinha sorte de nascer americana e, portanto, em teoria, livre. Apesar das perdas que eu tinha resistido durante

meus trinta e um anos, ganhei a loteria da vida. Mas ver Jackson esperando por mim, senti que ganhei o maior prêmio de todos.

Ele estava franzindo a testa, seu olhar intenso preso nos passageiros que passavam. Eu tomei um momento para observá-lo.

Ele estava usando uma camiseta branca lisa que se esticava sobre seus ombros largos, apertando seus bíceps enquanto cruzava seus braços através de um peito poderoso. Os shorts Khaki pendiam de seus quadris estreitos, mantidos no lugar por um cinto de couro desgastado.

E então a cabeça dele girou na minha direção e seus olhos cruzaram o meu. Eu vi um alívio e uma explosão de alegria no rosto, e eu não pude deixar de sorrir tão largo que eu tinha medo de assustar crianças pequenas.

Ele abriu o caminho pelas pessoas e me juntou em um forte abraço, com o rosto pressionado no meu pescoço, beijos macios pressionados contra minha pele.

Minhas mãos deslizaram por esses ombros largos e pelas costas.

Quando toquei ele, senti a tensão deslizar de seus músculos tensos. Eu relaxei em seu peito, deixando-o pegar meu peso, compartilhando o fardo. Minha garganta apertou-se e as lágrimas escorreram de meus olhos.

— Está tudo bem, Maggie. — ele sussurrou enquanto meus ombros tremiam. — Você está em casa agora.

As lágrimas encharcaram sua camiseta, mas com os braços em volta de mim, senti realmente que voltei para casa.

Eventualmente, eu estava sob controle e Jackson deixou cair um doce beijo na minha bochecha antes de juntar minhas malas em uma mão e segurar meus dedos firmemente com a outra.

Eu respirei profundamente, calmamente, deixando minhas emoções se estabelecerem como uma pilha de penas que flutuavam lentamente para a Terra. À medida que cada um caía, uma pequena parte da minha vida entrava nos eixos.

Ao sair do aeroporto, a estrada brilhava no calor, e além disso, o Golfo brilhava no sol da tarde.

Olhei pela janela em uma névoa de cansaço.

Atravessamos a cidade e continuei esperando que Jackson parasse em um dos hotéis da estrada do aeroporto, até que percebi que estávamos saindo da cidade.

— Jack, você não reservou um quarto de hotel?

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Não, querida. Você fica na minha casa. Mamãe quer conhecer você. Achei que estava bem com isso?

Olhei para minha roupa suja e amassada. Certamente, não era assim que eu teria escolhido conhecer a mãe de Jack.

— Você vai ficar bem. — ele disse, pegando a direção do meu rápido olhar. — Ela sabe onde você esteve e o que está fazendo. Ela me viu em pior forma.

— Seus elogios são esmagadores, Sarge. — eu disse secamente, fazendo-o rir. — Assim... quantas de suas namoradas ela conheceu antes?

Seus ombros apertaram-se fracamente e olhei com curiosidade para ele.

— Apenas uma.

— Cauteloso para me contar um pouco mais? — Perguntei gentilmente, perguntando-me por que isso era um tópico dolorido para ele.

— Eu fui noivo. Emmy. Sua mãe é amiga da minha. Sua irmã mais nova é amiga de Lucy.

— O primeiro beijo que você mencionou?

— O mesmo.

— Eu não sabia que você foi noivo.

Seus lábios pressionaram em uma linha fina.

— Foi há algum tempo.

— Posso perguntar o que aconteceu? — Eu parei enquanto sua

expressão escurecia. — Você não precisa me dizer.

Ele suspirou.

— Está bem. A mesma velha história, eu acho. Pode ser difícil manter um relacionamento nas forças armadas. Emmy não foi feita para ser a esposa de um Fuzileiro. Ela também era carente, muito dependente. Não é você, Maggie.

Ele olhou para mim, mas não sabia o que dizer.

— Ela me deu um ultimato: ela ou os fuzileiros navais. Ela me colocou na parede e eu fiz minha escolha. — Ele olhou para mim de novo. — E você? Você já foi casada?

— Não, eu nunca quis.

Ele parecia surpreso, mas era a verdade. Nunca conheci ninguém que me fizesse querer assim. Não vi qual era a vantagem de se casar quando quase dois terços terminaram em divórcio. Parecia um exercício de esperança em relação à expectativa, em vez de ser realista. O que não fiz, não poderia dizer, mas que eu estava reavaliando o meu ponto de vista de forma fundamental.

Finalmente, Jackson fez a curva esquerda em uma pequena entrada em forma de U, em frente a uma casa de estilo colonial com pilares pintados de branco. Eu não esperava algo tão grande.

— Eu acho que você pode ter deixado de lado alguns fatos salientes sobre sua educação, Jackson. — eu murmurei.

Ele piscou para mim.

— Eu conto boas histórias de dormir, Maggie. Pergunte-me mais tarde.

Agradei o seu entusiasmo, mas pensei que fosse mais provável que eu passasse por 12 horas, com uma meia chance.

Fiquei surpresa quando a porta se abriu e duas mulheres saíram.

Uma era claramente a mãe de Jack, compartilhando os mesmos olhos azuis, mas a outra era mais nova e muito bonita.

— O que você está fazendo aqui, Emmy? — Jack disparou.

— Pare com isso, Jackson Connor! — disse a mulher mais velha, olhando-me com atenção. — Você deve se desculpar.

— Tudo bem, Mama Connor. — disse a mulher mais nova com uma risada prateada. — Ele está sendo apenas ele mesmo.

Jack respirou fundo e senti que ele estava reprimindo seu aborrecimento.

— Mama, Emmy, eu gostaria que conhecesse minha namorada Maggie Buckman.

— Olá. — eu disse, estendendo a mão, fazendo uma careta com minhas unhas quebradas e mal tratadas enquanto eu olhava as mãos perfeitas da Sra. Connor.

— Encantada. — disse ela, pegando um sorriso rápido.

Emmy me deu um cumprimento fofo, então beijou Jack na bochecha.

— Nos vemos mais tarde! Aproveite a sua visita. — disse ela docemente.

A Sra. Connor acenou com carinho, depois me levou dentro, dizendo a Jack para me mostrar o quarto da Primrose, seja lá o que fosse.

Enquanto ele carregava minhas malas pelo corredor, vislumbrei um quarto decorado em papel de parede com tons pastel e amarelo.

Olhei para Jack com um sorriso confuso enquanto continuava caminhando.

— Estou assumindo que não é onde você está dormindo?

— Não, e você também não. Meu quarto está no corredor.

Ele jogou minhas malas em uma cama com um edredom escuro em um quarto que era decididamente mais masculino, e mais adequado para um jogador de futebol da escola secundária do que um homem adulto.

— Você tem certeza de que ela estará bem com isso? Eu não quero incomodar sua mãe.

Jack encolheu os ombros.

— Eu vou falar com ela. Depois do que eu passei durante as últimas 72 horas, não vou deixar você sair da minha vista.

Eu não queria falar sobre isso agora mesmo — era muito recente.

Em vez disso, alterei o assunto.

— Então, essa é sua noiva? — Eu disse, sorrindo para ele para aliviar a atmosfera de repente tensa.

— Foi. — ele fez uma careta. — Foi minha noiva.

Olhei pela janela para a mulher no volante, a mulher com roupa perfeita, cabelos perfeitos e maquiagem perfeita — uma princesa. E

então, olhei para Jackson, duro e acidentado, um núcleo de aço atravessava ele.

Eu não podia vê-los juntos, embora obviamente eles já estiveram

juntos. Uma vez.

Além do homem na minha frente, eu não tinha nada em comum com uma mulher como ela, mas não me sentia ameaçada. Jack era um homem mais do que capaz de fazer suas próprias escolhas. Eu fui quem ele pedira para ficar.

Além disso, ambos aprenderam que não tinha sentido se preocupar com coisas que ainda não haviam acontecido e talvez nunca acontecesse: você precisava viver o hoje. O controle era uma ilusão.

— Você sente falta dela?

Ele não respondeu imediatamente e eu respeitei isso. Ele a amou uma vez e as palavras que ele diria em breve importariam.

— Sinto falta de ser parte de algo maior do que apenas eu. É o que eu amo os fuzileiros navais. Com Emmy, eu teria feito parte de um casamento — sinto falta da ideia do que isso significava para mim... o sonho. Eu sei que não teria sido assim. Nós não éramos certos um para o outro. Mas eu também aprendi com ela. Então agora eu sei quando algo de bom vem. E não vou me afastar disso, Maggie.

Suas palavras eram pensativas e decisivas, e eu não tinha certeza de estar no bom estado de espírito para ouvi-lo falar sobre casamento assim. Então eu caí para trás em minha defesa usual de humor.

— Isso significa que eu tenho que aguentar você?

Ele sorriu.

— Quem disse que eu estava falando sobre você?

Eu envolvi meus braços ao redor de seu pescoço e puxei sua cabeça em minha direção, fazendo uma pausa quando nossos lábios estavam separados por um centímetro.

— Você está pensando em mim agora?

Seus olhos escureceram perigosamente enquanto seus lábios sugeriam um sorriso

Essa era uma forma sensual de dizer com o olhar, *eu vou te fazer implorar por perdão... e eu vou aproveitar cada segundo.*

Ele me beijou do jeito que um homem faminto roubaria um buffet querendo se lambuzar. Eu me sentia necessária e querida e desejada, e

todo meu cansaço sumiu.

Mas então sua mãe nos chamou, dizendo que a ceia estava pronta.

Seus olhos encontraram os meus, gostosos e divertidos.

— Você quer tomar um banho rápido, Maggie, enquanto eu...

uh... me acalmo.

Eu pisquei o olho para ele, depois abri minha mala, tentando encontrar algo para vestir que fosse tão próximo de limpo e sem estar arruinado quanto possível. Eu finalmente encontrei um par de shorts e uma regata que teria que se servir, por enquanto.

Cinco minutos depois, com cabelos e pele úmidos, sentei-me na mesa da mãe de Jackson.

Eu não achei que ela tenha gostado muito de mim, algo sobre —

meninas de carreira como você, — mas quando ela viu o quão verdadeiramente cansada eu estava, seus olhos se suavizaram, e não demorou muito para que ela estivesse me mandando para a cama.

Jackson seguiu um minuto depois, trancando a porta do quarto atrás de nós. Apesar do meu cansaço, passei minhas mãos sobre seu corpo, sentindo sua excitação pressionando os calções.

— Graças a Deus, você está segura em casa, Maggie. — ele disse seriamente.

Naquela noite, ele me amou com uma urgência e uma necessidade que era nova, e eu devolvi da mesma forma.

Com os nossos corpos pressionados no escuro, ele se abriu de uma maneira que ele nunca fez antes.

— Eu estava ficando louco. — ele disse suavemente. — Quando não consegui entrar em contato com você, imaginei o pior. Foi um lugar escuro para mim. E... Eu às vezes tinha sonhos ruins. Perguntando o que aconteceu com você... Não estou culpando você, não, não, mas... às vezes... — E ele limpou a garganta. — Às vezes eu acordo gritando. O

psiquiatra da marinha disse que as feridas invisíveis são as que são mais difíceis de curar.

Apertei meus braços ao redor dele.

— Oh, Jack. Eu entendo, eu sei. Eu tive muitos flashbacks depois do Afeganistão. Eu me sinto tão impotente em meus sonhos. Eu não tenho uma arma, não posso correr... e às vezes... às vezes, Jack, você não chega a tempo.

Seu corpo ficou tenso por um momento e então ele me puxou mais perto.

— Eu vou te contar uma coisa, Maggie, eu não tive medo da morte até te conhecer.

Olhei para ele, seus olhos brilharam à luz da lua.

— Eu costumava pensar que se eu morresse, descobriria se o Céu existe, teria amigos esperando por mim... e meu pai e vovô. Se não existisse, não saberia nada sobre isso.

Eu sorri.

— Você tem um jeito com as palavras, Jack.

— Mas agora que eu conheci você, tenho medo de te perder. Nos últimos dias...

— Shh. — eu disse. — Não fale sobre isso agora.

Eu me aconcheguei debaixo do lençol. Jackson era tão duro, como um tronco de árvore aquecido pelo sol, seu peito firme contra minhas costas, seus braços pesados envolvidos em torno de mim, seu cheiro de sabonete e lençóis limpos e era um homem quente e sexy.

E eu sabia que nenhum sonho assustador me tocara esta noite.

Capítulo Nove

Um novo caminho

Quando acordei, o sol estava alto no céu e ao meu lado da cama estava vazio.

Os lençóis do lado de Jackson estavam frios, mas uma única rosa vermelha estava no travesseiro e sorri.

Eu tinha visto Jack feliz, preocupado, irritado, intenso e concentrado. Eu o vi com raiva em seus olhos e um rifle em suas mãos; Eu o tinha visto doce, e eu o vi apaixonado. Mas nunca experimentei o homem romântico que estava mascarado pelo austero comportamento do guerreiro. E eu nunca tinha estado com um homem que deixou uma rosa vermelha linda, de haste longo no travesseiro. Na verdade, a maioria dos homens que eu namorava de Manhattan pareciam pensar que me faziam um favor quando se ofereciam para dividir a conta comigo.

Isso era novo. E eu gostei muito.

Eu me espreguiceei, sentindo a dor no meu corpo. Não só dos voos longos em assentos apertados, mas das horas da noite em que ficamos juntos e lavamos a intensidade dos últimos dias em um oceano de beijos, uma torrente de toques e uma nova e diferente emoção de profundidade.

Quando conheci o Sargento da Marinha Jackson Connor, vi um homem severo e taciturno. Eu assumi que ele era o tipo forte e silencioso. Mas essa era apenas uma faceta dele. Quando estávamos juntos, conversávamos sem parar, sobre tudo e sobre nada — nossas esperanças, sonhos e medos mais profundos.

Mas talvez Jackson estivesse fazendo seu melhor quando estávamos sozinhos na cama juntos. Toda a reserva de seu treinamento, seus anos como Fuzileiros eram deixados para trás nestes momentos mais particulares. E eu sabia que ele me mostrou um lado que poucas pessoas já tinham visto.

Eu não era ingênua. Ele admitiu que em seus vinte anos, as garotas na praia eram suas presas favoritas, e ele era um predador aperfeiçoado pelo treinamento, aparência e charme natural. Mas eu também entendo que esse tipo de encontros não o satisfaz. O que tínhamos era real, surpreendente e novo. Desfiava a ambos.

Eu balancei minhas pernas da cama e fui até o banheiro, mas quando minha mão tocou a maçaneta da porta, a voz de Jack subiu.

Olhei pela janela e encontrei ele no pátio falando com sua mãe que estava sentada debaixo de um guarda-sol.

— Ela parece muito... independente, querido. Mais velha do que eu esperava.

Ótimo. Estavam falando sobre mim. Já com dois agravantes contra

mim, aparentemente.

— Você vai gostar dela quando conhece-la. — veio a voz confiante de Jack.

— Eu já posso ver que meu filho aprova. — ela provocou gentilmente.

— Ela é diferente de qualquer outra mulher que conheci.

— Ela é.

— Agora, mamãe...

— Não estou dizendo que isso seja ruim, — disse ela rapidamente.

— mas como você vai transformar isso em um relacionamento com raízes? Posso ver o quanto você pensa nela, Jack, não sou cega. Mas você realmente acha que ela vai desistir de sua carreira como jornalista e segui-lo enquanto você constrói sua própria vida na Marinha? Não me entenda mal, eu gostaria mais do que tudo, que você dissesse para sua mãe que está deixando a corporação e indo para se estabelecer e fazer bebês para que eu possa ser avó, mas ela é a garota certa para isso?

E não era essa a questão?

Eu não queria mais ouvir. Se Jack tivesse algo para me dizer sobre o assunto, eu queria ouvir dele.

Eu me forcei a me afastar da janela e liguei o chuveiro.

JACK

Pensei no que Mama disse. Ela me conhecia melhor do que ninguém. Ou conhecia, até que encontrei Maggie. Não pensei que uma civil pudesse entender meu trabalho ou o que significava para mim, mas sim, Maggie entendia.

Parecia que ela tinha sido criada para mim, e ela era tão perfeita.

Mamãe sabia o que eu sentia por ela, mas também estava preocupada. Toda vez que eu tentava me aproximar de Maggie, ela olhava seus olhos como se eu estivesse tentando segurá-la demais. E

porra, se eu não queria dizer a ela que não poderia aceitar mais trabalho como aquele último. Mas eu sabia que ela estava esperando que eu dissesse alguma coisa, e pelo que me contou, foi a razão pela qual seus relacionamentos haviam falhado no passado. Então, eu mantive minha boca fechada sorrindo.

Mas também me fez entender Emmy um pouco melhor.

Tinha sido doloroso vê-la novamente, mais do que eu pensei que seria. Honestamente, eu não tinha passado muito tempo pensando nela nos últimos dois anos, apenas quando mamãe a mencionava quando conversávamos no telefone.

Mas eu podia ver isso nos olhos de Emmy. Ela pode ter sido a única a quebrar, mas nunca pensei que seu ultimato deveria me deixar bem.

Um mês depois de termos terminado, Emmy dirigiu-se para San Diego, implorando para tentar novamente, dizendo que cometeu um erro. Eu tentei ser tão gentil quanto possível quando disse a ela que não havia chance. Ela ficou histérica, soluçando e depois gritando comigo.

Eu não queria machucá-la, mas sabia que nosso relacionamento não estava certo. Se eu fosse honesto comigo mesmo, eu sabia que duraria por um tempo, e quando ela acabasse comigo, seria um alívio.

Mas agora, talvez um pouco, senti uma respiração suave através das brasas de sentimentos que eu pensava ter morrido. Sim, eu ainda me importava com ela, mas não era nada como o fogo das emoções que Maggie me fazia sentir.

Maggie me assustou porque eu me senti assim muito rapidamente. Era como saltar de um avião de transporte C130 e perceber que eu tinha esquecido meu paraquedas.

Mas quando eu a segurei em meus braços, ela me fez pensar nas tardes de verão no jardim de Mama — sua pele quente, o calor aconchegante em seus olhos, aqueles lábios sexy feitos por longos e lânguidos beijos.

Eu faria o que fosse necessário para segurá-la.

Mesmo que isso significasse deixá-la ir.

MJ

Eu

demorei

meu

tempo

tomando

banho,

pensando

profundamente. Se alguém entendia o quanto minha carreira significava para mim, era Jack. Ele tinha visto o quanto isso significava para mim. E apesar de poder imaginar um futuro com este homem, um futuro bonito, eu não estava pronta para desistir de tudo o que eu trabalhara. Pelo menos ainda não.

Não havia muitas pessoas casadas que faziam o trabalho que fazia e ainda menos mulheres. A maioria delas eram solteiras ou tinham famílias. Era raro encontrar um correspondente estrangeiro que combinasse cuidados com filhos e frequentes viagens no exterior.

Acontecia ocasionalmente, mas era difícil.

O banho me reviveu, mas fez pouco para lavar a triste compreensão de que os mundos que nos uniram nos separariam, e logo.

Em pé com uma toalha embrulhada em torno de mim, abri minha mochila e olhei criticamente minhas roupas. Tudo estava amassado, mesmo as poucas roupas limpas — o que não importaria se eu voltasse para meu apartamento em Nova York. Em vez disso, eu estava em um quarto tranquilo, cheio de sol, com o cheiro de flores do jardim, e com a sensação de me sentir fora do lugar, suja, como uma vagabunda em um evento black-tie.

Eu retirei uma calça e uma camiseta simples, empurrando o meu colete a prova de balas e calcinha suja no fundo da mochila.

Isso era tão bom quanto seria possível. Eu nem sequer tinha o meu estojo de maquiagem completo comigo — apenas um brilho labial, corretivo e um tubo de rímel quase vazio. Ah, e um pente. Dias felizes.

Deslizei um par de chinelos e desci para o pátio.

— Ei, querida! — Jack disse, levantando-se e tomando minha mão, me beijando docemente na bochecha.

Senti um leve rubor de calor na minha pele, muito feliz por ver o amplo sorriso em seu rosto. Pelo menos a conversa com sua mãe não o deixou de mau humor.

— Bom dia, Maggie. Você dormiu bem? — perguntou sua mãe educadamente.

— Muito bem! — eu disse, afundando em uma confortável cadeira. — Normalmente acordo no nascer do sol. Me desculpe, é tão tarde.

— Você estava desmaiada. — disse Jack, me derramando uma xícara de café. — É por isso que eu deixei você dormir.

Meus olhos se dirigiram para sua mãe, perguntando o que pensava de nós dormindo juntos sob o teto dela, mas ela nem piscou.

— É bom ver você parecer tão refrescada. — disse ela. — Jackson me contou um pouco sobre o que você passou naquele lugar terrível. —

Ela hesitou. — Eu li o seu artigo de jornal: foi muito... vívido.

Meu sorriso escorregou. Era impossível acreditar que este lugar tranquilo existia no mesmo planeta como Zataari.

— Obrigada. Isso foi ... difícil.

Ela assentiu.

— Jackson nunca quer me contar sobre o que ele está fazendo, — ela disse, seu olhar se movendo entre nós. — mas o que você faz... você é muito corajosa.

Fiquei surpresa, mas quando olhei para ela, vi abaixo da hospedeira educada do sul, a mãe que poderia criar um homem como Jackson Connor.

— Eu não sou corajosa. — eu disse, quando Jack apertou minha mão. — Eu escrevo sobre pessoas corajosas, e escrevo histórias que precisam ser contadas, só isso.

Houve um longo silêncio, e tentei pensar em algo para dizer que aliviaria a atmosfera desconfortável.

— Você tem uma casa muito bonita aqui.— eu disse sinceramente, de certo modo, de forma abrupta.

— Obrigada querida. Nós gostamos daqui também.

Perguntei se suas palavras tinham um duplo significado. Ela estava tentando dar a entender que um dia Jack gostaria de voltar aqui para se estabelecer? E por que não ele? Foi realmente adorável.

— Bem, agora, Jackson, — ela disse, mudando de assunto. — eu mencionei que a prima Laura fará seu chá de bebê hoje?

— Não, eu não acho que você disse. Quando ela ficou grávida?

Eu podia dizer pelo brilho em seus olhos que sua linguagem era um impulso deliberado para sua mãe. Ela deu um olhar que disse que sabia exatamente o que estava fazendo.

— Laura teve a sorte de *ficar grávida* dois meses após o casamento. — disse ela, levantando uma sobrancelha. — O bebê é para o outono.

— Eu acho que John está muito animado com isso.

— Sim, ele está ansioso por ser finalmente pai. — ela disse de forma significativa. — De qualquer forma, John pensou que você gostaria de recuperar o atraso e te chamou pra tomar uma cerveja com ele. — Então ela se virou para mim. — E a prima Laura convidou você para a festa do bebê. Não é adorável? Ela realmente é a garota mais doce. Infelizmente, eu sou voluntária em uma festa beneficente ou eu também iria. Ela também queria que Lucy fosse, mas a escola de verão vai ter atividades, e ela não pode fugir neste fim de semana.

— Isso é muito gentil da sua prima. — eu disse. — Mas quando eu fiz as malas, foi para um rápido trabalho em um campo de refugiados. Eu não tenho nada adequado para vestir em um chá de bebê e, para ser sincera, não estou segura de estar pronta para me jogar no mundo civilizado ainda. Pode ser difícil... me ajustar.

A mãe de Jack me surpreendeu me inclinando para a frente e pegando minha mão.

— Minha querida, essa é a razão exata para você ir: você precisa de algo inocente e alegre, algo para lembrá-la de que a vida continua.

Talvez eu não tenha experimentado o que você viveu, mas eu vi o meu filho retornar de missões uma e outra vez, então eu entendo um pouco.

Lágrimas começaram cair dos meus olhos. Seu calor e compaixão me

ascertaram como se eu tivesse uma mãe. Suas palavras ecoaram como se minha própria mãe me dissesse quando estava no hospital pela última vez — palavras sobre procurar a luz, mesmo quando você experimentou o escuro.

A mãe de Jack apertou minha mão enquanto eu olhava tentando esconder meus sentimentos.

— E quanto ao que vestir, tenho certeza de que posso encontrar uma coisa minha que seria perfeita para você.

Então, com outra aparência gentil, ela se levantou e se desculpou.

Eu tirei algumas lágrimas de meus olhos quando Jack moveu sua cadeira mais perto da minha.

— Você está bem depois disso, Maggie? — perguntou ele com ternura.

— Eu estava, até que sua mãe começou a ser tão gentil comigo. — eu disse, rindo um pouco.

— Sim, ela é genial. — ele disse calorosamente. — Ela realmente gosta de você.

Ele se debruçou e beijou meus lábios suavemente, depois se acomodou na cadeira, o braço apoiado na minha.

— Você não precisa ir ao chá de bebê. — disse ele. — Você deve descansar um pouco mais.

Eu pensei sobre isso. A oferta de ficar longe, neste lindo jardim, comer, beber e ficar tranquila, parecia muito melhor do que estar com um monte de mulheres excitadas que eu não conhecia. Mas, por outro lado, foi muito gentil que eles me convidassem. A mãe de Jack até se ofereceu para me emprestar algo para vestir — não queria que ela pensasse que eu não era grata.

— Na verdade, acho que sua mãe está certa. Pode ser exatamente o que eu preciso.

Ele me lançou um olhar céptico.

— Você não precisa. Ninguém vai pensar o pior de você. — disse ele, mostrando novamente como era astuto.

— Não, está bem. E serão apenas algumas horas.

— Bem, então, eu irei com você.

Eu ri ao pensar que este sargento dos fuzileiros de fala dura e pesada queria ver roupas de bebê.

— Você percebe, Sarge, que ir ao chá de bebê da sua prima vai expô-lo a perigosos níveis de estrogênio. Você terá que fazer muitas coisas machistas apenas para segurar sua posição de homem.

Jackson sorriu, seu sorriso branco contrastava com o bronzeado que ele havia desenvolvido no Afeganistão e completado na costa do Golfo durante a última semana.

— Eu dou conta disso. Talvez eu corte madeira e lute com jacarés antes de dirigir minha caminhonete, ouvindo Van Halen.

— Você acha que isso será suficiente? Talvez você deva morder as caixas de garrafas com os dentes.

Ele assentiu pensativo.

— E então eu vou esmagar latas de cerveja contra a minha testa, só porque...

— Você é um palhaço, Jack!

— Você traz isso em mim. — ele sorriu. Então seu sorriso escorregou.

— Você realmente está bem, Maggie? Você passou por muita coisa nos últimos dias.

— Honestamente? Eu não sei. Minhas emoções estão por todo o lugar, — admiti. — Normalmente eu levo pelo menos uma semana para começar a me sentir...

— Normal?

— Eu diria, sinto que posso continuar com minha vida. Essas semanas são quase como estar no limbo, ou... como se eu tivesse que passar por isso para sair do outro lado. Você sabe o que quero dizer?

— Sim, eu sei, Maggie. Temos de permanecer na base durante as primeiras duas semanas depois de voltar de uma missão. Somos informados e encerramos o que aprendemos ou fizemos. Então, depois ficamos bêbados e esquecemos tudo. — ele me deu um sorriso cansado.

— Todos nós temos que ver o psiquiatra na base também. Eu prefiro o

jeito que costumava ser.

— Qual é?

— Eu odeio falar sobre coisas ruins. Todo Fuzileiro encontra um psiquiatra nos dias de hoje. Todos nós temos a — cura — quando voltamos das missões. Eu preferia o método antigo: três garrafas de cerveja e 48 horas em Vegas.

— Eu não tenho certeza que é uma resposta particularmente saudável, Sarge. — eu disse suavemente.

Ele olhou para mim de um lado para o outro.

— Não me lembro de ter um chefe, um oficial ou qualquer outra pessoa que me diga para beber menos. É uma terapia barata.

— Isso é bastante cínico.

Jackson deu de ombros.

— É a verdade. Qualquer melhoria na nossa saúde mental, eles foram liderados por alguns comandantes seniores individuais, mas não há nada consistente. O resto foi liderado pelo público. Eles não gostam da maneira como seus heróis são tratados.

Sua voz aumentou sarcasticamente em — heróis — e ele me lançou um olhar.

— Eu acho que o relatório dos problemas ajudou. Mas na verdade não vem dos militares — os caras perderiam suas carreiras se dissessem a verdade sobre o que é.

— Mas certamente você pode conversar com o seu comandante sobre isso?

Ele balançou sua cabeça.

— Na verdade não. Você não deve ter sentimentos. Você deve ser um bom Fuzileiro e fazer o que você disse. — ele balançou a cabeça. —

Eu não sei o que seria se eu fosse embora. Você é um herói enquanto usa o uniforme. Mas, como civil? Apenas outra pessoa danificada, alguém para ignorar.

Ouvi a dor e a confusão em sua voz, mas seu cinismo me entristeceu.

Eu também sabia que essa expressão de vulnerabilidade era sua maneira de me apoiar, de me mostrar que ele entendeu o quanto era difícil voltar, fingir que não tinha visto as coisas terríveis que eu vira, fingir que não estive encharcada no sangue de outro ser humano. Uma criança.

Fechei os olhos, mas isso não bloqueou as imagens horríveis.

Nunca acontecia.

— Eu entendo, Maggie. — ele disse suavemente. — Você não precisa esconder nada, não de mim.

Levantei-me e deslizei no seu colo, minhas mãos enrolando em seus cabelos curtos. Enterrei meu rosto em seu pescoço, respirando seu perfume, acalmando aqueles braços fortes.

Ele me segurou, me balançou gentilmente e não falamos porque as palavras não eram necessárias. Um vínculo mais profundo de compreensão e experiência compartilhada nos uniu.

Eu não queria deixá-lo ir. Eu nunca quis deixá-lo.

Mas então eu ouvi o barulho suave das sandálias de sua mãe, e eu me afastei dele. Ele me segurou por um momento, então me soltou.

Deslizei de volta para a minha cadeira, mas da expressão suave em seu rosto, eu sabia que ela nos tinha visto.

— Bem, querida. — ela disse, sorrindo gentilmente para mim. —

Eu tenho dois ou três vestidos de verão que ficariam bem em você. Por que não vem comigo e escolhe o que você gosta.

— Isso é muito gentil da sua parte, Sra. Connor.

— Oh, por favor! A Sra. Connor era minha sogra. Me chame de Evelyn.

Jackson sorriu para sua mãe, e eu não pude deixar de pensar que tinha passado em algum tipo de teste — talvez com ambos.

Eu a segui até a casa, e ela me levou para o quarto dela, que era decorado generosamente com um violeta pálido.

Duas fotografias estavam em sua cômoda: um homem mais velho que era a imagem cuspida de Jackson e uma bela foto em preto e branco

de Evelyn com um bebê, Jack.

— Meus dois meninos. — ela disse, tocando os quadros de cada um com reverência. — Estou tão feliz que ele te encontrou, minha querida. Sejam gentis um com o outro.

Suas palavras me deixaram muda, mas antes de ter uma chance de digerir seu significado, ela apontou os vestidos.

— Agora, aqui estão três roupas doces que eu acho que parecem com você.

Ela apontou para um vestido bonito com babados cor de rosa que era mais adequado para uma garota como Emmy; um vestido azul pálido; e um vestido esvoaçante verde hortelã e um pouco hippie que era muito mais meu estilo.

— Oh, boa escolha, — disse ela, enquanto meus olhos caíam no vestido verde. — Isso ficará perfeito. Pertence à minha filha, Lucy.

Gostaria que ela pudesse estar aqui para conhecê-la.

— Jack disse que estava estudando no Ole Miss?

— Sim! Pelo menos um dos meus filhos decidiu ir para a faculdade. — ela sorriu. — Agora, eu tenho as sandálias mais lindas para combinar com ele.

— Isso é tão amável da sua parte, Evelyn. — eu disse, testando seu nome e achando que não estava desconfortável por estar tão familiarizada com ela. — Muito obrigada.

— Imagina! Qualquer mulher que possa dar um sorriso assim no rosto do meu filho... bem, eu acho que eu deveria agradecer *você*.

Ela passou para mim um par de sandálias baixas que eram simples e elegantes, mas também de aparência confortável, e me fez acariciar com a mão.

Eu não sabia o que fazer com a bondade dela depois de ter ouvido sua conversa com Jackson esta manhã, mas eu decidi levar de forma amigável.

Voltei ao quarto de Jack e me mudei para o meu vestido emprestado. Fiquei satisfeita quanto isso me serviu, e ainda mais satisfeita quando ouvi o assvio apaixonado de Jack.

— Você com certeza engana bem, Maggie. — ele provocou. — Você parece diferente quando não está de joelhos na lama e no pó.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre você. E seu quarto cheira muito melhor do que seu quarto de dormir em Now Zad.

Ele fez uma careta.

— Você tenta dormir com vinte outros caras roncando e suados.

Pensa nisso! Eu não quero que você saiba!

Eu ri e beijei sua bochecha com a barba feita.

— Eu vou levar isso em consideração.

Ele me deu um sorriso paralelo quando tirou a camiseta velha, trocando por uma camisa azul clara que destacava seus olhos e um par de calças cáqui.

— Parece que você está prestes a jogar golfe. — eu brinquei. —

Ninguém jamais acreditaria que você é um fuzileiro.

Ele esfregou a mão sobre os cabelos curtos e sorriu para mim.

— Eu jogo uma rodada de golfe muito na média.

— Você é cheio de surpresas. — eu disse, deixando um leve beijo em seus lábios. — Agora me leve a algum lugar onde eu possa comprar um presente para o chá de bebê.

— Sim, senhora. — ele disse me agarrando pela cintura e me girando.

— Eu mencionei que adoro quando você me dá ordens?

— Mais tarde você vai ver. — eu ri.

A única pessoa que conhecia no chá do bebê era Emmy, e parecia um tanto estranho. Mas para não dar o braço a torcer, ela não foi nada além de amigável, apresentando-me para as outras mulheres como namorada de Jack.

Todas estavam lindamente vestidas, pérolas sendo um acessório favorito, mas com a minha roupa emprestada, eu não me sentia muito mal vestida.

Emmy estava com um lindo vestido de seda shantung rosa que complementava perfeitamente com sua pele.

Eu a peguei olhando para mim várias vezes durante a tarde, uma expressão perplexa em seu rosto, como se ela não entendesse como poderia funcionar ou o que Jackson viu em mim. E não acho que consegui. Por um lado, eu era vários anos mais velha do que todas essas mulheres; e por outro, apesar de terem ido à faculdade e obtiver seus diplomas, apenas duas trabalhavam em tempo integral, e uma delas admitiu que desistiria do trabalho assim que estivesse grávida, o que planejava fazer o mais cedo possível.

Lisa, a única mulher que não tinha planos de ter filhos em um futuro imediato, me lançou um olhar simpático e veio sentar-se ao meu lado, explicando que era uma advogada, especializada em direito penal.

Tivemos uma discussão interessante sobre a política mundial até que as outras considerassem “muito inadequado” para a ocasião atual.

Provavelmente estavam certas.

O resto das mulheres foram amigáveis, curiosas, mas realmente eu não tinha nada em comum com elas. Eu sorri para as roupas do bebê e suspirei de forma esperada. Eu bebi chás gelados e ri das brincadeiras — acho que o alimento para bebês.

Quando Jack chegou de táxi para me levar ao jantar, eu estava mais do que pronta para sair. Duas horas de conversa me deixaram sentindo como a estranha que eu era. Mas, assim que entrei na sala, várias mulheres vieram abraçá-lo e beijá-lo, e foi só então que percebi que fazia mais de dois anos que ele não visitava sua cidade natal.

Emmy foi uma das que o cumprimentou. Ela era amigável, mas não muito amigável, apesar de não poder esconder completamente o desapontamento de que ele estava comigo.

Jack deu-lhe um beijo rápido na bochecha e mandou os cumprimentos de sua mãe.

Então, com um suspiro de alívio, subimos no táxi e fomos embora.

— Como foi? — perguntou.

— Muito educado. — eu disse com um sorriso. — Muito amigável.

— Você odiou, não foi?

— Não, honestamente eu não odiei. Não temos muito em comum, mas elas foram muito doces.

— Você é doce. — ele disse, seu olhar um pouco enfocado. — Você daria uma grande Fuzileira.

Não pude deixar de rir de sua observação.

— Isso está certo? Uma Fuzileira, hein?

— O exército britânico costuma colocar o WRAC, mulheres nesse posto do exército. — disse ele, com um largo sorriso.

— Como? Racks?

— Sim, o Royal Army Corps — *WRAC* das mulheres. Você sabe, racks... que significa ...

— Deixe-me adivinhar: você as ferra contra a parede.

Jackson explodiu rindo, acho que estava muito bêbado.

— Quantas cervejas você tomou enquanto eu estava naquele chá de bebê? — eu ri.

— Eu meio que perdi a conta. — ele murmurou em meu ouvido.

— Vamos para casa e foder.

— Todos vocês meninos do sul são cavalheiros? — eu ri.

Ele sorriu despreocupadamente e fez cócegas no meu pescoço quando me beijou.

— Oh garoto, acho melhor encontrar um restaurante e te alimentar. — falei.

— Eu certamente poderia comer, — ele sorriu, levantando as sobrancelhas e lambendo os lábios.

— Comporte-se. — eu disse. — Vamos te alimentar, então você pode me levar para casa e se comportar bem tanto quanto quiser.

— Deus, eu te amo, Maggie. — disse ele.

E desejei com todo o coração que ele tivesse dito as palavras quando estivesse sóbrio.

Fiquei outra semana com Jackson e sua mãe. Fiquei realmente à vontade com Evelyn, grata por ela estar disposta a compartilhar seu tempo comigo, uma estranha que tinha sido empurrado para ela. Mas naqueles dias, eu vi onde Jackson conheceu as pessoas. Atrás da mulher do sul de aparência suave, havia uma reserva acerada nascida da viuvez precoce e criando duas crianças pequenas sozinha.

Eu também achei que Jack tinha sido meio rebelde em seus anos mais novos e, ao invés de ir para a faculdade, faculdade de direito, que era o que havia sido planejado para ele, ele tinha saído de casa aos dezoito anos de idade para se juntar ao Corpo de Fuzileiros navais.

Mas o tempo passou muito rápido, e eu precisava voltar para Nova York e para a minha vida. Tinha trabalho para fazer, e a licença de

Jack estava quase terminada. Em mais dois dias, ele voltaria para San Diego.

— Não poderíamos estar muito mais distantes. — suspirei. — Eu em Nova York, você na Califórnia.

Estávamos enrolados na cama, atrasando o momento em que teríamos de nos levantar para que Jack pudesse me levar para o aeroporto.

— Vamos fazer dar certo. — disse ele, uma mistura de confiança e desespero gravada em seu rosto. — Se os dois quiserem, vamos fazer funcionar. — ele fez uma pausa. — Você quer, Maggie? Porque vou entender se for muito difícil. Porra, eu sei que você tiraria isso de letra.

— Claro que eu quero que funcione. — eu sussurrei, tocando em seu rosto com barba por fazer. — Mais do que tudo.

Seu sorriso estava cheio de alívio quando eu o beijei naqueles lábios macios e sensíveis.

— Três mil milhas são apenas uma inconveniência. — eu disse, tentando desesperadamente iluminar uma situação miserável. — Eu vou voar o mais rápido que puder.

— Duas vezes por mês? — ele perguntou esperançosamente.

— Sim, se eu puder. Muitas pessoas trabalham com relacionamentos de longa distância.

Ele me beijou de volta, um beijo com um certo desespero, aquecido e interrogativo.

Mas, ao que parece, eu estava brincando com o destino.

Capítulo Dez

Rindo do Destino

De volta a Nova Iorque, a calçada estava quente sob o solado fino de minhas sandálias e o ar aquecido cheirava a papel queimado. Eu estava me dizendo que poderia aguentar esperar por Jack por mais duas semanas até voar para vê-lo. Não estava segura de ter acreditado em mim mesma.

Me sentindo mal, consegui me encontrar com uma velha amiga, uma colega jornalista, para me alegrar. Eu também estava esperando que ela tivesse alguma visão sobre minha situação atual.

Lee Venzi tinha sido uma correspondente de guerra e escrito alguns artigos surpreendentes durante sua estadia com as tropas no Sudão, Iraque e Palestina. Como eu, ela conheceu um Fuzileiro no Afeganistão enquanto estava trabalhando, e agora ele era seu marido e tinham três filhos. A diferença era que seu marido já não estava servindo.

Ela já estava no café quando cheguei, e ela acenou quando me viu.

— Você tem um caramelo de latte Frappuccinote esperando! — ela sorriu. — Como você está, MJ?

— Ótima, obrigada! E você parece incrível. Eu não sei como você faz para manter um trabalho em tempo integral, correr com uma casa, e com três filhos.

— Ter um marido jovem ajuda. — ela riu, jogando seu longo cabelo escuro sobre o ombro dela. — Embora Sebastian tenha mais problemas do que o resto deles juntos.

Não pude deixar de rir com ela. Conheci o marido de Lee uma vez e tive que admitir que ele era muito gostoso, mas hoje em dia eu achava que ele se parecia mais a um surfista do que um fuzileiro naval, com os cabelos loiros e o bronzeado todo ano. Ele era um personal trainer e trabalhava com muitos veteranos feridos e pessoas com deficiência,

algo

com o qual ele teve experiência pessoal desde que foi gravemente ferido no Afeganistão e ainda mancava com uma das pernas. Eu também sabia que ele fazia alguns trabalhos como modelo para caridade. Ele certamente era bem bonito.

O homem era uma bagunça quente e uma força da natureza, mas quem visse ele e Lee juntos sabia que eles se adoravam apesar da diferença de idade.

— Como está Sebastian?

— Uma dor na bunda. — ela riu. — E maravilhoso.

Maravilhosamente irritante, irritantemente maravilhoso. Faça sua escolha. Ele está trabalhando com um fotógrafo chamado *Michael Stokes* em um novo livro, imagens de veteranos feridos.

— Eu o conheço. Suas fotografias são incríveis, realmente de muito bom gosto.

— Sim, são. Sebastian odeia mostrar suas feridas, mas esse é o foco do livro depois de tudo. Na verdade, era algo sobre o qual queria conversar. Você pode ajudar com publicidade?

Eu assenti.

— Claro, não há problema. Vou colocar uma matéria na seção de notícias, bem como em estilos de vida e entretenimento. Isso funciona para você?

— Perfeito, obrigada. Então, excelente trabalho em Zataari, a história era tão vívida. Eu só espero que faça algum bem.

Fechei os olhos e expirei lentamente.

— Obrigada. Espero que sim, também, simpatia de compaixão, bem, essa é outra história. Oh, Marc Lebuin estava lá. Ele mandou um oi.

— Marc! Como ele está?

Eu sorri, lembrando o estresse e como foi compartilhar uma pequena barraca com ele.

— O de sempre. Totalmente focado, casado com seu trabalho, embora tenha sido mencionado que ele está vendo um cara que conheceu em

Genebra. Pode ser o único. Eu recebo uma boa vibração do que ele diz.

— Ooh! Interessante! Eu vou ter que enviar um e-mail e descobrir. Agora, vamos lá, eu ouvi sobre você ver um cara que conheceu no Afeganistão?

Eu bufo silenciosamente.

— Onde você ouviu isso?

— Eu conversei com a sua assistente, Allison. Ela não podia esperar para me dizer que havia um novo homem gostoso em sua vida.

Então vamos lá, desembucha.

Eu sorri e balancei a cabeça.

— Certo, tudo bem. Eu o conheci em Helmand. Ele salvou minha vida, então me xingou por eu colocar a mim e sua equipe em perigo.

Não começamos muito bem. Ambos pedimos desculpas. Eu disse que pagaria uma bebida se ele estivesse em Nova York, e algumas semanas atrás ele apareceu do nada para cobrar isso.

Ela estreitou seus olhos castanhos para mim.

— Essa é uma história terrível! Você se autodomina uma escritora? Não escreva novelas de romance, MJ, porque você faria isso muito ruim.

Eu ri.

— Tudo bem, essa é a versão curta. — e suspirei, meu sorriso desaparecendo. — Como você faz isso, Lee? Como lida com estar casada com um ex-Fuzileiro? Você falou sobre os problemas de Sebastian com estresse pós-traumático e isso parece muito difícil às vezes. Eu nunca namorei um cara no exército antes. É um território desconhecido, e eu tenho que dizer que é um pouco assustador. Ou talvez seja assustador porque ele é...

— Especial? — ela disse gentilmente. — Você não tem que dizer isso, MJ, eu posso ver isso em seus olhos. Você realmente gosta desse cara.

— Eu sei. — admiti. — Eu *acho* que ... Eu sei que eu estou me apaixonada por ele. — Eu dei-lhe um sorriso irônico. — Um pouco inconveniente, visto que ele está a 480 km de distância, em San Diego.

Lee deu uma risada compassiva e apertou minha mão.

— Tudo bem, bem, aqui está o que eu aprendi: ser uma esposa de um Fuzileiro. Primeiro, você não ‘lida’ com um fuzileiro naval. Eles são uma raça diferente, diferente de qualquer outro homem que você tenha conhecido. Eles são treinados para serem solteiros e focados, autossuficientes ao extremo. Isso pode dificultar a resposta, difícil fazê-los a compartilhar o que eles estão pensando ou sentindo. *Você pode lidar com isso?*

Pensei no que ela disse. Lee estava casada com Sebastian por vários anos e eu sabia que eles tinham seus altos e baixos. Não seria fácil, mas eu suspeitava que já estava muito envolvida com Jackson para ir embora.

— Acho que sim. Jack realmente está bem aberto sobre o que ele sente. Está... bacana.

Os olhos de Lee se arregalaram.

— Então você já está à frente do jogo. Bom, MJ. E eu tenho que dizer, seu foco único tem um lado positivo também.

— Eu acho que posso adivinhar, — eu sorri para ela. — mas fale de qualquer jeito.

Ela se inclinou para a frente, seus lábios puxando para cima em um sorriso conspiratório.

— Isso os torna amantes muito habilidosos. — disse ela.

Voltei para o escritório com um sorriso no rosto. Falar as coisas com Lee realmente ajudou a esclarecer o meu pensamento. Ela e Sebastian deram tempo e espaço para si e trabalharam em ser um casal, tomando nada como garantido. Assim, embora ela não tenha aliviado nada, eu me senti mais confiante de que poderia fazer as coisas funcionarem com Jack, apesar de estarmos um longo caminho distantes. Sim, eu trabalhava para o *New York Times*, mas nestes dias, muitos correspondentes trabalhavam de casa em vez do escritório.

Tecnicamente, eu poderia trabalhar de qualquer lugar.

Eu ainda estava pensando nisso quando entrei na sala de reuniões e tomei meu lugar para a reunião mensal com o conselho editorial.

Dean Baquet, o Editor, convocou a reunião, e nós discutimos a forma como o jornal estava lidando com as eleições presidenciais e à cobertura que foi dada a ambos os candidatos. Então nos mudamos para histórias no exterior.

No final da reunião, eu tinha meia dúzia de tarefas para organizar e delegar a outros escritores mais jovens, mas quando deixei a mesa, Dean me deteve.

— Uma palavra, por favor, MJ.

— Claro, Dean. — falei, surpresa.

— Foi um bom trabalho nas histórias de Zataari. Muito apaixonada. Eu gostei muito delas.

— Obrigada! — eu disse, brilhando com prazer em seus elogios.

Dean era um homem difícil de agradar, então, o ouvir dizer que gostou do meu trabalho era um grande elogio.

— Você ouviu que David Kirkpatrick está saindo da cobertura do Cairo? — ele perguntou, cortando a perseguição.

— Não, eu não tinha ouvido isso.

Conhecia um pouco David. Ele era o correspondente do Oriente Médio há vários anos, e ele era um bom jornalista, muito bem respeitado.

— Sim, ele está voltando por motivos familiares aos EUA. Ele estará em casa até novembro. — Ele me deu um olhar questionador. —

Assim... Eu tenho acompanhado seu trabalho por um tempo. Muito impressionante. O trabalho é seu se você quiser: correspondente do Oriente Médio, do Cairo.

Minha boca caiu.

— Você está me oferecendo o trabalho de David?

Ele sorriu.

— Sim eu estou. Alguns dizem que não é trabalho para uma mulher — eu digo que você é a mulher para o trabalho.

Eu engoli, minhas emoções conturbadas. Era para isso que eu trabalhava, tudo o que eu sempre desejei — até encontrar um certo

sargento da marinha de olhos azuis.

— EU ... obrigada. — gaguejei. — Posso ter algum tempo para pensar sobre isso? É um grande passo.

Seus lábios se diluíram com decepção.

— Sim, claro. Pense nisso durante o fim de semana. Mas não espere muito para dizer sim, Sra. Buckman. Oportunidades como essa não acontecem todos os dias.

Apertamos as mãos e saí do escritório. Meu primeiro instinto foi chamar Jack e contar-lhe as novidades, mas então hesitei. Eu senti os fundamentos do nosso relacionamento vulnerável, e eu não tinha certeza do que aconteceria a seguir.

Capítulo Onze

Quilômetros para ir antes de eu dormir

Eu precisava ver Jack.

Nós já planejavamos que eu voltasse para San Diego duas semanas a partir de agora, mas eu não podia esperar.

Eu tomei uma decisão de uma fração de segundo, comprei uma passagem e agora estava carregando uma mala para a minha primeira viagem pelo oeste para ver Jack.

Quando liguei com os detalhes do meu voo para que ele pudesse me encontrar no aeroporto, não conseguiria manter a tensão fora da minha voz.

Três vezes ele perguntou o que estava errado.

Três vezes eu ri e disse: — O que poderia estar errado?

Seu tom era grave quando ele respondeu.

— *Eu não sei, Maggie. Me diz você.*

Nós ficamos separados há pouco mais de uma semana e foi uma das mais longas da minha vida. E agora eu tinha que tomar essa decisão enorme que queimava um buraco no meu coração.

— Jack, eu vou te ver neste fim de semana, — eu disse levemente, engolindo o nódulo na garganta. — e eu pretendo passar o maior tempo possível com você.

Ele sabia que eu estava sendo evasiva, mas não tentou forçar uma resposta, embora eu pudesse dizer que ele estava desapontado. Eu *queria* dizer a ele sobre a minha oferta de emprego, mas cara a cara, não por telefone. Eu queria ver seus olhos quando ouvisse minhas notícias. E, idealmente, queria ter decidido sobre o que ia fazer antes de vê-lo.

O que parece duro, mas eu precisava da minha cabeça limpa para tomar essa decisão, mesmo que meu coração teimoso continuasse gritando cada vez mais alto.

Eventualmente, ele suspirou e cedeu.

— *Eu vou contar as horas, Maggie.* — disse ele suavemente.

— Eu também.

Porque eu sabia o quanto poderia ser curto.

O meu voo foi adiado por mais de uma hora, o que não foi um excelente começo para o fim de semana. Mas quando vi Jackson, meu intestino revirou com apreensão.

Ele não estava de uniforme, mas não havia dúvida de que era militar, um guerreiro.

Seus braços estavam dobrados em seu peito, e seus lábios estavam pressionados juntos em uma linha fina e dura. E ele parecia irritado. Realmente irritado.

Ele parecia duro e inacessível, mais como o homem que conheci no Afeganistão do que aquele que adorava meu corpo com beijos e dizia palavras doces.

A maré dos viajantes fluía ao redor dele enquanto ele parecia feito de granito, uma ilha em um vasto oceano de humanidade turbulenta.

Eu tomei uma respiração profunda e tremenda enquanto o observava de longe, minha pequena mala pesava na minha mão, assim como minhas dúvidas.

Eu só trouxe bagagem de mão comigo, então pude ir direto para ele

sem perder um tempo precioso, mas agora desejava ter mais alguns minutos para me preparar.

Assim que dei o primeiro passo para frente, Jackson me viu imediatamente, seus olhos se estreitaram. Não houve sorriso de saudação ou felicidade em me ver.

Acabou o tempo.

Ele desdobrou os braços, sua expressão sombria enquanto avançava.

— Você voou três mil quilômetros para terminar comigo, Maggie?

Eu congelei, surpreendida pela agressão de suas palavras, pela dor escondida atrás de seu rosto inexpressivo.

Eu engoli e forcei-me a falar com o homem.

— Não. Mas você pode querer terminar comigo.

Ele nem sequer piscou, exatamente o mesmo olhar pedregoso que me aborrecia.

— E por que?

— Podemos pegar um café? E eu vou te contar tudo.

— Eu acho que eu gostaria de ouvir agora.

Uma bofetada de irritação me atingiu, mas eu o empurrei para trás.

— Jackson, estive em um avião abafado e superaquecido por quase oito horas — noventa minutos dos quais foi gasto suando na pista no aeroporto JFK. Estou cansada, pegajosa e com sede. Eu gostaria de tomar uma bebida antes de discutir minhas novidades com você.

Seus olhos se suavizaram e sua cabeça caiu.

— Merda, desculpe Maggie. Prometi que não faria isso. Mas eu estive aqui pensando se...

— Eu não estou terminando com você. — eu disse gentilmente. —

Mas preciso conversar com você. E, se não for pedir demais, um abraço e um Olá seria bom.

Ele envolveu seus braços em volta de mim, acariciando meu pescoço

através do meu cabelo.

Meus olhos se fecharam e meu corpo todo afundou nele, a sensação de estar em seus braços, me fazia desmoronar. Sem perguntas, sem julgamento, apenas Jack. Por um segundo, me senti tranquila, como se nada mais importasse senão esse momento, esse homem. Como se o mundo não estivesse esperando para nos reivindicar novamente.

— É tão bom vê-la, Maggie. Me desculpe, fui um idiota.

— Você está perdoado.

E ele estava. Como eu poderia culpá-lo quando ele se importava assim? Ele se importava muito.

Eu corri minhas mãos sobre sua camiseta, sentindo seus músculos tremerem sobre meu toque. Seus olhos se fecharam e ele respirou profundamente. Senti um pouco da tensão drenar de seus ombros rígidos, e ele me puxou com mais força.

— Eu senti saudades.

Suas palavras retumbaram contra a pele macia do meu pescoço, e eu senti o peso delas, entendendo o que eles lhe custaram.

— Eu sei. Porque também senti sua falta. Agora compre uma xícara de café pra mim, Sarge, antes que ela expire de sede.

Ele afrouxou seu aperto e me beijou levemente nos lábios, demorando por um segundo antes de se levantar.

— Sim, senhora!

Então ele pegou minha bolsa com uma mão e enrolou a outra em volta dos meus ombros.

Seu carro não era um carro, é claro, mas um Jeep — algo que parecia maltratado e machucado, como machista e masculino, como o próprio Jack.

Ele encolheu os ombros tímido quando me viu olhando o balde de ferrugem. Eu não ficaria surpresa ao ver uma fita adesiva segurando-o.

— Não é um sedan, então. — eu briguei.

— Tem caráter. — ele murmurou.

— Eu não sei, Jack. É possível ter muito caráter?

Eu levantei uma sobrancelha, e ele murmurou algo em voz baixa enquanto jogava minha bolsa no banco de trás.

— Prepare-se!

Seu pedido era brusco, mas eu não sentia falta do sorriso puxando seus lábios.

Demorou vinte minutos para que Jack abrisse seu caminho pelo trânsito de San Diego para a Mission Beach. Não dissemos nada de importante. Embora houvesse muito o que dizer.

Tive tanta sede quando ele parou fora de um pequeno café de praia, que eu consideraria beber água do mar. Bem, talvez não, mas quando a garçonete nos trouxe um copo de água gelada antes de anotar nosso pedido, eu poderia ter beijado ela.

— Então, qual é essa grande notícia? — perguntou Jack, incapaz de se segurar por mais tempo.

Olhei para os olhos azuis, desejando que eu tivesse notícias diferentes para lhe dar, e tomei um gole agradecido de água fria.

Então, um outro gole mais longo, engolindo a água enquanto escorria pela garganta seca, ignorando a gota que caiu sobre meu queixo por beber muito rápido. Jack alcançou a mesa e pegou minha mão e acariciou com o polegar.

Era um gesto tão terno e atencioso, tão natural e amoroso que eu queria chorar.

Em vez disso, eu dei-lhe o respeito que ele mereceu, dizendo-lhe tudo.

— Foi oferecido a mim o trabalho dos meus sonhos.

Correspondente estrangeira. Escritório do Cairo.

Ele respirou profundamente enquanto lutava contra a revolta de emoções que passava em seu rosto. Ele certamente não era tão impassível quanto parecia no aeroporto.

— Cairo, hein? Parabéns, Maggie. Você merece isso. Eu sei o quão você trabalhou. — e ele forçou um sorriso. — Em quanto tempo você está indo para lá?

Quão mais? Eu não sabia.

— É uma posição permanente. — eu disse suavemente.

Seus olhos se arregalaram e depois ele olhou para baixo. Ainda evitando o meu olhar, ele pegou a água e tomou um longo gole antes de colocar o copo cuidadosamente na mesa.

— Permanente?

— Sim.

Ele acenou com a cabeça, absorvendo a informação enquanto meu coração se movia por dentro do meu peito e meus dedos ficaram debaixo da mesa enquanto lutava para manter a calma.

— Não vão me permitir te visitar, Maggie. — disse ele, olhando por cima do meu ombro para o mar e esfregando os olhos. — Eles nunca me dão permissão para viajar para lá, não para o Oriente Médio. Todos os movimentos devem ser aprovados, e se você for apanhado, vai ser julgado pela corte marcial. Inferno, eu nem posso ir para TJ.

De todas as coisas que ele poderia ter dito para mim, eu não tinha considerado que ser um Fuzileiro restringiria sua viagem. Eu realmente deveria realmente ter pensado. *Muito estúpida. Muito ingênua.*

Meus lábios começaram a tremer, então eu os pressionei juntos.

O trabalho dos meus sonhos estava se transformando em um pesadelo.

Jackson sentou-se com a cabeça inclinada, e as mãos no colo.

Ele ainda estava olhando a mesa quando começou a falar.

— Eu serei honesto com você, Maggie. Eu quero te dizer para não ir, mas não tenho o direito de fazer isso. — ele desviou o olhar e balançou a cabeça. — Todos os anos eu fui um fuzileiro naval, escutei os caras deixando suas esposas e namoradas, e elas odiavam quando eles eram convocados. — ele deu um sorriso irônico. — Isso ficou velho.

E não posso dizer-lhe quantas cartas estilo ‘Querido John’ vimos ser queimadas. Algumas mulheres não conseguem lidar com isso, você sabe? Um cara recebeu os papéis de divórcio para assinar porque sua esposa encontrou formigas na cozinha e ele não estava lá para se

livrar delas. Foi apenas a gota d'água, acho. Eu costumava pensar que aquelas mulheres eram fracas, rasas até. Mas eu entendo agora, porque quero lhe dizer para não ir. Quero dizer-lhe para ficar nos EUA onde você estará segura... mais segura. Quero dizer-lhe que é muito perigoso.

Mas não posso. E estou sufocando, Maggie.

Sua voz se torna áspera.

Eu o alcancei, tocando na parte de trás de sua mão, mas ele não reagiu. Ele estava se segurando com tanta força.

Então, lentamente, seus olhos viraram-se para mim.

— Não me arrependo de dizer nada disso.

Eu acenei com a cabeça, minha garganta seca e meus olhos molhados.

— Obrigada por me dizer o que você está pensando.

Jack soltou um longo suspiro e bateu um dedo bronzeado contra o lado da cabeça.

— Eu tenho que dizer, Maggie, um monte de pensamentos estavam chacoalhando aqui desde a noite passada. Eu sabia que havia algo que não estava certo, mas eu não achei que você ia me dizer que ia morar no Egito.

— Ainda não disse sim.

Ele deu um leve sorriso.

— Mas você vai.

Agarrei meus dedos pela parte de trás da mão, apertei gentilmente e me afastei.

— Sim, eu vou.

Porque tudo o que ele disse era sobre homens arriscando seus relacionamentos para proteger nosso país. E em meu próprio jeito, era o que eu estava fazendo também — arriscando meu relacionamento com Jack porque meu trabalho era sobre algo maior do que eu, minha vida.

Para mim, o jornalismo não é apenas relatar a notícia, trata-se de

contar histórias de pessoas que não têm voz. E isso era importante para mim. Isso me levou, me disparou; Era importante para mim.

Se alguém entendia isso, esse alguém era Jack.

Eu esperava. Eu esperava que ele entendesse.

Finalmente, ele assentiu.

— Você *deve* dizer sim. Inferno, sou a última pessoa a dizer que não pode ir. Eu posso ficar ausente por seis meses, um ano. Mais, talvez. E eu estive. Dos doze anos que fui um Fuzileiro, talvez setenta meses tenham estado em solo dos EUA. Eu seria um hipócrita se tentasse dizer-lhe como viver sua vida. Mesmo que eu queira.

— Você não está bravo?

— Não. Mas eu sentirei sua falta como o inferno.

O nó de inquietação que se solidificou dentro do meu peito começou a se afrouxar.

— Então, você ainda quer fazer a coisa de longa distância? —

perguntei, hesitante. — Ainda mais longa distância? Mesmo que possamos nos ver duas ou três vezes por ano? Vivendo nosso relacionamento por e-mail e Facetime?

Parecia até mesmo mais sombrio, dizer isso em voz alta.

Dois anos, eu disse a mim mesma. Eu daria dois anos, vinte e quatro meses.

Em termos gerais, existem dois tipos de correspondentes estrangeiros: os que vivem toda a sua vida no exterior e os que se queimam rapidamente após uma ou duas postagens, preferindo viver nos EUA e fazer pequenas viagens no exterior. Depois de Zaatari, eu tinha começado a suspeitar que eu pertencia na segunda categoria.

Talvez eu devesse ter percebido isso anteriormente.

Jack ficou de pé e segurou as duas mãos na mesa com força.

— Longa distância? Inferno, sim! — ele disse suavemente. — Eu esperei demais para encontrá-la. Não vou deixar você ir agora. Eu quero tentar. Eu sei que não será fácil...

Um sorriso de alívio se espalhou pelo meu rosto.

— Jackson Connor, já te falei ultimamente o quão incrível você é?

— Não, você está falando sobre isso. — ele sorriu.

— Você. É. Surpreendente.

— E não apenas na cama.

— Não. Você é bastante incrível.

Nós terminamos nossos cafés em silêncio, contemplando o oceano, sabendo que em breve, muito cedo, estaríamos ainda mais longe, com um oceano, um continente e um rio de burocracia entre nós.

O calor do sol penetrou na minha pele e a expressão pensativa de Jackson lavou meus sentidos. De alguma forma, e eu ainda não sabia como, de alguma forma, ia ficar bem.

Subimos de volta ao balde de ferrugem, e Jack nos conduziu uma hora ao norte para um grande hotel de estilo espanhol perto do cais de San Clemente. As palmeiras lá fora chacoalhavam na brisa e o céu azul perfeito estava dourado com calor, mesmo nesta época do ano.

— Isso parece muito alto. — eu sorri para ele.

— Não tão alto quanto você merece. — disse ele docemente. —

Mas é muito legal. Muitos caras de Camp Pendleton usam isso quando as famílias visitam.

— Eu também posso ver o quartel enquanto estou aqui?

Ele encolheu os ombros.

— Claro, se você quiser. Não há muita coisa interessante que posso mostrar.

— Eu tenho certeza que você vai pensar em algo.

O calor flamejou nos olhos dele.

— Há uma ou duas coisas, agora penso sobre isso.

Saltando do Jeep, ele pegou minha mala e me puxou para o lado dele

quando entramos no hotel.

Havia algo ligeiramente desesperado sobre o modo como ele continuava me tocando, me deixando perto dele o tempo todo.

Estávamos contando os segundos para o adeus novamente.

A culpa lavou sobre mim, porque desta vez eu estava escolhendo um caminho que me afastaria dele. E qual era minha desculpa para isso?

JACKSON

Não fui inteiramente direto com Maggie. Ela acha que sabe o que eu faço na Marinha, e eu a deixei continuar pensando isso. Eu fui vago, não só porque há coisas que não posso dizer a ela, mas porque há coisas que eu não quero que ela saiba.

Minha MOS, especialidade operacional militar, é Marine Corp Recon. Somos tropas de elite, os olhos e ouvidos para o nosso batalhão.

Nós coletamos informações e lideramos ataques clandestinos e não convencionais contra o inimigo: minha ocupação de especialidade na marinha.

Quando eu estava no Afeganistão, Maggie pensou que estava com algum tipo de missão de relações públicas que acabamos por estar por perto para resgatá-la quando a merda aconteceu. Bem, eu faço o meu melhor. Os britânicos por aí chamam de “corações e mentes” por vencer

os civis, mas esse não era o meu primeiro dever e não é agora. E

quando você é um fuzileiro naval, seu senso de dever ofusca todas as outras prioridades, seja o funeral do seu tio ou assistir seu primeiro filho a entrar no mundo. Se o Corpo de Fuzileiros Navais diz, *Pule*, é melhor você ter molas em seus sapatos.

Eu sou o Líder de Equipe dos Snipers Scouts, que é uma maneira educada de descrever o que eu faço. Sim, nós coletamos muita inteligência em missões, mas nosso propósito real? Nós somos assassinos de longo alcance.

Penso que Maggie me abandonaria se soubesse disso? Talvez, no início. Eu acho que, como eu, ela está muito envolvida agora para fazer isso, embora eu não quisesse testar essa teoria ainda. Sobretudo

com as notícias da bomba.

Minha especialidade é a guerra do horizonte, o que parece bastante irônico dado que Maggie estará longe, longe da vista.

Mas aqui está a coisa: eu acho que devo ter uma promoção a qualquer momento agora. Aos 30 anos, eu seria muito jovem para um posto maior, que é o próximo passo, mas acho que está chegando. E

meu comandante sugeriu que eu retrocedesse das operações e assumisse mais um papel de treinamento. Tenho oito anos para ficar com os fuzileiros, então vou ter completado os meus vinte anos. Eu poderia ficar mais tempo, mas também há outras coisas que quero fazer com a minha vida.

Eu tinha doze anos de corporação, mas não sou ganancioso. Eu fiquei bem... na maioria das vezes... com o treinamento de mais jovens que se aproximam de mim. Eu não acho que seja uma coincidência que tenha tido esses pensamentos desde que conheci Maggie. Um ano atrás, eu reavaliei. Solicitei três locais de destino e, bem, há quatro lugares que o tio Sam parece treinar franco-atiradores: aqui em Camp Pendleton, no ensolarado sul da Califórnia; Marine Corps Base Hawaii, que todo filho da puta quer; e recuar para a Carolina do Norte, em Camp Lejune, que é onde eu comecei esta viagem.

Pouco antes de conhecer Maggie, aprendi que estaria em Pendleton, como costumamos ficar com nossas unidades, mas desde que conheci Maggie, a atração para o leste foi mais forte.

Sim, eu disse quatro lugares, eu sei. Eles também treinam snipers no Marine Corps Base Quantico na Virgínia. Sim, Virgínia.

Apenas quatro horas da cidade de Nova York. Apenas quatro horas de Maggie.

A vida é apenas uma piada após outra. Eu poderia estar me movendo três mil quilômetros mais perto dela, mas ela acabou de me dizer que está movendo na outra direção.

Eu quero dizer a ela, mas estou sem jeito. Quero dizer-lhe que tenho trinta anos e, finalmente, pronto para me comprometer com uma mulher pelo resto da minha vida. Quero contar a ela tudo isso.

Mas não posso.

Foi oferecido o trabalho dos sonhos a ela no Egito. E que tipo de

bastardo eu seria se tentasse detê-la? Eu nem tenho certeza se posso, o que me faz sentir como uma merda. Mas mesmo se pudesse detê-la, sei que seria a coisa errada a fazer. Ela se ressentiria, e o ressentimento se transformaria em ódio, depois decepção e indiferença.

Eu vi isso acontecer.

A vida nas forças armadas não é para todos, e é particularmente difícil para as famílias. Não é uma coincidência que, com as unidades que se instalem regularmente em breve, como SEALs, são constituídas por um número maior de órfãos e filhos adotivos do que o habitual.

História real. E se eu quisesse ser realmente cínico sobre isso, eu diria que os militares gostam dessa maneira. Eles querem que os piores filhos da puta da terra corram em direção ao inimigo, porque não têm nada a perder, não fogem, porque eles não têm uma família para voltar.

Então, agora não sei o que fazer.

Com Maggie no Oriente Médio, não quero entrar em uma função de treinamento. Eu quero estar lá fora, com ela, o que eu sei é idiota porque não vou me desdobrar para o Egito. Bem, provavelmente não.

Embora eu tivesse alguns amigos do EOD que estavam na Líbia ajudando a se livrar das minas terrestres.

Meu comandante é um cara bom, mas se eu for até ele e pedir para ser transferido para Quantico por causa de Maggie, ele riria de mim. Recebemos nossos pedidos e ficamos por três anos, não importa o que. Então eu ia para onde eles me enviassem, e esperaria que Maggie fosse voltar para mim um dia.

O lema é: *Lar é onde o Corpo de Fuzileiros Navais lhe envia*. Mas não posso evitar de pensar que lar é onde Maggie está. De qualquer maneira, eu tenho pelo menos mais três anos na costa oeste.

Todos esses pensamentos estão zumbindo no meu cérebro desde que ela me contou suas novidades.

Gostaria de ficar bravo com ela, mas quando olho nos seus olhos bonitos, não posso. Eu não vou passar este fim de semana sendo um idiota. Não sei quando a verei novamente, e vou fazer cada segundo valer.

— Onde você está, Jackson Connor? — ela diz, toda suave e sexy.

— Eu posso praticamente ver os pensamentos revirando em seu cérebro.

— Isso está certo?

— Sim, mas tenho um método de distração testado e aprovado que acho que poderia ajudar.

Ela se estica sobre os lençóis brancos da cama king-size e sorri para mim.

— Não sei, sou treinado para não me distrair, mas para completar a missão. Você tem certeza de que pode ajudar?

— Hmm, deixe-me ver...

Tudo o que é preciso é um toque leve de sua unha escorrendo pela pele do meu antebraço e eu estou tão aceso, há estrelas de merda que explodem atrás dos meus olhos.

— Está começando a funcionar? — ela ri com suavidade.

— Sim, definitivamente está. — concordo, deitando na cama ao lado dela, e cobrindo seu corpo magro com o meu.

Mas mesmo quando a língua pressiona em minha boca, começa uma discussão em minha mente que queima através de cada molécula do meu corpo, parte de mim está pensando, *Deus, eu amo você, Maggie.*

Tanto.

Mas não digo as palavras em voz alta.

Capítulo Doze

Uma Pedra e um Lugar Difícil

Jack estava lendo o jornal, enquanto esperava do lado de fora do escritório de seu comandante, mas ele só chegou até o título antes que jogasse de lado em desgosto.

Não ajudou. Ele dobrou o jornal e colocou em uma mesa a alguns metros de distância.

Finalmente, ele se inclinou e pegou novamente, lendo com avidez, franzindo a testa com tensão. Enquanto continuava a escanear as colunas de tinta pretas, sua pressão arterial começou a subir.

74 JORNALISTAS MORTOS EM ATAQUES ESTE ANO

A organização Repórteres Sem Fronteiras afirmou que quase três quartos dos jornalistas mortos foram vítimas de — violência deliberada e direcionada.

Cinco jornalistas do sexo feminino também foram mortos, incluindo Anabel Flores Salazar de 32 anos de idade, repórter policial do jornal mexicano El Sol de Orizaba.

— A violência contra jornalistas é cada vez mais deliberada. —

disse Christophe, o secretário-geral da Deloitte Repórteres Sem Fronteiras. — Eles estão claramente sendo alvo.

O coração de Jack estava pulando e ele sentiu a necessidade de apontar o rifle M40 na direção de...

Mas esse era o problema: ele não sabia onde o inimigo estava escondido. Provavelmente à vista. Provavelmente, dentro de uma dúzia de cliques de onde Maggie estava fazendo seu trabalho atualmente.

Seu joelho começou a saltar e o suor explodiu em sua testa.

Ele tirou o celular do bolso, desesperado por ouvir sua voz, desesperado por saber que estava bem. Ou tão bom como poderia ser, dada a força do perigo que ela estava caminhando.

Ele esfregou suas palmas suadas sobre suas calças camufladas e respirou fundo, forçando-se a se acalmar, depois enfiou o telefone no bolso do casaco. Ela não apreciaria ser despertada apenas para impedi-lo de ter um colapso.

Tenha controle, Fuzileiro!

Isso foi difícil, muito difícil. De certa forma, mentalmente mais difícil do que o campo de inicialização. Os fuzileiros não tiveram uma —

Semana do Inferno — como o treinamento BUD da Marinha para se tornar apto, embora houvesse uma fase — Crucial — no campo de

treinamento. Não, nenhuma Semana do Inferno, apenas treze semanas de merda.

Ele tinha sido um garoto magro e covarde quando passou no treinamento básico, e ele acreditava que tinha sobrevivido pelo pior que poderia ser jogado para ele.

Aquele garoto não sabia que estar separado da mulher que amava ficava mais infernal todos os dias.

Maggie só tinha ido há duas semanas e Jack odiava cada segundo disso. Eles concordaram em passar o Natal juntos com Maggie voando para a Califórnia para os feriados, mas ainda havia três meses de distância. Três longos e solitários meses com nada além de lembranças para se apegar, lembranças que passavam pelos dedos como neblina.

— Sargento Connor, você pode entrar.

A cabeça de Jack levantou quando ele ouviu seu nome, envergonhado de ter sido apanhado sonhando.

Ele acenou com a cabeça para a jovem secretária que estava esperando para o levar para ver seu Comandante, o Capitão Joe Richmond.

Jack entrou no escritório e ficou em atenção.

— À vontade. Sente-se.

— Obrigado, senhor.

— Bem, Jack, você e eu já cruzamos um longo caminho, não é?

— Sim senhor. Nove anos, senhor.

— Tanto tempo? E antes disso?

— Eu era apenas um soldado raso, senhor.

O capitão Richmond deu um breve sorriso.

Jack pensou em voltar para aqueles primeiros dias ao se juntar ao Corpo de Fuzileiros, e lembra que se sentiu como se fosse a maior aventura da Terra. Ele tinha assumido que não demoraria muito depois do treinamento, até que ele rolasse diretamente para o treinamento de atirador, Sniper18, já que ele conseguiu superar todos os recrutas que conheceu. Em vez disso, ele logo foi mandado para um

batalhão e foi convocado para a linha de frente em sua primeira missão no Iraque.

Depois disso demorou quase dois anos antes que desse seu primeiro tiro como sniper de elite.

Até então, percebeu que havia muito mais para ser um atirador do que simplesmente ter um bom tiro. E, além disso, havia apenas um pelotão de franco-atirador por batalhão de infantaria do Corpo de fuzileiros navais — talvez apenas dezesseis homens entre mil fuzileiros e marinheiros. Um sniper tinha que estar no topo do jogo, não apenas fisicamente, mas mental e profissionalmente. A maturidade era fundamental, já que os atiradores eram confiáveis para operar fora do fio, às vezes bem fora do alcance do suporte amigável. Cada membro da equipe tinha que conhecer seu trabalho de trás para frente e de dentro para fora, com um forte conjunto básico de habilidades de infantaria.

E ele tinha feito isso e estava orgulhoso, mas agora Jack estava em uma encruzilhada: profissionalmente e pessoalmente. E os dois caminhos importantes em sua vida não estavam andando necessariamente na mesma direção.

— Bem, Jack, você está pronto para ser o Sargento de Artilharia.

Parabéns.

Sua mente voltou para o presente e ele sentiu que o alívio e o orgulho o atravessava. Ele esperava ouvir aquela notícia, e todos os seus colegas lhe garantiram que sua promoção era eminente, mas ainda assim, era fantástico ouvir isso finalmente. O sorriso de Jack era verdadeiro e enorme enquanto ele estava para cumprimentar seu comandante.

18 Um atirador especial ou franco-atirador é um soldado de infantaria ou de uma força de segurança especializado em armas e tiro de precisão.

— Obrigado, senhor.

A cabeça de Jack estava girando. Ele ganhou sua promoção. Mas, de certa forma parecia uma vitória vazia sem Maggie estar lá para compartilhar com ele.

Seu comandante ofereceu um breve sorriso.

— Aqui está sua ordenação, Sargento. Estamos orgulhosos.

— Sim senhor.

— Dispensado.

Jack prestou continência e se virou, marchando pela porta e para o futuro.

Seja qual for.

MAGGIE

O suor se agarrava à minha testa enquanto junto meus cabelos em um rabo de cavalo, sentindo um frescor momentâneo na parte de trás do meu pescoço.

Não durou. A umidade estava em oitenta por cento e o aplicativo de tempo no meu celular dizia 36°C. Eu converti e fiz a conta na minha cabeça: dobrar e adicionar vinte, igual a... merda 92°F.

E o ar condicionado não funcionava.

Mas Cairo era muito diferente da cidade que eu esperava encontrar. Eu li histórias sobre as mulheres ocidentais sendo assediadas e os estrangeiros sendo enganados, cobrando em dobro ou triplo dos preços pagos pelos locais, mas essa não tinha sido minha experiência até agora. No geral, encontrei uma cidade fascinante e movimentada, onde a história explodia em mil cores, religiões, idiomas, tons de pele, estilos de vestimenta, fumaça de carros e especiarias.

Sim, tive que me lembrar de verificar as datas de validade dos alimentos e não beber a água da torneira, mas achei as pessoas amigáveis e acolhedoras, ansiosas para compartilhar sua amada cidade comigo.

Cinco vezes por dia, o chamado para a oração soava simultaneamente de autofalantes em toda a capital, começando com *azan* ao nascer do sol. O canto da música aumentava sonoramente no ar quente chamando os fiéis, e achava bonito.

O próprio Cairo era bonito e feio, atemporal e implacavelmente moderno, e mesmo depois de duas semanas, ainda era barulhento e confuso, mas eu estava começando a me encontrar, com a cumplicidade do meu antecessor, e apoiada por ele, Assim, era um

morador local que eu tinha herdado junto com meu pequeno escritório e um computador que ficava em cima de uma mesa bamba.

Os locais eram uma parte essencial do meu novo mundo: um guia local que poderia pensar em tudo e tinha centenas de conexões para fazer as coisas acontecerem. Ele sabia com quem conversar e quem evitar, quem poderia ser subornado e quem não deveria ser abordado.

Ele poderia encontrar um encanador ou um político e os meios para me dar acesso a eles. Em suma, sem ele, eu já teria falhado.

Asim era um homem alto, magro em seus quarenta e poucos anos que deslizava facilmente entre o meu mundo e o seu, às vezes usando um turbante com a *galabiya* típico do país, uma túnica longa até o tornozelo, ou mais geralmente calças com uma camisa de manga curta.

Uma vez ele usou jeans, se desculpou o dia inteiro por estar tão informal.

Ele também me ajudou a encontrar um apartamento, um pequeno lugar com uma cama, mas recém-decorado e sem ferrugem nos canos, que deixou Asim particularmente satisfeito. Se encontrava na movimentada área metropolitana de Masr el-Gedida, o que me fez lembrar de Manhattan com os seus restaurantes, bares, academias, e, claro, um McDonalds. Estava perto do escritório também, e, Asim assegurou-me ser um bairro seguro com baixa criminalidade. Era tudo relativo, é claro.

No Natal anterior, uma igreja ao lado da Catedral ortodoxa em Abbaseya foi atacada por apoiantes do Daesh, matando vinte e cinco pessoas. A sombra do terrorismo estava em toda parte e não conseguia me tornar complacente. Não quando minha vida dependia disso.

A roupa das mulheres era mais conservadora e menos ocidentalizada do que a dos homens, é claro, então fui cautelosa. Eu usava calças e camisas de algodão soltas, e carregava um lenço na minha bolsa o tempo todo. Nem todas as mulheres os usavam, mas a maioria sim, e me salvava de ser encarada o tempo todo.

Sem a orientação cuidadosa de Asim, a vida teria sido muito mais complicada por aqui.

No dia anterior, estávamos dirigindo por um subúrbio quando ouvi o som de fogos de artifício. Pelo menos, foi o que pensei que fosse.

Asim deslizou para baixo em seu assento e disse-me para fazer o mesmo. Em algum lugar próximo, armas estavam sendo disparadas. Eu puxei meu lenço da minha bolsa e coloquei na cabeça sem que me pedissem e eu vi os olhos escuros de Asim piscar para mim no espelho retrovisor.

O tiroteio começou de novo. Provavelmente foi mais uma revolta, mais pessoas protestando contra o atual regime.

Asim bateu o pé e teve o inferno fora de lá. Eu era uma jornalista com experiência suficiente para saber que você não deveria seguir em direção ao tiroteio despreparado. Mas eu também não fugia de uma história. Eu chequei o Twitter enquanto Asim fez uma rápida chamada em seu celular. A língua árabe falada rápida de modo acentuado derramou-se dele, seus olhos se acendendo até mim o tempo todo.

Vinte minutos depois, ele me garantiu uma entrevista com testemunhas oculares do tumulto, um rapaz de vinte e poucos anos que conseguiu tirar fotos de policiais armados agredindo homens com cartazes protestando sobre o envolvimento da Rússia na Síria.

Eu paguei uma pequena taxa pelas fotos, então entrevistei uma segunda pessoa para corroborar a história. Meu árabe era ruim, mas eu estava aprendendo.

Quando Asim me levou para casa, o relatório foi enviado ao *New York Times* em dez minutos.

A tecnologia moderna tinha seus benefícios.

Mas mesmo com todo o novo estímulo e a nova vida, com toda a agitação e a energia necessária para acelerar meu novo trabalho, sentia falta de Jackson. Eu senti sua falta horivelmente. O Cairo estava dez horas antes da Califórnia, então eu dormia quando ele estava fazendo uma pausa para o almoço. Sua hora favorita para conversar, era quando ele estava terminando o dia e eu ainda estava no meu pequeno apartamento antes de partir para o trabalho.

— *Olá baby!*

Apenas ouvir sua voz colocava um enorme sorriso no meu rosto.

— Ei, você! Como você está?

— *Bem. Saudades de você. Como tá indo?*

— Não é ruim. Tenho uma entrevista hoje com um general do exército egípcio.

— *Assim vai com você?*

— Sim, para a primeira parte da reunião. Provavelmente não para a entrevista em si.

Jack suspirou.

— *Eu queria que o cara estivesse armado, Maggie. Não posso acreditar que eles não lhe deram proteção armada.*

Era uma reclamação constante, mas eu sabia que isso surgiu da preocupação de Jack, de seu amor, embora ele nunca tenha dito a palavra.

— O que há de novo em Pendleton? — perguntei, mudando de assunto.

Houve uma pausa e eu podia ouvir o sorriso em sua voz quando ele falou.

— *Eu consegui minha promoção: o Sargento Gunnery Jackson Connor, ao seu serviço.*

Eu gritei no telefone.

— AIMEUDEUS! AIMEUDEUS! Isso é fantástico, Jack! Parabéns!

Eu estou tão orgulhosa de você!

— *Sim, é muito bom.* — ele disse calmamente.

— Muito bom? É maravilhoso! Trinta anos é muito jovem para ser nomeado Sargento de Artilharia, até eu sei disso. É incrível! Você é incrível!

Ele riu, feliz por estar feliz, feliz em compartilhar boas notícias.

— Como funciona? Você vai ter uma cerimônia de mudança de patente?

— *Sim, mas não é uma grande coisa.* — Ele fez uma pausa. —

Mama e Lucy virão.

Era grande coisa, era uma grande carreira, e senti o peso da tristeza pressionado no meu peito. Seria um dia importante para ele e eu não estaria lá.

— Isso é ótimo. — eu disse, tentando manter meu nível anterior de entusiasmo. — Quando vai ser?

— *Uma semana a partir de quinta-feira.*

Gostaria de estar lá, mas sabia que não era possível. Eu não poderia deixar o Cairo tão logo depois de chegar. Além disso, eu havia agendado entrevistas com um político, e ficaria muito ruim reprogramar isso em tão pouco tempo.

Tentei ficar feliz por ele. Fiquei feliz por ele. Eu também estava um pouco triste.

Ele pegou meu humor instantaneamente.

— *Talvez você possa vir a minha cerimônia de promoção, se eu me tornar o Sargento Mestre.* — ele brincou suavemente.

Ele estava tentando me fazer sentir melhor. O sargento-mestre era o melhor ranking que um Fuzileiro não comissionado poderia ser, e era raro. Não havia garantia de que ele chegasse lá, embora eu tivesse fé que poderia.

— É um evento, Sarge. — eu disse suavemente, e eu quis dizer isso.

Sua voz tinha uma saudade calorosa e rica quando ele respondeu.

— *Você tem que me chamar de 'Gunny' agora.*

Testei a palavra.

— Nah, parece — gummy. — Você sempre será Sarge para mim.

Houve silêncio na outra extremidade, e eu me perguntei se eu o tinha insultado ele sem querer.

— *Eu tenho algumas outras novidades.* — disse ele timidamente.

— Novidades?

— *Assim... meses atrás, antes de nós... Antes de você, perguntei sobre ser dispensado no Dia de Ação de Graças para poder visitar Mama*

e Lucy. Mas eles costumam dar aos caras com famílias, então não pensei que conseguiria. Mas eu consegui.. sim.

— Ah!

Teria sido maravilhoso passar o Dia de Ação de Graças na sua mãe, bebendo chá gelado no terraço, fazendo amor no crepúsculo.

Minha voz vacilou quando falei novamente.

— Sua mãe ficará tão feliz em vê-lo no feriado.

Ele suspirou.

— *Eu não queria te dizer antes de você sair, porque não pensei que conseguiria.*

Ele riu sem humor.

Suas palavras se apagaram e eu ouvi sua intensa exalação de ar.

Perguntei se ele estava nervoso em me contar. Ele não deveria estar; Fiquei feliz por ele e eu o vi no Natal. Além disso, o trabalho no Cairo não seria para sempre. Gostaria de ficar por dois anos, era um período razoável de tempo.

Deus, *dois anos* sem Jack.

Como se ele tivesse seguido o meu pensamento, Jackson falou novamente.

— *E há mais uma coisa, Maggie...*

— Mais surpresas? Você sabe como agitar a cabeça de uma mulher.

— *Apenas a cabeça?*

— Pare com isso! Tenho que ir para o trabalho em cinco minutos.

Não tenho tempo para... isso.

Nós éramos muito fantasiosos durante nossas ligações tarde da noite. Bem, tarde da noite para um de nós.

Ele riu.

— *Ok, não há tempo para isso. Bem, eu tenho uma folga de 72*

horas de Ação de Graças...

— Isso é maravilhoso, Jack! Estou tão feliz que lhe deram tempo para os feriados. Você obviamente não estava esperando isso.

— *Sim. Mas, eu estava pensando, quão fácil é para você chegar a Paris? Paris, França, não Paris, Texas?*

Minha respiração parou em minha garganta.

— É um voo de quatro horas. Jack, como assim?

— *Eu poderia encontrá-la em Paris.* — disse ele. — *Com essa folga de três dias, eu poderia estar lá por trinta ou quarenta horas.*

Meu coração saltou com esperança e saudade. E depois mergulhou novamente. Eu não poderia pedir isso a ele.

— Jack, eu... Mas isso é muito para você. E sua mãe ficará tão decepcionada.

— *Apenas diga sim, Maggie.*

— Mas ... sua família...? Oh, Jack! Eu me sinto mal. Não posso pedir isso para você...

— *Não, querida. Eu não sinto muito. Poderei ver Mama e Lucy na minha cerimônia. Quero estar com você no Dia de Ação de Graças. Está dentro?*

— Sim! — Eu disse alegremente. — Sim! Sim definitivamente! Sim Sim Sim!

E foi assim que acabei em um encontro com um Fuzileiro sexy e quente em uma das cidades mais românticas do mundo.

Capítulo Treze

Esperança e nenhuma esperança

Sete semanas depois - Novembro

Quando eu disse a Ben, o editor da divisão para correspondentes estrangeiros que ia passar de Ação de Graças, em Paris, ele me fez fazer um desvio através dos Países Baixos para acompanhar uma

história que tinha aparecido na Reuters a agência de notícias internacional, e ele queria que fosse explorado com mais profundidade.

Depois da louca cor caótica do Cairo, foi um tipo diferente de choque cultural no aeroporto de Schiphol, perto do centro da cidade de Amsterdã. Os amplos saguões e inúmeros produtos de luxo me fizeram levar algum tempo para me acostumar.

Eu pulei no trem local, que era um passeio de 25 minutos até o centro, examinando os cartazes para o Rijks museum e Van Gogh Museum, desejando que pudesse ficar aqui um pouco mais, mas também desejando acabar com esse trabalho logo, então poderia estar horas mais perto de ver Jack.

Nós quase conseguimos falar um com o outro durante as semanas intermediárias. Ele tinha estado no exercício, sem comunicação durante grande parte do tempo. Às vezes eu acordava pela manhã para encontrar um texto curto ou às vezes um e-mail esperando por mim. Principalmente, acordei com o desapontamento de não ouvir nada dele.

Eu estava ficando viciada em Jack, mas, em vez de os desejos desaparecerem, devido o tempo que ficamos afastados um do outro, eles se intensificaram, dobrando em força a cada semana que estávamos separados. Não era uma boa receita para um relacionamento de longa distância, e isso me preocupava.

Eu verifiquei o endereço que tinha recebido, então entrei na cafeteria, puxando minha mala de rodas pequena atrás de mim e olhei ao redor.

Eu imediatamente peguei a atenção de uma mulher mais velha, cujo rosto redondo e sorridente me acolheu.

Minha entrevistada era uma senhora holandesa chamada Jacoba, vivendo no limite sul do Zuidplaspolder, um dos grande diques artificiais que continha o Atlântico Norte, menos de uma hora da cidade.

Eu sabia que ela tinha setenta e três anos, mas ela parecia uma década mais nova com seus olhos brilhantes e a maioria dos cabelos escuros. Ela levantou a mão, como um cumprimento.

Ela me surpreendeu e riu.

— Eu sou a mais baixa da minha família.

Eu pensei que ela estivesse brincando.

— Todas as minhas irmãs são mais altas. Eu tenho apenas 1,78 metros.

Eu apertei os olhos, vendo o quão alta ela era.

— Sou Jacoba Visser. Obrigada por ter vindo. Fiquei surpresa quando recebi um e-mail de um jornal tão prestigiado como o *New York Times*. Mas, por favor, me chame de Coby.

Seu inglês era excelente e senti minha falta de habilidades linguísticas.

— Bem, estamos realmente interessados em notícias do mundo.

— eu disse, sorrindo para suavizar as palavras.

— Estou feliz em ouvir isso.

Nós pedimos nossos cafés e Jacoba me disse para experimentar a *oliebollen*, a versão holandesa de rosquinhas, mas com frutas secas e raspas de limão, e açúcar polvilhado. Meu Deus. Não pude deixar de pensar o quanto Jack teria gostado deles. Apesar de negar, aquele homem tinha uma queda enorme por doces.

Eu me sentei na minha cadeira com uma caneta e um bloco de anotações, além de gravar nossa conversa no meu telefone, pronta para ouvir sua história.

— Eu nasci durante a Guerra. — disse ela. — Eu era muito jovem, então às vezes não tenho certeza se são minhas memórias ou histórias com as quais me contaram enquanto eu crescia. Mas nós

estávamos em um país ocupado, os nazistas nos controlavam com um punho de ferro e meu pai tinha uma esposa e filha para alimentar. Ele era um ferreiro e especialista em metalurgia, um homem enorme com mãos habilidosas, e muito forte. Os alemães precisavam de homens como ele, então estávamos melhores do que muitos, porque ele tinha seu valor, mas quando eu cheguei, muitas pessoas estavam famintas.

Foram cinco longos anos antes de sermos libertados. Ouvi as histórias mil vezes de meus pais.

— Meu pai fingia gostar dos alemães. De dia, ele consertava as coisas para eles e de noite ele estava com a Resistência que explodia novamente. Muito perigoso, e todo o tempo ele roubava comida dos

nazistas. Minha mãe me disse que uma vez ele chegou em casa com uma manteiga no bolsa que tirou do prato do oficial da SS em um café ao ar livre, enquanto ele virou as costas. Meu pai poderia ter sido baleado por isso, mas estávamos com fome.

Seus olhos se apertaram quando ela falou, as velhas lembranças acabando com seu sorriso.

— Eu tinha apenas quatro anos quando a guerra terminou, nós estávamos extremamente magros, fantasmas magros com dentes ruins.

Mas lembro-me da violência casual, da luta diária pela sobrevivência. E

ainda me lembro das duas famílias judaicas que moravam na aldeia e desapareceram uma noite, para nunca mais serem vistas de novo.

Muitas vezes me perguntei se eles fugiram ou foram levados. Agora eu nunca vou saber. — Ela suspirou. — Eu prometi a mim mesma que sempre apoiaria aqueles que precisassem, e eu tenho feito isso. Eu criei meus filhos para serem doadores, não compradores. — Suas mãos grandes estavam em seu colo. — Eu apoiei os requerentes de asilo, os refugiados quando chegaram pela primeira vez. Todos nós fizemos. Nós os acolhemos, abrigamos, demos roupas, mas agora... Nós temos muitos imigrantes. — disse ela com tristeza. — Somos um país pequeno. Temos que construir diques para criar novas terras e sempre tememos que um dia, uma tempestade e o mar levem nossa terra. Mas eles continuam chegando, centenas por semana. Nós os abrigamos, vestimos, alimentamos e damos dinheiro para viver. Eu fui uma das primeiras voluntárias nos abrigos, antes de nos tornarmos mais organizados.

Ela balançou a cabeça.

— Mas agora eu pareço Geert Wilders, aquele homem horrível.

— O que você quer dizer?

Até agora, eu simplesmente escutei o que ela tinha para me dizer.

Um bom jornalista sabe quando perguntar e quando falar. Coby tinha uma história a contar.

— Wilders é um político de direita. Ele diz que todos os migrantes devem ir para casa. Eu costumava perguntar, para que? Para acabar com a cidade? Para matar? Mas agora ... Eu não quero mais eles aqui.

— O que a fez mudar de ideia? — perguntei gentilmente.

Ela empurrou o queixo.

— Aconteceu neste verão. Eu estava na minha bicicleta. Estava quente e eu estava de bermuda. Eu estava indo colher vegetais na propriedade de um amigo. Havia três deles sentados na parada de ônibus, bebendo. E me chamaram de prostituta enquanto passava.

Uma prostituta! Porque minhas pernas estavam descobertas! Tenho setenta e três anos de idade! Ninguém nunca falou comigo assim toda a minha vida!

A raiva e a dor guerreavam em seus brilhantes olhos azuis, e ela suspirou.

— Onde eu vivo, não é uma cidade notável, ou mesmo muito interessante. Mas agora é excepcional para o grande número de jovens de cabelos escuros, de olhos escuros, abraçados em grupos, observando os carros que passavam. Não é porque eles são muçulmanos. — disse ela com cansaço. — É porque eles são jovens sem raízes. Eles deixaram para trás suas famílias, seus líderes comunitários, tudo o que eles sabiam, e tudo o que eles carregam com eles é seu medo e raiva. Vá em qualquer lugar do mundo e leve um grupo de jovens sem-teto, e você verá o mesmo.

Então ela olhou para mim.

— Mas eu sou velha e isso me assusta. Eu não quero isso na minha cidade natal. Eu quero andar de bicicleta de bermuda no verão, como sempre fiz. Não quero ser chamada de prostituta. Eles não deveriam estar aqui se não puderem respeitar cada morador.

Seu rosto caiu, sua juventude escorreu pelas fortes emoções.

— Não é uma história, eu sei. Mas eu não sou a única. Outras mulheres começaram a me dizer que tinham medo de andar sozinhas agora. Eu sobrevivi a uma guerra, senhorita Buckman, mas agora sinto que a guerra veio à minha terra novamente.

Conversamos um pouco mais e agradeci por seu tempo. Eu não queria chegar atrasada para o meu próximo compromisso, mas suas palavras sobre ser sem raízes, me atingiram.

Como ela havia insinuado, o problema não era apenas dissonância cultural, era a falta de raízes. Esses homens jovens — e eles eram 99%

homens jovens — haviam sido enviados para tentar uma vida melhor para eles e eventualmente para toda a família. Mas aqui, em um país estranho sem suas tradições ou seus laços comunitários, ou até mesmo uma língua natal, as diretrizes para um comportamento aceitável foram arrancadas. Havia poucos homens mais velhos para governá-los, sem mães, avós ou irmãs que pudessem lembrá-los de que metade do mundo era feminino. Eles não podiam trabalhar e eram dependentes de benefícios estatais, presos em um ciclo de tédio e frustração, enquanto a Europa decidia se era possível abrigar os 13

milhões de imigrantes que chegaram ao longo dos últimos *sete anos*.

Eu também suspeitava que Coby estava certa: um grande número de jovens sem supervisão de qualquer nacionalidade seria igualmente indomável em circunstâncias semelhantes. Mesmo as crianças, eu li *Lord of the Flies* na escola.

Minha próxima parada foi entrevistar alguns desses jovens em um dos muitos abrigos de Amsterdã.

Conheci Pieter, um dos voluntários que trabalharam com imigrantes na cidade.

— Quero mostrar-lhe dois lugares hoje, Senhorita Buckman, para que você possa ver o que estamos enfrentando.

O primeiro lugar que ele me levou foi um prédio de escritórios abandonado, não muito longe da área central, perto da Praça Dam.

— Trinta e dois homens vivem aqui. — disse ele. — Eles se mudaram porque, de outra forma, eles estariam na rua. Não conhecemos os números reais, mas o governo diz que existem 100 mil refugiados e requerentes de asilo no meu país. Poderia ser o dobro disso

— simplesmente não sabemos.

Ele afastou uma lona maltratada e me levou para o prédio escuro.

— Não há aquecimento ou eletricidade, mas eles têm acesso a água corrente e sanitários. Isso é tudo. Não há nada para cozinhar, então eles sobrevivem, implorando nas ruas e em organizações como a

minha. — ele me deu um olhar de lado. — Às vezes eles roubam porque são levados pela fome. É terrível, senhorita Buckman, estar com fome.

Ele balançou sua cabeça.

— Internacionalmente, somos vistos como um país tolerante e liberal. Mas o partido anti-imigração é popular nas pesquisas de opinião, e o governo não quer atrair mais refugiados. Agora, eles implementaram uma política difícil, muito difícil, especialmente cruel durante nossos meses congelantes de inverno.

— Os homens aqui podem solicitar asilo? — perguntei.

— Um ou dois deles, talvez. Mas os outros, são todos homens que rejeitaram suas reivindicações. Eles devem voltar para o país de origem.

Mas eles têm medo, então eles fogem dos abrigos oficiais, e agora eles moram aqui.

O prédio era frio e úmido. Eu vi pilhas de caixas de papelão que haviam sido arrastadas para dar algum isolamento no inverno. Pilhas de jornais estavam espalhadas como palha, e o ar carregado contaminava o desespero.

— Eles não podem trabalhar, então eles não têm dinheiro. Nós trazemos comida, mas há tão pouco que podemos fazer.

Sua frustração e sua ira sangraram através de suas palavras.

— Eles vão falar comigo? — perguntei, enquanto eu tirava algumas fotografias.

Pieter assentiu com a cabeça.

— Eu consegui que você falasse com Tareq. Ele veio da Líbia, e caminhou ou se esgueirou da Itália. Quando a selva foi derrubada em Calais, ele acabou aqui.

Eu tinha ouvido falar da infame Selva, um enorme campo migratório na França, cheio de milhares de homens, mulheres e crianças, desesperados por chegar na Grã-Bretanha, mas presos no litoral, a apenas 32 quilômetros de seu objetivo. A Grã-Bretanha não queria os refugiados, nem o povo de Calais. Eventualmente, a selva tinha sido derrubada e as pessoas se espalharam por toda a França, embora eu tivesse lido os relatórios de que muitos estavam voltando para viver em sua terra natal, com a esperança de encontrar uma maneira de passar dos guardas e chegar à Grã-Bretanha. A maioria tentava se esconder na parte de trás dos caminhões que retornavam da

Europa continental; alguns tentaram atravessar o túnel do Canal da Mancha, arriscando serem mortos pelos trens que passavam — tudo na crença de que as ruas da Inglaterra seriam pavimentadas com ouro ou teriam benefícios do estado. Muitas vezes ficaram desapontados com ambos, mas pelo menos era mais seguro do que de onde eles vieram.

Pieter tentou falar com alguns holandeses e um dos homens que nos vigiava com olhar imparcial. Ele balançou a cabeça duas vezes antes de se levantar e sair.

Frustrado, Pieter tentou outro homem, com o mesmo resultado.

Ele esfregou a testa e se virou para mim.

— Sinto muito, senhorita Buckman. Eles dizem que Tareq não está aqui. Não sei se é verdade, mas estão com medo de falar com você.

Eu disse-lhes que você é uma jornalista, mas eles temem que seja uma armadilha.

— Nenhum deles vai falar comigo?

Pieter sacudiu a cabeça.

— Desculpe, não. Mas eu consegui que você visitasse um dos abrigos estabelecidos, também. Talvez você encontre uma história lá.

Sua voz estava cansada e cínica. Não podia culpá-lo por isso.

Ele me levou para a luz do dia e arrastei o ar fresco e limpo para os pulmões.

— Ninguém escolheria viver assim. — disse ele amargamente. —

Mas é melhor do que ser enviado para casa para morrer.

Eu assisti como sua desesperança endureceu com determinação.

— Mesmo que muitos sejam migrantes econômicos e não estejam fugindo das guerras? — Eu o questionei.

Ele encolheu os ombros.

— Sim, eles desejam uma vida melhor. Isso é tudo. É por isso que nunca vamos parar de ajudá-los, porque forçamos o governo para fazer mais. Eles fizeram centros de asilo de emergência

regulamentados, mas os refugiados não têm permissão para cozinhar, eles não têm privacidade, e é muito difícil para eles se misturarem com os locais. Isso gera medo, em ambos os lados. Mas em nossos abrigos, mantemos com

contribuições do público, eles podem levar a vida o mais normal possível. Mas somos pequenos, só ajudamos alguns e há muitos.

O segundo lugar não poderia ter sido mais diferente. A primeira coisa que notei foi o cheiro de cozinha e os aromas picantes pendurados no ar. O segundo foi desenhos de crianças riscados às paredes. E então eu os vi, garotos e garotas de olhos escuros, cujos risos rápidos mostrava sua satisfação. Seus pais, no entanto, pareciam cansados e derrotados, mas ainda orgulhosos de me mostrar como ganhavam alguma privacidade ao pendurar cobertores para criar quartos pequenos.

Eles tinham instalações para cozinhar e lavar aqui, mas sua frustração em serem dependentes era aparente.

— Eu era um engenheiro civil em Raaqa. — disse Nizar, falando através de um intérprete. — Mas quando Daesh varreu a região, tive medo por minha família e pela minha vida. Pegamos nosso carro e partimos, mas quando ficamos sem gasolina, tivemos que sair do carro.

Tivemos que deixar tudo. Estamos aqui com apenas nossas memórias e poucas roupas que trouxemos. Eu sinto que falhei com minha família como marido e pai.

Lágrimas enrubesceram os olhos, e ele os fechou com raiva.

— Tudo o que quero é um futuro para eles, mas estamos esperando aqui, esperando para ver se um futuro nos será dado.

Pensei muito no que tanto Coby e Pieter haviam dito enquanto eu tomava outro trem, indo para o sul para Paris. Pensei sobre o que Nizar me havia dito e o que tinha visto em ambos os abrigos. Então, quando escrevi a minha história e baixei as fotografias que tinha colocado no meu laptop, eu quase não vi o campo enquanto o trem andava, até que chegamos na estação de Paris Nord. Eu enviei um e-mail para a minha editora, mas não havia resposta para o problema dos refugiados, nenhuma conclusão e muita esperança.

Esfreguei minha testa. Há uma certa dicotomia necessária quando você é jornalista. Você precisa se preocupar com o que está acontecendo, você precisa se preocupar com a notícia de que está

escrevendo, mas você também deve se desligar. É sempre uma linha fina entre se proteger emocionalmente sem sofrer de compaixão. Eu não tinha certeza de ter chegado à situação certa.

Eu precisava de uma dose do meu sexy Fuzileiro para trazer a alegria para alguns dias preciosos.

Capítulo Quatorze

La Rue Désolée

(A Rua da desolação)

O nosso hotel estava situado a meio caminho ao longo La Rue Désolée, a dois minutos do Rio Sena e a uma curta caminhada a partir do museu do Louvre. Um dos meus colegas recomendou, e eu me apaixonei a primeira vista.

Era um edifício antigo, com quatrocentos ou quinhentos anos, escondido em uma rua traseira, e quando entrei, a decoração vermelha e dourada misturada com detalhes antigos era ao mesmo tempo chocante, elegante e estranhamente acolhedora.

A mulher na recepção me cumprimentou.

— *Bienvenue au Grand Hôtel Dechampaigne.*

— *Merci. Parlez vous anglais?*

— Sim, claro, *madame*. Como posso ajudá-la?

Dei-lhe a minha reserva, e ela sorriu.

— Seu amigo já chegou. Talvez uma hora atrás.

Gritos de desejo misturados com ansiedade e urgência se espalharam por mim, meu coração revirou.

Ela me deu o número do quarto e uma chave. Não é um cartão-chave, uma boa chave antiquada. Segurei-a com força quando entrei no minúsculo elevador que retumbou e pulou em três andares. As portas se abriram bruscamente e entrei em um corredor estreito e acarpetado com iluminação fraca e sons suaves, dando uma sensação suave e romântica.

Meu coração começou a bater mais rápido quando me aproximei do

nosso quarto e deslizei a chave na fechadura. A porta pesada abriu-se silenciosamente.

Jack estava deitado de frente para a cama, seus tênis caídos, como se ele tivesse sido deixado cair de uma grande altura, ou talvez muito cansado para arrancar os sapatos. Eu sabia que ele viajou vinte horas.

Eu subi meu olhar e vi que um de seus belos olhos azuis escuros estava me observando, então ele rolou sobre suas costas e sorriu.

— Maggie.

Isso foi tudo o que ele disse, meu nome, mas falou com tanto amor, uma alegria tão pacífica que infunde essas duas sílabas curtas que trouxe lágrimas aos meus olhos. Eu subi na cama e escorreguei nos braços que me esperavam, aconchegando contra seu peito, segura.

— Eu senti falta disso. — suspirei.

Seus braços se apertaram em torno de mim como uma resposta, e nos seguramos, lavando as semanas, o desejo e o arrependimento.

Ele largou dois beijos macios no meu cabelo antes de virar o rosto para encontrar seus lábios com os meus.

Os beijos viraram carícias, e o toque virou uma tentação, e quando isso não foi suficiente, tiramos nossas roupas e senti a pressão quente de sua pele contra a minha. E quando ele se abaixou, então senti seu peso em mim, senti-me querida, amada e protegida.

Com um impulso longo e lânguido, vi olhos azuis intensos olhando para mim enquanto eu apertava os ombros e enrolava minhas pernas em suas costas.

O suor explodiu em toda minha pele enquanto uma fricção deliciosa acendeu meu corpo e comecei a tremer ao redor dele, cavando minhas unhas em seus ombros profundamente bronzeados.

Seu maxilar apertou quando ele lutou para controlar seu próprio corpo, mas era uma batalha que ele não venceria.

Seus quadris começaram a empurrar agressivamente e meus joelhos estavam pressionados em direção ao meu peito, e quando ele deslizou mais adiante, atingindo um novo ângulo, atingindo uma nova profundidade, o sexo passou de fantástico para esmagador quando eu me afundei.

Ele estremeceu e tornou-se rígido, nossos corpos apertados firmemente juntos, e então, com um suspiro satisfeito, ele relaxou,

beijando meu pescoço, meus peitos carinhosamente enquanto se afastava.

Eu me encostei contra o ombro dele, rindo enquanto murmurava algo sobre não precisar de nada quando eu estava por perto.

Meus dedos percorreram suas costelas, atraindo círculos pensativos sobre velhas cicatrizes pelo quadril.

Senti-me preguiçosa e saciada, satisfeita em ficar deitada aqui e olhar para o céu escurecendo.

— Bem, eu tenho que dizer. — Jack disse com um sorriso. —

Paris como dizem, é a cidade mais romântica do mundo.

Eu ri.

— Sr. Fuzileiro está tentando me conquistar mais! O mundo ainda está girando?

— Não esta noite, querida. Hoje à noite as estrelas vão ficar exatamente onde você as pendurou e a lua vai nos iluminar.

— Falado como um verdadeiro Devil Dog19.

— Ooh-rah! Você conhece esses apelidos de Fuzileiros hein?! —

Jack se virou para que ele pudesse olhar para mim. — Embora eu possa ter reservado apenas dois ingressos para ver a Torre Eiffel à noite.

Você quer jantar primeiro?

— Oh meu Deus, sim! Isso parece perfeito! Obrigada, Jack.

— Obrigado por ser você, Maggie Buckman.

Eu não tinha palavras para isso, então o beijei.

Não conseguimos ver a Torre Eiffel do nosso quarto, mas assim que saímos, era como um farol, atraindo nosso olhar para cima. Os fleches de luz a banhava e a partir desta distância parecia-se etéreo.

— Parece uma antena de celular iluminada. — ponderou Jack, antes de tomar minha mão e caminhar em direção ao rio.

19 Devil Dog tem a intenção de dizer que ele é um cachorrão.

— Isso é um pouco menos romântico. — sorri enquanto ele sorria para mim. — Você sempre foi assim, romântico um minuto, calmo e prático no próximo? Quero dizer, antes dos fuzileiros navais.

— Eu não acho que tenha mudado tanto. Mamãe diria que sou mais organizado, e que o lado romântico vem dela. Mas sim, praticamente, embora os fuzileiros me ensinem muito sobre paciência.

Há muita espera. Você sabe: *Apresse-se e espere*. Isso acontece o tempo todo. Além disso, correr em torno de gritos não dá trabalho. Somos ensinados a não deixar nossos medos nos congelar, você tem que trabalhar com isso, ou trabalhar com eles. Você deve confiar que o cara ao seu lado está com você. É assim que funciona. Merdas acontecem. —

ele soprou uma respiração. — Merdas acontecem e então você lida.

Eu não respondi porque estava tentando evitar o tom sério hoje à noite, então apertei sua mão e apontei um bistrô de calçada que parecia atraente.

Nós jantamos bem e bebemos Beaujolais baratos, depois andamos de mãos dadas ao longo da margem do rio enquanto uma brisa fresca soprava pela água.

Quando atravessamos o rio para a margem esquerda, na calçada tinha artistas que vendiam tudo, de joias artesanais a aquarelas para grandes telas em estilos impressionistas.

Apreciamos com nossos olhos e desfrutamos cada momento de intimidade ao criar memórias especiais juntos.

As sombras da Torre não demoraram a aparecer, e logo fomos para cima, e depois olhamos para a paisagem parisiense.

Vimos as luzes vermelhas e brancas dos carros que passavam pelos amplos bulevares e contemplamos as linhas clássicas do Louvre maravilhosamente iluminadas e a beleza gótica da catedral de Notre-Dame. Então nós nos misturamos com as pessoas que lá estavam e um guia nos mostrou o Moulin Rouge e Arco do Triunfo.

Havia tanta história aqui, tantos séculos de histórias contadas e vidas vividas. Isso me deixou nostálgica por algo que nunca tinha tido e vivido ao mesmo tempo. Inclinei-me no círculo seguro dos braços de Jack enquanto compartilhamos esse momento de magia.

— É realmente algo maravilhoso. — disse ele. — Mas não posso deixar de pensar que está ainda melhor com você.

E desta vez não tive um retorno espirituoso, porque sentia exatamente o mesmo.

Nós nos beijamos no topo da Torre Eiffel, fazendo mais lembranças que durarão toda a vida.

Em seguida, fizemos o nosso caminho de volta para baixo, parando na base da torre para beber café preto amargo e comprar cartões e camisetas que diziam, *'Je t'aime Paris'*.

Vivendo em Nova York, costumava andar por uma cidade à noite, mas Paris era diferente. As ruas eram de duas mãos, e poucas foram construídas em linhas retas. Cada quarteirão revelava algo novo e maravilhoso, um edifício antigo, uma galeria de arte, stands de kebab e cozinha marroquina, ou lojas que vendem chocolate francês. Cada um era novo e maravilhoso, e eu poderia passar semanas explorando cada recanto.

Nós vagamos para o outro lado do rio e pensei em ir para o Folies Bergère, mas decidi que passear era mais agradável.

Nós estávamos indo em direção ao Centro Pompidou, conhecido pela sua construção moderna e curiosa, quando encontramos o *teatro Bataclan*. Parei e olhei, percebendo o que os tributos florais significavam.

O teatro era realmente nada mais do que um grande café-bar com uma sala de concertos e salão de dança. Ele era tão bonito, decorado com um estilo colorido Chinoiserie, e eu sabia que tinha mais de 150

anos de idade. Mas agora era mais famoso como sendo o lugar onde oitenta e nove músicos foram abatidos em um terrível ato de terrorismo na sexta-feira, 13 de novembro de 2015.

Os lábios de Jackson apertaram-se e ele me puxou mais forte contra ele.

Eu tremia, um tremor que não tinha nada a ver com o frio.

— Às vezes, parece que o mundo inteiro está em chamas — eu disse, minha voz baixa e desanimada.

Jack não falou, porque o que tinha para dizer?

Ficamos em silêncio, dando nossos respeitos, depois nos afastamos, os seus braços em volta dos meus ombros, me mantendo perto.

Quando fizemos amor novamente naquela noite, nos agarramos ferozmente e perguntei como nossas vidas continuarão após desse momento. Nós viajaríamos juntos, ou nossas estradas nos levariam em direções diferentes?

Eu não tinha as respostas. Eu queria que o amor encontrasse um jeito... Mas eu estava começando a pensar que seria preciso uma mão amiga.

Nunca pensei em escolher entre um homem e minha carreira, mas os sentimentos poderosos que me acompanhavam toda vez que estávamos juntos, eles estavam ficando cada vez mais exigentes.

Na cama de Paris, com Jack dormindo pacificamente ao meu lado, eu sabia.

Eu sabia.

Eu conheci o amor da minha vida.

E eu não o deixaria escapar.

Capítulo Quinze

Cidade da Paz, Baía de Problemas

Naturalmente, a vida não funciona assim — 'trabalho' é a palavra operativa. Ambos tínhamos vidas para retornar, nossas vidas reais.

Estar em Paris, aproveitar o ar romântico da cidade, era uma bolha perfeita, rosa-matizada, mas não podia durar. Menos de quarenta horas depois de Jack ter chegado, ele teve que voar de volta para San Diego, e eu voei na direção oposta, para casa, no Cairo.

O calor parecia ainda mais opressivo após o ar fresco de Paris no outono. As folhas que caíram na Cidade Luz se adaptaram ao nosso

humor cada vez mais sombrio. Eu me perguntei se alguma vez visitaríamos lá na primavera. Perguntei-me como Jack e eu poderíamos ter um relacionamento real e duradouro.

Algo teria que dar certo.

Mas, por enquanto, pelo menos, eu estava de volta ao trabalho.

Minha próxima tarefa foi em Sharm El Sheikh. Uma cidade na ponta sul da península do Sinai, tinha sido uma das joias no próspero comércio turístico do Egito.

Com brilhantes edifícios brancos, brisas suaves e um clima perfeito, Sharm estava a beira do Mar Vermelho, um lugar favorito para férias na praia e aqueles que apreciavam mergulho e qualquer variedade de esportes aquáticos. O mar brilhava, a luz do sol iluminava a água turquesa de cartão postal na areia pálida e brilhante.

Milhões de visitantes de todo o mundo chegavam todos os anos, aumentando os lucros do setor turístico.

Até que o voo 9268 explodiu no ar em 31 de outubro de 2015, com a perda de 224 vidas. Os investigadores acabaram por concordar com os familiares de muitos mortos de que uma bomba improvisada a bordo da aeronave era responsável pelo desastre. ISIS, conhecido localmente como Daesh, ficou orgulhoso em aceitar a responsabilidade.

Em todo o mundo, os voos para este resort popular foram cancelados e os grandes hotéis com suas lindas praias ficaram vazios.

Milhares de pessoas locais perderam seus meios de subsistência e, até à data, mais de oitenta hotéis fecharam.

Alguns intrépidos turistas começaram a voltar, muitos sauditas e do Kuwait, mas os europeus eram em menor número. Imediatamente após o ataque terrorista, uma proibição mundial de viagens foi sancionada por governos como prevenção. A maioria dos países já havia suspenso, embora os britânicos ainda proibiam voos para Sharm.

Eu tinha sido convidada a ficar no magnífico Four Seasons, um grande edifício branco com elegantes arcos, e palmeiras altas que forneciam abrigo do sol nas areias. Mas as quatro piscinas estavam quase desprovidas de visitantes, e em todos os lugares pequenos sinais discretos revelavam a verdade:

20% de desconto nas atividades de mergulho

30% de desconto nas viagens de barco

40% nas atividades aquáticas.

Seu desespero por negócios era palpável, faminto de todo dólar turístico que se aproximasse.

Eu jantei sozinha naquela noite, e mesmo que a comida fosse excepcional, uma dor no meu peito fez com que meu estômago embrulhasse, e eu sentia falta de Jack. Muitos garçons me rodeavam, desejando insistentemente uma visita agradável e relaxante, me deixando irritada e deprimida. Uma vez que souberam que eu era jornalista, eles imploraram para que eu escrevesse uma história sobre o quão bonito, quão especial, quão barato era tirar férias aqui. O que era verdade. Mas com guardas armados patrulhando o resort, era difícil dizer que me sentia verdadeiramente segura. O que eu teria dado para ter a presença calma e reconfortante de Jack ao meu lado. Mas ele estava a muitos milhares de quilômetros de distância, e eu me sentia mais sozinha do que nunca.

Minha tarefa era entrevistar o ministro egípcio do turismo, um homem de rosto redondo em um terno de negócio ocidental com um sorriso pronto.

Seus olhos apertaram-se com a menção da contínua proibição britânica.

— Mais de 1,5 milhão de visitantes britânicos vieram ao Egito em 2010. — disse ele, visivelmente irritado. — Este ano, esperamos que sejam menos de 300 mil pessoas.

Ele insistiu que a segurança havia sido aumentada, empresas privadas contratadas para proteger os intrépidos que ousavam viajar; mas ainda os visitantes não retornaram nos números anteriores. E eu pude ver os efeitos dessa perda de renda ao redor.

Todo mundo estava tão desesperado para me mostrar o quão maravilhoso era Sharm, o quão amigável, o quão perfeito para férias relaxantes era.

Mas não pude deixar de notar que os poucos turistas que conheci estavam aborrecidos de não poder ir além do resort seguro e fechado.

De fato, ir além dos limites da cidade para o Sinai exigia um visto

separado.

Os poucos britânicos que conheci eram todos visitantes habituais e vinham para Sharm durante anos. Eles estavam conscientes de que viajavam sem o apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros e não puderam comprar seguro de viagem.

— Eu me sinto mais seguro em Sharm do que em Londres. —

disse Ken, um antigo motorista de táxi 52 anos. — Quantos ataques terroristas houve em Paris? Ninguém está me impedindo de ir para a França.

Eu admiti que tinha estado lá recentemente, e Ken fixou seus olhos em mim.

— Algum lugar é realmente seguro? — ele perguntou.

Ele me apresentou a seu amigo Emad que possuía um café no resort que poderia acomodar uma centena de pessoas, onde os turistas costumavam vir para beber suco de fruta gelada ou *shisha*. Apenas duas mesas estavam ocupadas.

— Tudo desacelerou. Não temos renda. Os preços subiram e nossa moeda foi desvalorizada duas vezes.

Ele balançou a cabeça e continuou a dizer-me que o negócio familiar de produção de arroz, mel e açúcar tinha naufragado. Não havia moeda forte para comprar as matérias-primas que precisavam.

Em todo lugar, as pessoas comuns estavam lutando. E estavam irritados: irritados com o governo, irritados com Daesh, irritados com os

turistas por não voltarem. Perguntei-me, não pela primeira vez, se esse ressentimento e falta de dinheiro permitiria ao ISIS preencher o vácuo de desespero e necessidade.

A visita me deixou ainda mais deprimida e também duvidava o valor do meu trabalho. A doença lenta e arrasadora do ódio parecia infiltrar-se em tudo. E, no entanto, era realmente um lindo resort com um clima maravilhoso, e as pessoas que conheci eram genuínas, calorosas e amigáveis. Nos meses que eu tinha estado aqui, meu amor pelo Egito aumentou.

Amor: aquela pequena palavra com o maior significado.

Pensei mais uma vez que a maioria das pessoas só queria viver uma vida boa, uma vida plena, com uma família segura em torno deles.

Era muito perguntar?

E quanto a mim? E a minha vida? Vale a pena me manter longe de Jackson, o homem que eu amava por causa da minha carreira?

Pensei na conversa que tivemos antes de sair de Paris.

Havíamos caminhado à noite ao longo da Champs Elysée e bebemos em um pequeno bar, onde os turistas raramente se aventuravam. Então, um pouco menos do que sóbrio, levei Jack para a cama e mostrei-lhe como um americano em Paris se comportava na Cidade do Amor.

E, em seguida, Jackson me virou de costas com facilidade e começou dar estocadas que me lembrava *Berlioz Symphonie Fantastique*²⁰. Embora no momento, eu não conseguia pensar tão claramente ou fazer a comparação: isso foi muito mais tarde.

Então, quando eu estava fraca e vulnerável, ele me emboscou.

— Você quer filhos, Maggie?

Sua pergunta me surpreendeu e me deu um pouco de medo. Nós nunca discutimos isso antes, e sua pergunta parecia ter saído do nada.

Mas eu também pensei que era talvez algo que ele estava pensando, e sem pensar muito, um segundo depois de gozar e virar meu corpo superaquecido.

— Eu nunca pensei muito sobre isso. — respondi com cautela, ainda sem respiração.

20 A Sinfonia Fantástica.

Antes de conhecer Jack, isso teria sido uma resposta honesta, mas estar com ele me fez pensar todo tipo de coisas que eu nunca tinha considerado antes.

Ele parecia desapontado e desviou o olhar, sentando, tomou um longo copo de água do vidro na mesa de cabeceira.

— Eu sempre imaginei ter uma família grande. — ele disse suavemente, antes de balançar seu olhar penetrante no meu caminho.

— A vida é curta, Maggie.

Eu não sabia o que dizer, então eu dei-lhe um sorriso fraco e fiz um comentário estranho sobre seus filhos terem ótimos genes.

Ele sorriu de volta, mas não alcançou seus olhos. Nós dois sabíamos que eu tinha escolhido deliberadamente as minhas palavras quando eu disse '*seus filhos*'. .

Ele não havia mencionado isso de novo, mas ele também não era o tipo de homem que se incomodava, e não mostrava com palavras ou atos que estava desapontado comigo. Talvez eu estivesse desapontada comigo mesma.

Eu raramente era uma pessoa impulsiva. Eu pensava e planejava tudo. Isso não quer dizer que eu era muito rígida para seguir uma história quando ia em uma direção inesperada. E Jack tinha cuidadosamente pirateado um novo caminho para o meu coração, separando todos meus planos cuidadosos. Suas palavras ficaram comigo, e as acalmei, deixando-as afundar dentro de mim.

Enquanto eu estava sentada assistindo o enorme sol atrás das águas brilhantes de Sharm El Sheikh, pensei em suas palavras uma e outra vez, como seixos em uma praia, procurando a perfeição, a beleza.

Eles me aterrorizaram e me encantaram, o futuro tornando-se enevoado. Era o que ele realmente queria? Uma família numerosa? Ele imaginava uma casa cheia de filhos, uma minivan e um cachorro? Ele imaginava viagens de acampamento e churrascos de quintal?

Todas as coisas que eu nunca tive e nunca quis.

Eu tinha um apartamento de um quarto em Greenwich Village e nem sequer possuía um carro. Eu nunca tive animais de estimação, nem mesmo um peixinho dourado, e as plantas morriam regularmente por falta de regar, por motivo de esquecimento ou ausência.

O que ele queria, o que eu pensava que ele estava oferecendo, era tão diferente da direção que assumi que minha vida seria.

Depois de mencionar crianças, evitei ter — a conversa —

enquanto estávamos em Paris, e era inteiramente devido à minha própria covardia. Foi tão maravilhoso, tão perfeito, tão romântico, que abordar a espinhosa questão do nosso futuro — e possivelmente descobrir novos buracos em nosso relacionamento — não era algo que

eu queria fazer, arriscando estragar nosso breve tempo juntos.

Mas eu sabia que a conversa estava chegando. Eu não era uma garota ingênua de 18 anos de idade. Eu tinha visto demais, experimentei muitas coisas, e eu queria chegar ao fundo do que Jack realmente queria, o que eu queria. Mas talvez por ter visto tanta miséria, dor e pobreza, fiquei feliz em passar o tempo em Paris numa inabalável bolha de amor e esperança.

Voltando ao Cairo sozinha, procurei distração no meu trabalho, a imersão nos problemas do povo egípcio e do mundo árabe em geral.

Mas eu não podia negar que meu coração não era mais meu, em vez disso, estava ocupado por um rosto de um fuzileiro americano de olhos azuis, um homem que me desafiava e me testava, que me amava.

Eu estava em um dos lugares mais bonitos que já visitei, uma viagem com todas as despesas pagas em um hotel cinco estrelas, fazendo o trabalho dos meus sonhos e esperando fazer a diferença conforme escrevia. Mas eu estava sentada sozinha, e nunca me senti mais solitária.

E quando pensei nisso, isso não me dizia o que eu precisava saber?

Talvez eu possa ser mãe e ainda funcionar. Outros fizeram isso.

Minha amiga Lee era uma jornalista de sucesso apesar de ter três filhos e um marido que era um veterano dos fuzileiros navais. Sebastian se ajustou e agora tocava seu próprio negócio. Então, por que não poderia dar certo com Jack?

A diferença era que Lee sempre quis filhos.

Parte de mim insistia em enterrar minha cabeça na areia. *Nós vamos cruzar essa ponte quando chegarmos a ela*, eu disse a mim mesma.

Porque mais do que tudo, eu queria Jack.

Mais do que qualquer coisa.

Suspirei.

Meu editor ficaria tão desapontado. E parte de mim também estava desapontada comigo mesma. Afinal, eu consegui tudo o que eu trabalhei pra ter por toda a minha vida, só para descobrir que a

conquista não era tão gratificante como deveria ser, como eu queria que fosse.

Não foi uma decisão fácil, porque minha cabeça estava lutando com meu coração, mas no final foi uma batalha desigual.

Eu daria a Dean Baquet um mês para encontrar a minha substituição. Então eu ia para casa.

Para Jack.

Cheguei de volta ao meu apartamento quente no Cairo, cansada e ansiosa pelo ar condicionado que funcionava. Enquanto eu adorava o Egito, havia muitas coisas que eu sentia falta, de utilidades confiáveis em casa sendo o ar condicionado uma delas.

Deixei minhas malas no chão e retirei uma garrafa de água da geladeira, aliviada que o dispositivo antigo ainda funcionasse, enquanto resmungava e queixava-se, tossindo em intervalos irregulares.

Meu telefone estava descarregado, a mensagem de 'sem serviço'

estava no canto superior da tela, o que significava que o transmissor local estava provavelmente sendo consertado novamente, mas pelo menos o meu Wifi estava funcionando, graças a Deus.

E quando eu chequei meus e-mails, havia uma mensagem do meu velho amigo e colega Marc Lebuin. Eu só recebi uma mensagem curta dele desde o nosso êxodo dramático de Zataari, e seria ótimo encontra-lo.

Ele estava no Cairo por poucos dias e ele tinha reservado uma mesa para nós no *Abou El Sid*, um restaurante chique para moradores, bem como os visitantes que procuravam uma autêntica e refinada experiência.

Eu não fiquei empolgada com a ideia de tomar banho e voltar para o calor de novo, mas conversar com alguém seria bom. E Marc era um bom amigo.

Quando cheguei, tarde e bastante suada, Marc pôs-se de pé, abraçando-me feliz e me beijando três vezes no estilo europeu.

— *Ma belle*, MJ! Como você está?

Ele parecia elegantemente casual em calças lisas e uma camisa branca de mangas compridas. Quando eu o vi pela última vez na Jordânia, ele estava coberto de sujeira e triste após nossas experiências horrendas e uma ligação com o Grim Reaper.

Agora ele parecia como se tivesse saído de um ensaio de moda *GQ*.

Às vezes, as contradições de nossas vidas eram difíceis de conciliar.

Nós conversamos sobre as notícias do outro, conversamos sobre velhos amigos, e jantamos *Kafta* e camarão *Rajin*.

Eu não tinha espaço para a sobremesa, mas Marc pediu *Fetir* com nozes mistas e mel.

E então eu falei sobre meus pensamentos, meus planos para o futuro.

As sobancelhas de Marc passaram por sua linha fina cuidadosamente arrumada.

— MJ, o que você está falando é suicídio profissional!

Eu me irritei com sua desaprovação.

— Talvez eu apenas queira viver minha própria vida ao invés de escrever sobre outras pessoas.

Ele balançou sua cabeça.

— Não vai ser a sua própria vida: se você ficar com ele em San Diego, será a carreira dele, os amigos dele, a vida dele, e não sua.

Suas palavras mostraram que minhas certezas recém adquiridas, tinha furos.

Percebendo a minha hesitação, Marc cheirou sangue e foi para matar.

— *Mon Dieu!* Você trabalhou tão duro todos esses anos para criar seu portfólio, ganhar o respeito de seus colegas, seu editor e seus leitores, para se enterrar em uma vida militar com um homem que você acabou de conhecer? E *le* se ofereceu para desistir de tudo? E *le* se ofereceu para deixar de ser um fuzileiro naval?

— Não mas ...

— Então, por que você deveria?

— Eu não tenho que dar tudo isso. Eu também posso escrever da costa oeste.

— Você pode? E o Cairo? Esse é o trabalho dos seus sonhos? É

para isso que você trabalha! Desde a primeira vez que conheci você, esse era seu objetivo!

Dei-lhe um pequeno sorriso.

— Já não é meu sonho.

Ele jogou o guardanapo sobre a mesa com desgosto.

— Bah! O amor deixa as pessoas mais tolas. Suponho que seja o modo de Deus nivelar o campo de jogo.

O que, penso eu, era aquiescência de Marc.

— Pelo menos, diga-me que o seu Fuzileiro é bonito. — ele resmungou.

— Muito.

E eu mostrei uma foto no meu telefone.

As sobrancelhas de Marc se levantaram de novo, e desta vez ficaram lá.

— *Quel beau gosse!* Ele tem um amigo?

— Sim, mas não o seu tipo.

— Discordo. Todos os homens assim são meu tipo.

— Vou dizer-lhe que você disse isso.

— Bem, então, eu aprovo. Vá ser a Sra. Fuzileira e viver essa vida, mas não esqueça seu velho amigo Marc quando você convidar todos aqueles homens militares bonitos para suas festas na praia.

Quando cheguei de volta ao meu apartamento, não havia eletricidade, nenhum wi-fi e ainda nenhum sinal de telefone.

Suspirando, eu estava estudando nua em cima dos lençóis, sufocada de calor enquanto escutava as vozes na rua movimentada do lado de fora,

conversas em árabe, francês e algumas línguas africanas que eu nem conseguia adivinhar.

A força voltou às 3 da manhã, obrigando-me a levantar para apagar as luzes. E foi só então que vi uma mensagem de texto de Jackson no meu telefone.

Ei, Maggie,

Espero que a viagem de Sharm tenha sido boa. Você conseguiu mergulhar? Você não pode trabalhar o tempo todo, querida.

Eu realmente queria ouvir sua voz sexy, mas o telefone estava desligado, então eu estou fazendo isso da maneira antiga por mensagens de texto. Por que eles fazem teclados tão malditamente pequenos nesses telefones?

Ligue-me a qualquer hora. Eu estou com o meu telefone bem próximo a mim, para que eu possa ouvir sua voz.

Tenho que correr.

Te amo, Jack x

Eu sorri, estupidamente feliz de ler suas palavras.

Mas, assim como eu estava calculando o tempo na Califórnia e peguei meu celular para chamá-lo, um boletim da agência de notícias Reuters entrou na minha caixa de entrada.

ATIRADOR ATACA A BASE MILITAR DOS ESTADOS UNIDOS.

TRÊS FUZILEIROS MORTOS.

Horrorizada, meu coração martelou, a adrenalina fez meu corpo tremer e disquei o número de Jack.

O telefone tocou e tocou e tocou. Então recebi sua mensagem de voz.

Liguei de volta, os nervos apertando minha garganta enquanto o telefone continuava tocando. Desta vez deixei uma mensagem.

— Jack, é Maggie. Eu preciso saber que você está bem. Acabei de ouvir sobre o ataque a uma base militar dos EUA. Eu preciso saber que

você está seguro. Por favor, ligue-me assim que puder. Eu te amo.

Mas ele não ligou de volta e não ouvi falar dele.

Eu me virei para o meu computador, nervosa quando examinei as agências de notícias para conseguir atualizações.

Tudo o que eu consegui foi que um homem armado solitário foi morto depois que atirou em três Fuzileiros em uma base militar na Califórnia. Oh meu Deus, na Califórnia!

Mas qual Base?

E quais fuzileiros?

Eu procurei por mais notícias por uma hora enquanto tentava descobrir mais detalhes. Vi que o ataque aconteceu em Camp Pendleton, a base de Jack... e ele ainda não estava respondendo suas chamadas.

Com as mãos trêmulas, comprei uma passagem para San Diego.

Capítulo Dezesseis

Prova de fogo

Eu esperei impientemente por um táxi para me levar para o Aeroporto Internacional do Cairo, agarrando meu telefone e passaporte na mão, e uma pequena mala de mão na outra.

O motorista de táxi conversador ignorou minhas respostas grosseiramente monossilábicas para sua conversa amigável.

Atrás de mim, o sol estava subindo por cima do horizonte, soprando a luz com uma bruma macia rosada, quando o calor começou a subir das calçadas empoeiradas.

No espelho retrovisor do motorista, minha pele bronzeada parecia pálida, meus olhos enormes, minha boca travada profundamente com linhas de medo.

Olhei para o meu telefone, atualizando constantemente a página de notícias, mas nenhuma das novidades eram boas.

O número de mortos aumentou para quatro e havia relatos de diversos feridos. Quando vi um relatório de notícias ao vivo de Pendleton, meu coração pulou uma batida e senti uma sensação ruim súbita no meu estômago.

Eu engoli as lágrimas de pânico que ameaçavam cair e apertei meu telefone mais forte, sentindo as laterais cavando na palma da minha mão enquanto me forçava a não desmaiar.

Se eu passar por cinco carros vermelhos, Jack estará seguro...

Se eu ver dois camelos no caminho para o aeroporto, Jack estará seguro...

Tentei fazer o mesmo tipo de negócio quando minha mãe estava morrendo de câncer no hospital. Não funcionou, mas talvez agora...

Rezei mais uma vez.

Oh Deus, nunca mais darei a vida como certa novamente se você apenas salvar Jack...

Mas você não pode fazer negócios com Deus, os Anjos ou a própria Morte.

A segurança no aeroporto era rigorosa. Melhorou drasticamente nos últimos dois anos, bem como soldados com rifles, havia segurança privada armada, os homens com olhos duros, com os dedos em cima do gatilho. Eles me lembraram a primeira vez que conheci Jack, sua pele amarelada com poeira afegã, gritando ordens para o seu pelotão, pois ele salvou minha vida de uma multidão que abatia. Mais tarde, mais calmo e salvo, de volta ao acampamento de base, ele esbravejou com raiva por eu ter colocado a mim e seus homens em risco.

Em meio à morte, eu tinha encontrado a vida; Eu encontrei um homem que se importava. E ainda, com medo de me comprometer completamente, eu deixei a distância entre nós aumentar.

Oh Deus, deixe-me vê-lo novamente. Não deixe a melhor parte da minha vida estar atrás de mim.

Com o meu celular, casaco, sapatos e mala truncados na máquina de raios-X do aeroporto, passei com confiança pelo scanner, apenas para ouvir o sinal sonoro alto.

Perplexa, coloquei as mãos nos meus bolsos no caso de eu ter deixado coisas nelas que poderiam ter disparado o alarme.

Um segurança gritou para eu levantar minhas mãos e me apontava ameaçadoramente um rifle. Chocada, joguei minhas mãos no ar enquanto um segundo guarda se aproximava com cuidado, seus olhos negros se estreitaram de desconfiança.

Em seguida, uma guarda de segurança do sexo feminino em um *hijab* preto foi convocada e começou a me revistar, passando as mãos em torno de minha cintura, axilas, coxas, do meu sutiã e costas das minhas pernas.

Quando não havia nada para encontrar, a mulher recuou, olhando para mim de forma incompetente.

Então eles forçaram minhas mãos para outro scanner. Pensei primeiro que estavam verificando minhas impressões digitais, mas não eram.

Mais uma vez, o scanner tocou, e os rifles se moveram para mim.

Até agora, estava suando, parecendo culpada, e observando o relógio e o monitor indicando que o embarque estava começando.

— Eu tenho que pegar um voo. — eu disse, minha voz tremendo.

— Um minuto.

— É importante.

— Um minuto.

Os guardas murmuraram um para o outro, então um deles deu um passo à frente e esfregou as palmas das mãos.

— Nós procuramos produtos químicos para fabricação de bombas. — ele explicou secamente.

Eu não sabia o que dizer. Sabiamente, fiquei com a boca fechada.

Se o pior acontecesse, eu poderia usar minhas conexões no *New York Times* para me tirar daqui.

Uma pesquisa cuidadosa foi feita com minha bolsa e sapatos. O

forro foi cortado do meu casaco, as costuras foram minuciosamente examinadas.

Eu tinha sete minutos para pegar meu voo.

Apesar do ar condicionado, o suor gotejava nos meus olhos, minha camiseta estava encharcada e minhas mãos tremiam.

E então eles encontraram algo, suas vozes mais altas e excitáveis, e de repente minha loção de mão de tamanho de viagem foi apreendida e jogada na mesa. Mais cotonetes foram retirados, e os guardas relaxaram com os resultados.

Eu poderia ter chorado com alívio quando um segurança me disse alguns dos produtos químicos na loção, provavelmente a glicerina, confundiu o equipamento.

Por quantos quilômetros eu tinha viajado com isso na minha bolsa?

Não sabia se devia estar aliviada, feliz ou furiosa, mas quando me permitiram sair, não me incomodei em argumentar. Peguei minha jaqueta, maça e sapatos rasgados, e corri de meias pelo terminal até meu portão, chegando exatamente quando o último passageiro estava embarcando.

Ofegante, ainda tremendo e suada, eu me sentei em meu assento ao lado de um homem com uma túnica *jalabiyyah* e lenço na cabeça.

Ele certamente não estava feliz em me ver ou sentar-se ao lado de uma mulher que também era estrangeira, e reclamou alto para um dos comissários até que ele fosse levado para outro lugar.

Fiquei muito aliviada por ter conseguido ficar longe dele.

Agora, eu tinha a insuportável tarefa de aguardar notícias de Jack: vinte horas de viagem à minha frente com duas paradas antes de chegar a San Diego. O voo da Turkish Airways fez uma parada em Istambul e também mudei de avião em Los Angeles.

Os motores rugiram como trovões e me pediram que desligasse meu telefone. Eu esperava que o wi-fi funcionasse uma vez que estivéssemos no ar. Eu esperava muitas coisas.

JACKSON

Dez horas antes...

Jack sentou-se em sua mesa, olhando seu telefone a cada poucos minutos, desejando que ele ligasse, querendo que Maggie ligasse. Ele estava ciente de que seu comportamento era divertido e irritante para

os caras em seu pelotão, e ele teve que suportar muitas brincadeiras sobre ser chicoteado. Não que ele se importasse. Ele disse-lhes que eram todos um grupo de condenados perdedores e ciumentos como o inferno. O que era meio verdadeiro.

Os homens que estiveram com ele no Afeganistão admiraram a bravura de Maggie e o fato de que ela não se desmoronou ou gritou quando eles foram encarregados de extraí-la de uma situação que ameaçava a vida. Eles apreciaram ainda mais que ela veio agradecer-lhes pessoalmente por salvar sua vida. O fato de que eles achavam que ela era quente também deu pontos de Jack Brownie, embora ele os tivesse ameaçado uma punição se mencionassem seus peitos ou bunda dela novamente.

Na época, naturalmente, havia muitos murmúrios sobre repórteres idiotas estar onde eles não deveriam estar e esperava que os Fuzileiros salvassem suas bundas, mas eram brincadeiras muito bem-humoradas.

Ver o seu sargento (agora Sargento de Artilharia) caindo sobre os calcanhares apaixonado por ela, era um bônus adicional. Mas todos concordaram que ele foi definitivamente flechado.

Jack suspirou, sem entusiasmo, apertando seu teclado com dois dedos e desejando que a pilha de papelada se queimasse automaticamente. Ele não se juntou aos fuzileiros para lidar com papéis. Infelizmente, quanto mais alto ele era promovido, mais papelada parecia estar envolvida. Ele sabia há muito tempo que tinha tomado a decisão certa de não se candidatar a uma escola de treinamento de oficiais — ele já teria se afogado em papel agora.

Ele decidiu que deve ser uma espécie de prova que o fez se apaixonar por uma jornalista — alguém que ganhava a vida com palavras e pilhas de papel.

Jack franziu a testa. Ele não era noivo de Maggie, não no sentido legalmente vinculativo do casamento, mas ele certamente pensava muito nisso.

Ele planejava colocar a questão em Paris, mas quando perguntou impulsivamente sobre ter filhos, ela tinha deixado bem claro que não estava na agenda dela. Jack fez uma retirada tática e manteve o anel que ele comprou com o salário do último mês no bolso.

Jack não era um homem de muitas dúvidas e começou a adivinhar todos os telefonemas, textos e e-mails de Maggie.

Ela dizia que o amava, mas também tinha Emmy. Ele se perguntou com surpreendente amargura se Maggie se tornaria uma daquelas mulheres que amariam o uniforme, que amaria a ideia de ter um Fuzileiro como namorado, mas quando confrontada com longos meses de ausência, decidiria que um homem civil seria uma aposta mais segura.

Maggie nunca tinha parecido assim — era uma das coisas que o atraíam para ela em primeiro lugar — e sua bravura, a maneira como seus olhos escuros brilhavam quando ela estava com raiva, a paixão escondida atrás da aparência profissional. Parecia inconcebível que ele a interpretasse mal, mas desde Paris, uma nuvem de dúvida havia pendurado sobre ele e consequentemente sobre seu relacionamento.

Agora, ela nem sequer estava respondendo seu maldito telefone e ele havia deixado uma mensagem de texto horas atrás.

Ele nunca desejou que seu julgamento interferisse, mas ele acordou com uma sensação ruim em seu intestino. Seu intestino raramente estava errado.

A temperatura estava alta, mas a umidade estava aumentando e o ar zinguezagueava com eletricidade, trovejando, ameaçando na distância.

As gotas de suor em sua testa no escritório abafado e ele olhou com desgosto na montanha da papelada ainda para olhar.

Uma manhã arrastada tinha sido o destaque do seu dia até agora.

Ele esperava falar com Maggie, mas havia apenas um silêncio que se esticava devagar ao longo do dia inteiro. Eram nove da noite no Cairo, certamente ela estava de volta da sua entrevista.

Ele puxou o telefone novamente, olhando-o com mau humor quando ainda não havia nenhuma palavra de sua mulher. A tela escureceu e ele franziu o cenho quando percebeu que a vida útil da bateria era de cinco por cento. Maldita coisa sempre estava sem bateria.

Ele realmente precisava comprar um novo celular, um deles cuja vida útil da bateria era maior do que uma manhã. Procurando o carregador na gaveta da mesa, ele amaldiçoou furiosamente quando não conseguiu encontrá-lo, então lembrou que ele o deixou em seu quarto depois de usá-lo na noite anterior.

Mal-humorado e irritado, Jack se forçou a concentrar-se no

preenchimento de formulários e no depósito.

Dois minutos depois, ele bocejou, esticando os braços bronzeados acima de sua cabeça e decidiu dar um passeio pela base no sol do inverno e um almoço adiantado melhoraria sua perspectiva. E pegou o carregador. Nada a ver com a esperança de ouvir de Maggie. Claro que não.

De repente, um ruído muito familiar, muito feio, rasgou o *ar... ak-ak-ak... ak-ak-ak...* O som distintivo e inconfundível de um Kalashnikov²¹. Sem pensar, instinto puro dirigindo seus movimentos, Jack jogou-se de frente para baixo no chão de concreto quando o eco de balas explosivas cantou por perto.

Seu cérebro mal calculava ouvir uma arma inimiga disparada no relvado doméstico, embora seu corpo o reconhecesse instantaneamente e respondeu.

21 Tipo de arma.

O concreto era duro e estava frio enquanto ouvia o implacável ruído das balas, atordoado.

— Cristo, está no modo automático. — ele sussurrou. — Cerca de quatrocentos metros de distância. Merda, esse é o portão principal!

Mantendo a cabeça baixa, ele correu para a sala de armas de metal trancada onde ele mantinha seus rifles e armadilhas. Seus dedos pairavam amorosamente sobre seu rifle M40, mas seria menos útil em partes próximas. Em vez disso, ele pegou a carabina M4, carregou e colocou outros quatro pentes no bolso. *Eu ainda sinto falta do meu M16*, pensou.

Ele colocou seu colete e capacete antes de correr para o barulho.

Até agora ele podia ouvir o fogo ser devolvido e o som de um alarme.

Então houve uma pausa de talvez um minuto antes de ouvir mais tiros AK47 de uma direção diferente. Ele já sabia o que isso significava: o inimigo estava em movimento.

Jack mudou de direção e correu em direção ao tiroteio.

Ele estava perto agora e respirou fundo quando viu o corpo de um jovem, o sangue saindo de uma ferida no peito, com os braços abertos

enquanto seus olhos sem visão olhavam para as nuvens em massa.

Jack lamentou suavemente e mesmo sabendo que o garoto estava morto, ele se ajoelhou e apertou dois dedos na garganta, procurando por pulso. Nada.

Ele bloqueou suas emoções, o treinamento que teve assumiu.

Movendo-se cautelosamente agora, usando cada polegada de cobertura, ele avançou.

Então ele viu o inimigo: um homem com uniforme verde e óculos escuros, saltando de um veículo leve M1163 da Marinha e passeando pelo pátio.

— Pare! Abaixе sua arma! — gritou Jack.

A AK47 balançou em sua direção, o cano da arma se aproximando.

Jack não hesitou. Ele disparou três vezes, observando com um bom profissionalismo quando a arma do inimigo sacudiu, esvaziando o pente bala após balas em sua direção.

Jack virou-se para se cobrir, escorregou no sangue e caiu de joelhos.

MAGGIE

Eu não conseguia dormir durante o longo voo do Cairo. Depois de dez anos como jornalista, aprendi a desmaiar em qualquer lugar, mas desta vez meu cérebro girou e girou enquanto eu procurava em todos os sites de notícias, tentando desesperadamente descobrir se Jack estava bem. Mas a notícia era sombria e não me deu conforto.

Logicamente, eu sabia que as chances não eram ruins — dezenas de milhares de fuzileiros estavam no Camp Pendleton, mas meu coração teimoso temia o pior e esperava desesperadamente pelo melhor.

Havia agora quatro mortos confirmados e feridos múltiplos mencionados nos relatórios de notícias, mas, como na prática de relatórios padrão, nenhum nome havia sido divulgado para imprensa até que as famílias tivessem sido informadas.

Eu tinha visões horrorizadas de um oficial de notificação de acidentes esperando na varanda da casa de Evelyn, uma bandeira dobrada nas mãos. Tentei avaliar quanto tempo havia passado porque sabia que era uma regra permanente que a família devia ser informada dentro

de quatro horas. Esse tempo já havia expirado, mas ainda nenhum nome foi divulgado.

O que isso significava?

Quando eu finalmente cambaleei do avião no aeroporto internacional de San Diego, tapei os olhos secos do sol do inverno, liguei meu telefone e disque o número de Jack imediatamente. Mais uma vez, tocou e tocou e tocou. Quando eu ainda não consegui achá-lo, fiquei desesperada o suficiente para chamar sua mãe. Eu segurei o número de Evelyn, mas a linha foi para o correio de voz e deixei uma mensagem incoerente, implorando-a para me chamar de volta.

Eu corri para a cabine de aluguel de carros, mas tive que aguardar vinte minutos agonizantes enquanto a funcionária lentamente mexia em seu teclado, bocejando e tomando café, me dizendo feliz que todos os carros de tamanho médio e grande já haviam sido levados por jornalistas que voavam para a cidade, e que ela tentaria me achar um compacto.

Bufando, mas recusando-me a perder minha educação, tomei uma xícara de café de uma máquina e esperei enquanto ela preenchia o formulário, até que finalmente pegou meu cartão de crédito e entregou as chaves de um pequeno Toyota.

Eu não me importaria se tivesse duas rodas, desde que tivesse um motor. Eu joguei minha mala no banco de trás, configurei o GPS no meu telefone e me dirigi para o norte.

O calor estava abafado e opressivo depois do ar condicionado aeroporto. Segurei o volante, empurrando o limite de velocidade enquanto acelerava na estrada I-5. Eu quase bati quando meu telefone tocou.

— Evelyn! Graças a Deus! Há alguma novidade?

Sua voz suavemente modulada estava tensa.

— *Não, querida. Jackson não está respondendo seu telefone e não consigo passar por ninguém na base. Até liguei para o seu amigo, Gray, esperando que ele pudesse ajudar. Ele prometeu chamar todos os seus amigos em comum, mas ele diz que a base está em bloqueio e, até agora, nada. Lamento muito não poder te contar mais. Deve ser horrível que você esteja tão longe. Que horas são no Egito?*

— Eu não estou no Egito, estou em San Diego.

— *Como?*

— Eu voei assim que ouvi as notícias. Eu estou indo para Pendleton agora. Eu devo estar lá em trinta minutos.

Ouvi uma respiração aguda e depois sua voz se quebrou enquanto ela lutava para segurar lágrimas.

— *Você vai descobrir para mim, Maggie? Você vai me dizer que meu garoto vai ficar bem?*

— Eu vou, Evelyn, eu prometo.

— *Obrigada, querida. Deus te abençoe.*

Quando a chamada terminou, eu acelerei passando um BMW, o marcador no velocímetro passou de 100.

Eu só tirei meu pé do acelerador quando vi uma placa para Camp Pendleton, e só porque eu estava seguindo um comboio de três furgões de notícias.

Camp Pendleton foi construído em uma larga faixa de costa pela foz do rio Santa Margarita. Além da base, dunas e árvores limitavam o lugar. Com 44 quilômetros de costa e mais de 517 quilômetros quadrados, o lugar era enorme.

Um vento quente soprava do oceano e as nuvens negras pairavam no ar, refletindo meu humor.

Eu estacionei o Toyota no lado da estrada e puxei meu crachá da Imprensa de minha jaqueta. Uma pequena multidão de jornalistas estrangeiros estavam em pé fazendo anotações, ou falando em seus celulares. Vários estavam dando relatórios ao vivo. A uma curta distância, um helicóptero de notícias pairava bem fora da zona de exclusão da base.

— O que tem de mais recente? — Eu perguntei a uma mulher cuja maquiagem perfeita me disse que ela era uma jornalista de TV. —

Já anunciaram os nomes?

— Não. — ela disse, olhando de maneira apreciadora para minhas roupas enrugadas. — Toda a base ainda está bloqueada por causa da bomba.

Sangue escorreu do meu rosto e senti gelado.

— Que bomba? Eu não ouvi nada sobre isso, eu estive em um avião nas últimas vinte horas.

Ela ergueu as sobrancelhas e abriu o caderno para verificar seus fatos, embora eu suspeitasse que ela soubesse de cor.

— O suspeito matou dois Fuzileiros de plantão em cada portão, esmagou as barreiras em um veículo militar — ainda não temos certeza que tipo, ou se o veículo foi roubado ou pertencia ao suspeito. Ele então dirigiu pela base, matando mais dois fuzileiros e ferindo uma dúzia.

Três estão em estado grave com lesões com risco de vida e... — ela fez uma pausa. — Você está bem, querida? Você está horrivelmente pálida.

Eu pisquei as lágrimas quando apertei meus dentes. Desmoronar não ajudaria ninguém. Mas sua gentileza inesperada me empurrou até o limite.

— EU ... meu namorado está aqui. Não consigo chegar nele.

Seus olhos se arregalaram com preocupação, e ela pegou meu braço suavemente.

— Por que você não se senta na nossa van por um momento, está mais fresco lá. Vou pegar um pouco de água. De onde você viajou?

Sentei-me no banco do passageiro da van da sua equipe grata pelo copo de água.

— Estou com o *New York Times*. — Eu disse uma vez que limpei a poeira da minha garganta e engoli o nó que estava nela. — Estava trabalhando no Cairo, mas quando ouvi sobre o ataque e não conseguiria notícias... Eu tive que vir... Eu precisei.

Ela sorriu simpaticamente e acariciou meu braço, sua testa enrugada com preocupação.

— Tudo o que posso dizer é que houve um relatório de que o veículo do suspeito tinha algum tipo de dispositivo improvisado em anexo. Não houve nenhuma explosão, mas certamente houve muito movimento. Devo continuar?

Eu acenei com a cabeça tão rápido que deveria ter parecido que minha cabeça estava solta.

— Sim por favor! Deus, por favor!

— Então, um dos Fuzileiros atirou no suspeito, e o matou. Mas quando eles foram verificar seu veículo, eles viram que estava cheio de explosivos, possivelmente algum tipo de fertilizante e Deus sabe o que mais. Nós fomos movidos de volta para cá nesse ponto. A equipe de eliminação de bombas chegou em minutos de outro lado da base.

Foram várias horas antes de o dispositivo ter sido salvo, mas eles estão verificando toda a base para ver se o terrorista, quem quer que fosse, teve tempo de plantar outros dispositivos. Há muita base para verificar.

É por isso que eles ainda estão bloqueados, e é por isso que todos estamos aguardando aqui. E agora você sabe tudo o que fazemos.

— Obrigada. Eu aprecio isso.

— *The New York Times*, hein? Conhece Lee Venzi? Seu marido era um fuzileiro.

— Sim! Ela é uma amiga. De onde você a conhece?

— Eu fiz uma matéria com seu marido e seu trabalho de caridade.

Nós somos amigos desde então. Casal amável.

Ela me olhou pensativa.

— Que tal eu entrevistá-la? Isso seria uma boa matéria, a namorada preocupada que voou metade do mundo. É meio romântico

— nossos espectadores adorariam isso. E pode persuadir as autoridades a darem informações sobre o seu homem. — acrescentou com astúcia.

Ela certamente sabia quais botões pressionar, mas não podia culpá-la por isso.

— Talvez mais tarde.

— Vamos. Não é como se você tivesse algo melhor para fazer. E

pode ajudar. Além disso, se você não conseguir falar no seu celular, seria uma ótima maneira dele saber que você está aqui. Eles vão assistir a notícia na base, vendo como isso está sendo tratado, e se você encontrou qualquer nova informação.

Parecia improvável que Jack tivesse tempo de assistir as notícias, mas valia a pena tentar. Cansada e preocupada, concordei.

— Bem. Eu vou fazer isso.

Ela se iluminou imediatamente.

— Ótimo!

Ela tirou alguns detalhes de mim, fazendo todas as perguntas certas. Embora eu não estivesse dando muitos detalhes, eu reconhecia um profissional quando via um, embora não fosse meu estilo fazer o emocional — ‘como você está se sentindo agora?’.

Então, ela penteou cuidadosamente o cabelo loiro e sedoso e acrescentou uma nova camada de brilho aos lábios já brilhantes antes de convocar seu operador de câmera. Ao lado dela, eu parecia uma pessoa sem-teto, mas ela disse que isso aumentaria a dramaticidade da história.

— Nós estamos prontos? — perguntou ao operador de câmera que assentiu e começou a gravar.

Ela puxou o rosto para a expressão — séria, simpática — que todos os repórteres de TV parecem saber fazer instintivamente.

— Eu estou fora do acampamento Pendleton, cena da morte de quatro fuzileiros sobre um ataque terrorista, enquanto o número de feridos continua a subir, nossos corações vão aos entes queridos que ficam perguntando se é seu pai, irmão ou irmã, ou mesmo o filho que

está entre as vítimas. Uma das que aguardam notícias devastadoras está aqui comigo hoje. E como repórter do *New York Times*, Margaret Buckman fica geralmente atrás da câmera em uma notícia, uma vez que ela está baseada no Oriente Médio, um dos lugares mais perigosos do mundo...

Ela estava empilhando as emoções.

— Mas Margaret... conhecida por seus amigos como Maggie...

voou por vinte horas, mais de 20 mil quilômetros, porque seu namorado, o Sargento Jackson Connor, está aqui em Camp Pendleton.

Como muitas outras famílias, ela aguarda notícias de seu amado.

Ela empurrou o microfone para mim.

— Como você está se sentindo, Maggie?

— Chocada e preocupada. — respondi honestamente. — Eu sei que os militares têm protocolos a seguir, mas ficar sem ter notícias... É

insustentável. — respirei fundo. — Eu tenho que esperar pelo melhor.

— Onde vocês se conheceram?

Quando contei a nossa história, seus olhos cresceram, satisfeitos com a direção em que a notícia dela estava indo. Eu não estava brava —

ela só estava fazendo seu trabalho.

— A mãe de Jack, Evelyn e sua irmã, Lucy, estão em casa em Gulfport, Mississippi, esperando por notícias também.

Ela trouxe o microfone de volta à boca enquanto o operador de câmera se aproximava.

— À medida que o relógio anda, só podemos esperar que o Fuzileiro de Maggie chegue em casa, mas já sabemos que quatro famílias estarão de luto pela perda de seus entes queridos hoje à noite.

Aqui é Heather Lake, Camp Pendleton, San Diego para Fox 5 News.

Suas palavras me cortaram o coração. Se Jack estivesse vivo, era porque outra pessoa havia morrido. Eu tive que me afastar enquanto as lágrimas quentes e irritadas vazavam dos meus olhos.

Capítulo Dezessete

A caminho de casa

Os olhos de Jack queimavam com o cansaço, mas ele tinha um trabalho a fazer.

Ele tirou a vida de um homem. Um homem que queria matá-lo, um homem que já havia matado quatro homens, mas uma vida, no entanto.

Ele se sentiu vazio, sem emoção, com o grande cansaço que vinha com a adrenalina de ficar sem dormir por muito tempo.

Ele se juntou à equipe do EOD e a dezenas de outros homens para procurar dispositivos incendiários ou explosivos dentro da base.

Como ele tinha a ideia mais clara do caminho que o inimigo tinha feito, teve que ficar com a equipe de eliminação de bombas o tempo todo, mal tendo tempo para mijar, e muito menos comer, embora alguém tenha lhe trazido uma xícara de café durante o longo dia e a noite.

Uma vez que a base foi dada como limpa, e metade da tonelada de fertilizantes embalados foram neutralizadas pela equipe do EOD, ele também foi entrevistado por oficiais seniores, deputados e uma equipe de incidentes, contando a mesma história cada vez. E agora ele tinha que preencher uma tonelada de formulários para explicar o descarte de sua arma. Não havia tanta documentação quando ele estava no Afeganistão, pensou amargamente.

Caminhando de volta ao seu escritório, olhou para o celular dele, ainda descarregado e sem o carregador, e que provavelmente não ligaria em breve. Foi a primeira chance que teve que pegar um telefone em quase vinte e quatro horas e ele precisava ligar novamente para Maggie, sua mãe e sua irmã. Ansiava ouvir a voz de Maggie, mas ainda era incerto se ela queria falar com ele e ele não sabia o que diria, ligou o laptop e voltou-se para um canal de notícias para ver o que os repórteres diziam.

Ele ficou atordoado ao ver Maggie, de olhos vermelhos e exausta, sendo entrevistada por uma loira peituda.

— Eu só preciso saber que ele está seguro. Jack, se você está ouvindo isso, ligue para mim. Evelyn e Lucy estão desesperadas por saber de você também. Nós todas te amamos. Esteja a salvo.

Ele não acreditava que ela estivesse aqui, de pé com os outros jornalistas no perímetro da base. Ele sabia quantas horas demorava para voar do Cairo — pensou nisso com bastante frequência. Inferno, ela deve ter conseguido um voo logo após o ataque.

Com essa percepção, todas as suas dúvidas derreteram-se, e ele sentiu-se furioso e envergonhado de ter questionado que o relacionamento era sincero. Ou que ela o amava. Inferno, ela acabou de anunciar isso para todo o mundo!

Seu peito se apertou e se encheu de amor, enquanto ele se deixava acreditar.

Ele pegou seu telefone fixo e discou, sabendo de cor o número do seu amor.

— Maggie...

— *Jack? Jack! Oh meu Deus, Jack!*

E então ele não sabia se ela estava rindo ou chorando quando os soluços descontrolados o alcançaram.

— Está tudo bem, querida. Está bem.

E talvez pela primeira vez em muito tempo, estava tudo bem.

— Eu não posso acreditar que você veio pra cá.

Houve uma longa pausa enquanto ela fungava e limpava a garganta.

— *Eu estava com tanto medo... não havia outro lugar que queria estar. Eu te amo muito.*

O coração de Jack cresceu com gratidão, o amor transbordou de seu comportamento difícil. Demorou vários segundos antes que ele pudesse falar.

— Eu também te amo, Maggie. Cristo, sinto muito, querida.

Esqueci de carregar o meu celular...

Desta vez, ela estava definitivamente rindo, e fez apenas uma pausa antes da histeria voltar.

— *Você não carregou o seu celular?! Eu fiquei louca! Sua mãe...*

Jesus, Jack!

— Eu sei, eu sei. Vou ficar atento da próxima vez e ligar pra elas.

Mas a base ainda está bloqueada — eu não posso sair, não posso ir até você. Deus, Maggie! Eu só quero abraça-la, pra saber que você é real.

— *Oh, eu estou bem, Sarge.* — ela sussurrou, o stress e a tensão das últimas vinte e quatro horas aparentes em sua voz. — *Você não vai se livrar de mim agora.*

Ele esperava que isso fosse verdade. Era tudo o que ele esperava.

E quando enfrentou o inimigo, enfrentou a morte, quando foi alvejado por balas e escapou por polegadas, era o rosto dela que ele tinha visto.

Se eu não tivesse escorregado, porra, eu estaria morto agora.

Sorte. Toda a sorte do mundo o salvou. Ou talvez, ele pensou em seu eu íntimo, talvez ele tivesse sido salvo. E, mesmo que ele olhasse o cano da AK47 do inimigo, ele queria sobreviver por ela, por Maggie.

Conversaram por mais quinze minutos, mas ele conseguiu ouvir a exaustão em sua voz e tentou persuadi-la a entrar em um hotel para descansar, mas ela estava relutante em deixar o perímetro no caso de o bloqueio ser revogado. Finalmente, ela só concordou quando ele prometeu chamá-la no momento em que houvesse mais notícias ou fosse autorizado a deixar a base.

Depois que eles relutantemente se despediram, ligou para sua mãe e sua irmã. Ouvindo-as chorar por telefone, tentou dizer que estava em segurança quanto conseguiu.

Finalmente, sozinho novamente no profundo silêncio de seu escritório vazio, xingou a pilha de papelada em sua mesa, ignorou, depois tropeçou de volta ao seu quarto e caiu em um sono profundo.

Ele foi acordado quatro horas depois pelo funcionário do CO

batendo em sua porta e pedindo o relatório que Jack deveria ter enviado por e-mail agora.

Com cansaço, se sentou esfregando os olhos, lembrando finalmente de ligar o celular ao carregador, franzindo a testa, quando apontou para ele com uma longa e irritante vibração de chamadas perdidas e mensagens de texto. Ele ouviu todas, seus olhos nublados ao ouvir as palavras cada vez mais preocupadas de Maggie do Cairo, Istambul, Los Angeles e, finalmente, fora da base.

Ele se sentiu ainda mais culpado por ter duvidado e estava determinado a compensar isso o mais cedo possível. Ele ainda estava um pouco surpreso por ela ter voado 20 mil quilômetros para estar com ele. Ela era uma mulher incrível e ele era um bastardo sortudo por tê-la em sua vida.

De volta ao escritório, leu as atualizações sobre o incidente. Os jornais e a televisão chamavam de ataque terrorista, mas os militares estavam evitando cuidadosamente dar esse título.

O assassino era um desempregado de 28 anos de um lugar chamado Escondido com um registro policial por pequenos crimes.

Ninguém sabia ainda por que ele havia decidido atacar a base, mas as autoridades estavam trabalhando nisso, passando por seu apartamento alugado, laptop e celular.

Em pouco mais de oito minutos, ele disparou mais de quarenta rodadas de tiro do interior de seu veículo, matando dois fuzileiros nos portões e mais dois dentro. Outros dezessete tinham sido feridos, e um deles perdeu um braço. Outros dois estavam na UTI e ainda não estava certo se sobreviveriam. Homens com os quais ele havia servido, homens que conhecia.

De onde veio esse ódio?

Ele descansou a cabeça nas mãos, respirou fundo e começou a bater as letras no teclado, completando estoicamente seu relatório, fazendo o dever dele. Às vezes, a vida era uma merda.

Então ele lembrou que Maggie estava esperando por ele.

Às vezes, a vida era boa.

Cinco horas depois, o bloqueio terminou. Mas Jack, sendo a testemunha principal, teve que aguardar outros dois dias antes de lhe ser concedido licença. Dois dias terrivelmente longos enquanto esperava para ver Maggie. Eles falaram durante algumas horas as duas noites quando ele estava fora do serviço — estava matando ele não poder vê-la.

Pelo menos em seus sonhos, ele poderia segurá-la em seus braços.

MAGGIE

Eu pensei muito enquanto estava presa no meu hotel à espera de Jack. Eu passei por longas caminhadas sobre as dunas de areia, me perdi em meus pensamentos, me perguntando o que o futuro traria, me perguntando o que eu queria: o que eu queria e o que estava preparada para desistir, o que eu poderia comprometer e o que eu não podia.

Eu estava bastante certa do qual seria minha decisão, mas não entrando de cabeça, pesando a evidência, essas eram as marcas de um bom jornalista. Mas quem não fica sensível quando está apaixonado?

Todas as noites, falamos por tanto tempo até que ambos estávamos bocejando quando dissemos boa noite.

Eu também falei com Evelyn, assegurando-lhe que Jack estava bem. Eu conversei com Lucy com quem eu nunca conheci e a achei doce e engraçada, orgulhosa de seu grande irmão e muito acolhedora para mim.

Eu ansiava por Jack, o desejava. Eu queria sentir as mãos no meu corpo, queria poder olhar para aqueles olhos azuis de cobalto. Eu queria seu sorriso e sua risada, e queria fazer amor com ele, para compensar todas as noites que estivemos separadas desde que nos conhecemos.

E não queria dizer adeus novamente. Eu tinha medo de que, se fizesse, seria a última vez. Estúpido pensar assim porque eu nunca tinha sido supersticiosa, mas quando soube que era Jack quem disparou contra o atirador, um arrepio de medo me invadiu na minha alma.

Eu cheguei muito perto de perder meu amor. O pensamento me deixou fisicamente mal.

Então eu me mantive ocupada, pensando esses dois longos dias, endurecendo a minha determinação e testando as palavras que eu queria dizer a ele.

Então, quando ele me ligou para dizer que estava a caminho do hotel, finalmente, eu queria chorar e rir e abraçá-lo para sempre.

Ele ainda estava dirigindo seu jipe, quando o vi pela janela. Ele rasgou a entrada para o hotel em uma nuvem de poeira, o escapamento era ainda mais alto do que lembrava.

Desci as escadas e atravessei o átrio, me jogando nele, fazendo-o cambalear de volta. E então o beijei até que nenhum de nós pudesse respirar.

Deixei meus dedos passar suas bochechas recém-barbeadas, o fraco aroma de sabonete que se apegava à sua pele bronzeada. Minhas mãos acariciaram seus cabelos, as cerdas macias fazendo cócegas nas minhas palmas, e senti que o corpo forte tremia quando me apertava nele, e ele enterrou o rosto no meu cabelo, abraçando-me com tanta

força que mal conseguia respirar.

Jack falou primeiro, escovando os polegares sobre a boca e as bochechas, afastando meus cabelos emaranhados dos meus olhos.

— Por que estamos perdendo tempo, Maggie? Poderia ter sido eu.

Você sabe disso, certo? Ou da próxima vez pode ser você. Não podemos continuar jogando este jogo.

Não era assim que eu esperava, mas não seria Jack se não fosse tão direto.

— Não é um jogo, Jack. — eu disse com urgência. — Não para mim. Quando eu ouvi... quando eu vi... Não pude... não era... minha vida piscou na frente dos meus olhos, Jack. Sua vida, minha vida. Eu quero estar com você. Para sempre. Sem ter que me despedir mais. Já dissemos essas palavras muitas vezes. Eu não quero mais isso.

Seus olhos azuis ardiam com uma paixão quase desesperada, uma necessidade de certeza.

— Eu sou um fuzileiro naval. Isso é o que faço. Eu poderia ser convocado novamente no próximo ano por seis meses, por mais tempo.

Sempre haverá despedidas.

Eu acenei com a cabeça devagar, sabendo que ele estava certo, e sabendo que não podia, não pediria que ele saísse disso, mesmo quando colocava sua vida em perigo. Ele tinha um forte senso de dever e adorava ser um fuzileiro naval. Eu não faria ele escolher entre seu trabalho e eu.

Eu não tinha esquecido as palavras de Marc sobre viver a vida de Jack em vez da minha, mas também estava disposta a tentar.

— Eu posso viver com isso. — eu disse calmamente. — Eu não vou gostar. Nunca quero me despedir de você, mas você é um Fuzileiro e estou tão orgulhosa de você — sempre estarei.

Seus olhos escanearam meu rosto, mantendo sua esperança cheia.

— Você quer dizer isso?

— Sim, eu quero. Com todo meu coração.

Ele puxou para trás para olhar para mim, agarrando meus ombros quase dolorosamente.

— E o Cairo?

Eu pensei cuidadosamente sobre a minha resposta, querendo explicar para que ele entendesse, então não haveria incerteza.

— Por toda minha carreira, meu objetivo era esse trabalho, ser uma correspondente estrangeira.

Os ombros de Jack caíram.

— Eu sei.

— E eu consegui. Penso que, de alguma maneira, fiz a diferença.

Talvez seja arrogante, mas acredito no meu trabalho, realmente acredito. Mesmo que às vezes eu me sinta como Canute, tentando reter as ondas, mas no final só provando que ninguém pode impedir o oceano de entrar. O que eu estou dizendo, Jack, é que eu terminei. Eu consegui o que procurei alcançar. Não posso mais fazer isso. Eu terminei. Estou saindo do Cairo.

Seus olhos se arregalaram.

— Mas... você fez? Quando?

— Dois dias atrás.

— Você... você não disse nada!

— Eu estava esperando um retorno do meu editor. Eu queria ter certeza... sobre tudo.

— O que seu editor disse?

Eu dei um sorriso irônico.

— Bem, ele não ficou muito feliz, mas ele também não tem escolha.

— Assim... — Jack puxou a palavra dolorosamente. — Você vai voltar para Nova York agora?

Abaixei os olhos até contemplar seu peito.

— Essa é certamente uma possibilidade e meu editor me ofereceu meu

antigo trabalho de volta... mas há outra opção que estou considerando.

Olhei para cima, sentindo seus olhos ardentes em mim.

— O Comitê Internacional de Resgate é uma instituição de caridade pequena, mas em crescimento. Eles estão procurando alguém para liderar seu departamento de publicidade — e me ofereceram o trabalho.

Jack deu um sorriso tenso.

— Isso parece realmente ótimo, Maggie.

— Isso é. Eles fazem um trabalho incrível em todo o mundo: saúde, educação, fome, refugiados — onde quer que sejam necessários, e ainda tenho a chance de fazer a diferença. Haverá algumas viagens, mas não irei morar no exterior, e... — Eu respirei fundo, — seus escritórios estão em Glendale. São apenas 136 quilômetros na estrada I-5 do Camp Pendleton. Eu procurei por isso.

O olhar profundo de Jack alisou lentamente e suas bochechas bronzeadas se ergueram em um sorriso que se ampliou e ficou mais feliz.

— Isso significa que nós poderíamos... — eu comecei a dizer.

Jack me interrompeu.

— Eu sei o que significa, Maggie. Isso aí! Nós realmente vamos fazer isso? Eu não estou falando sobre namoro, ver como isso acontece; Estou falando sobre tudo... — ele fez uma pausa. — Porque eu amo você, Maggie. Estive escondendo da verdade por um tempo. Eu sei que ser casado com um homem que é um Fuzileiro não estava em sua lista de tarefas. Eu fico muito tempo fora ou em treinamento, às vezes sou convocado em cima da hora. Eu poderia ficar mais tempo longe do que em casa. Não é uma grande vida para a esposa...

Apertei meus dedos sobre seus lábios.

— Você pode parar com isso agora, Jackson.

Ele engoliu em seco e endireitou a coluna.

— Eu quero me casar com você, Maggie, e não vou aceitar não como resposta.

Eu brilhei com amor e alívio.

— É melhor eu dizer sim.

— Porra, é melhor eu te perguntar.

Ambos explodimos rindo ao mesmo tempo. Então, sua expressão tornou-se séria e murmurando sob essa respiração, ele rasgou uma fina folha de papel prateado que deve ter vindo de uma barra de doces e fez em um anel.

Suas bochechas coraram de vermelho quando afundou em um joelho e segurou o anel improvisado.

— Eu tenho um anel de verdade na minha mesa. — ele murmurou timidamente.

— Você tem?

— Sim, mas isso é um pouco impróprio...

Ele balançou a cabeça, olhando fixamente para mim, suplicante.

— Não posso te oferecer muito. Eu acho que esse anel diz sobre tudo. Não posso te dar o meu coração, porque você já tem ele por um bom tempo. Mas eu prometo amá-la e apreciá-la, discutir com você e compensar você, segurá-la e cuidar de você todos os dias da minha vida. Você é a mulher mais frustrante e perigosa que já conheci, mas você também é corajosa, leal e gentil, e você luta pelo mundo para ser um lugar melhor. Não há mais nenhum outro lugar que eu queira estar, senão ao seu lado nos próximos cinquenta ou sessenta anos, se Deus quiser.

— Margaret Jean Buckman, você me dá a honra de se casar comigo e ser minha esposa?

Eu acenei com a cabeça enquanto as lágrimas escorreram por minhas bochechas e descobri que a mulher que eu era, aquela que nunca estava perdida por algo a dizer, a mulher que era paga pelo número de palavras que escrevia não conseguia encontrar nada para responder.

— Isso é um sim? — ele murmurou. — Tem certeza?

— Minha resposta é que eu também te amo. Então, estou dizendo sim. Sim, vou casar com você, Sargento Jackson Connor. Com todo meu

coração.

Jackson deslizou o anel improvisado no meu dedo e beijou minha mão.

— Sim! — Eu meio que chorei, meio bufei. — Isso é um sim!

Grande, um grande sim! Eu te amo.

E quando nos beijamos, empoeirados, salgados, bagunçados e desajeitados, foi perfeito.

Capítulo Dezoito

Reiniciar

Eu voei de volta para o Cairo no dia seguinte usando um lindo anel de diamante com um detalhe de platina no quarto dedo da mão esquerda. Eu tinha um mês para terminar as tarefas atuais, me despedir das pessoas e alguns dias para passar as coisas para o meu substituto.

Adam Arshad Richardson era um jornalista jovem, e bonito, em seus vinte e poucos anos. Ele explicou que sua mãe era iraniana e ela tinha vindo para os EUA quando o Shah foi expulso em 1979. Seu pai era um professor de inglês do ensino médio e tinha se oferecido para ensinar inglês aos refugiados recém-chegados.

Adam era o mais jovem de três filhos, o único filho e o único de seus irmãos que já estiveram no Oriente Médio.

Ele estava entusiasmado com sua nova designação, mencionando casualmente que tinha uma namorada, mas que tinha rompido o relacionamento quando foi oferecido o trabalho a ele.

Os seus comentários fracos e condescendentes me diziam que achava que as mulheres não eram cotadas para serem correspondentes estrangeiros: — muito emocional — disse ele. — Você deve se afastar da história, ser profissional.

Eu tive que morder minha língua. Não que discordasse completamente da sua visão, mas entender as emoções das pessoas que entrevistei era o que fazia uma história interessar aos leitores. Eu era apenas cinco anos mais velha do que ele, mas era cinco anos de experiência na linha de frente.

Mesmo assim, ele me fez sentir como um estereótipo — a pequena mulher que jogou tudo para o alto para ir para casa e se casar.

Quando ele me perguntou no que eu estava trabalhando, eu mostrei-lhe as histórias de Sharm, Amesterdão e Zataari. Ele foi um pouco mais respeitoso depois disso.

Dei-lhe a minha lista de contatos também, e em primeiro lugar, houve alguma tensão entre ele e meu fabuloso assistente Asim.

Suponho que foi uma competição para ver quem seria o melhor, mas depois de alguns dias eles logo viram que trabalhar juntos seria mutuamente benéfico. Eu tinha grandes esperanças de que eles se ajustassem. Asim tinha sido inestimável para suavizar a minha entrada na política egípcia: Adam iria precisar dele.

Asim me levou para tomar uma xícara de chá *Koshary* no meu penúltimo dia. Preparou da maneira tradicional, mergulhando o chá preto em água fervida, deixando-o ferver por vários minutos, depois adicionando açúcar e folhas de hortelã fresca.

— Foi uma honra trabalhar com você, Senhorita Emjay. — disse ele.
— Eu disse a minhas filhas sobre você. Eu sempre acreditei que a educação é importante para as meninas. Não é fácil para elas ver isso porque o desemprego feminino é tão grande. Tivemos nosso primeiro ministro do sexo feminino em 1962, Hekmat Abu Zeid, mas com o passar do tempo o medo está diminuindo, até mesmo invertendo.

Temos de continuar lutando por nossos direitos. Obrigado por ser parte disso.

Fiquei surpresa e tocada por suas palavras. Asim sempre foi muito reservado comigo, muito formal. Fiquei bem em saber que ele apreciou meus esforços.

Pela primeira vez, eu me vi através de seus olhos: uma mulher ocidental, chegando ao seu país para escrever sobre ele sem conhecimento prévio do Egito. Eu estava orgulhosa de que tinha sido capaz de exceder as suas expectativas, mas eu senti uma pontada de culpa que eu não tinha terminado minha jornada.

Desejei a ele e a sua família o melhor, como era o costume local, trocamos presentes. Para Asim, eu comprei uma caneta-tinteiro com a cabeça de uma águia gravada na ponta de prata. Para sua esposa e filhas fui pelo mais seguro e dei potes de geleia americano e várias caixas de doces. Eu também decidi não me preocupar com o custo e

comprei cinco pares de diferentes óculos de sol Ray Ban: Aviadores para Asim porque eles eram tão masculinos, e uma variedade de óculos modelo Wayfarers para sua esposa e filhas.

Como era socialmente aceitável, o presente de Asim para mim e de sua esposa, um case azul escuro lindo para laptop da grife egípcia Wali de, e uma pequena pulseira de prata no estilo Nubian.

— Venha visitar-nos de novo, senhorita Emjay. — insisti eu quando nos despedimos.

Eu prometi ficar em contato, porque já sabia que não seria fácil para obter permissão para viajar para aqui se eu estivesse casada com um Fuzileiro. Havia regras muito rígidas sobre onde você poderia visitar no exterior; a um dos amigos de Jack tinha sido negado permissão para viajar para o México, o que me surpreendeu. E eu percebi com uma pontada de tristeza, que haveria muitos lugares que eu não poderia visitar.

Eu já tinha discutido isso com meus novos empregadores e eles prometeram que poderiam colaborar, mas uma sensação de pânico disparou através de mim — eu estava desistindo muito de estar com Jack.

Então eu afastei o pensamento. Ele valia a pena, valia qualquer restrição que seu trabalho pudesse interferir no meu.

Minha última noite foi passada com Adam, um jantar ligeiramente tenso, mas educado. Não só ele estava se mudando para o meu trabalho, mas também assumiu o aluguel do meu apartamento, então estava hospedada em um hotel. Pelo menos o ar condicionado funcionava.

Gentilmente, tentei dar-lhe algumas dicas, mas ele parecia mais interessado em descobrir as casas noturnas locais. Eu não iria perder o sono sobre isso. Ele acharia seu próprio caminho — todos nós conseguíamos.

E então eu disse adeus ao Egito, um belo país incerto, agarrado ao norte de África e uma cultura que se estendia por milhares de anos.

Perguntei-me quando ou se eu voltaria.

Cheguei de volta a Nova York no início de janeiro para encontrá-la nevado com um clima pior ainda. As calçadas estavam cobertas de

gelo, a lama do dia estava escorregadia enquanto as temperaturas caíam com o pôr-do-sol e o tráfego rastejava mais lento do que uma caravana de camelos.

Tremendo, usando todas as roupas erradas, arrastei minhas malas para o primeiro táxi que se dignou a parar, voltando para casa em um apartamento gelado e vazio.

Os aquecedores não tinham sido ligados por meses, e uma amiga que estava cuidando o lugar e regando minhas plantas tinha deixado uma mensagem pedindo desculpas porque prometeu ligar o aquecedor, mas ficou presa no trabalho e não fez — ‘Eu não queria ficar andando pela cidade num tempo tão ruim’.

A geladeira também estava vazia e eu não conseguia sair para comprar leite, então bebi um pouco de café instantâneo preto e engolido em algumas bolachas, com uma sensação ruim por estar comendo um mês depois da data de vencimento.

Puxei uma colcha grossa sobre meus ombros e olhei ao redor do apartamento, olhando as fotografias em preto e branco que tirei ao longo dos anos; a fotografia de meus pais, e outra minha com meu pai; uma com Jackson na casa de sua mãe, sentado na varanda como um velho casado. Lembrei-me daquela foto porque ele estava tentando não deixar óbvio para sua mãe que tinha a mão na minha saia no momento.

Mesmo agora, eu podia ver o brilho malicioso em seus olhos azuis escuros.

Eu estava com dó de deixar esse lugar, mas minha casa estava em San Diego agora, com Jack.

Assim, eu me sentia pouco solitária, tremendo no meu apartamento que lentamente esquentava, meu telefone celular tocou e a foto de Jack acendeu a tela.

— *Ei, querida! Bem-vindo de volta aos EUA. Como você está?*

— Jack! Oh, é tão bom ouvir sua voz. Sim estou bem. Com frio, no entanto! Há uma montanha de neve nas calçadas e há outra tempestade chegando. Será uma nevasca forte.

— *Parece ruim, e muito frio também. Eu tremo só de enfrentar esses 2 graus que estão fazendo. Última vez que estive aqui estava 30*

graus e os mosquitos eram tão grandes quanto os esquilos.

Ele arrastava os ‘erres’ e eu amava seu sotaque sulista. Se eu fechasse os olhos, quase podia sentir o calor de seu corpo grande e sólido.

Eu sabia que ele estava em uma aula de treinamento em Camp Lejune na Carolina do Norte. Eu não sabia exatamente o que estava envolvido neste treinamento, embora ele parecesse feliz, mas cansado.

— Eu senti sua falta. — eu disse honestamente.

— *Eu senti falta de você também, querida. Mas não vai ser por muito mais tempo.*

Ele estava a apenas 804 quilômetros de distância e eu estava tão tentada a subir em outro avião e voar até Wilmington, mas o prazo para o nosso casamento estava se esgotando, seria 13 de março e eu tinha muita coisa para fazer aqui.

Eu não era supersticiosa sobre a data na verdade, eu o recebi bem. Nosso amor tinha começado nas circunstâncias mais insignificantes quando estava quase morta e Jack salvou minha vida.

Parecia simbólico para mim — não poderia haver nada pior, então por que se preocupar?

Eu sabia que não era um pensamento muito racional, mas o amor não é racional. Os gregos antigos acreditavam que os deuses inconstantes faziam com que os seres humanos se apaixonassem por sua própria diversão, curtindo o caos e a desordem que seguramente seguiriam. Bem, se esse fosse o caso, que venha.

Além disso, seria um casamento pequeno, a mãe de Jack, a única matriarca que nós tínhamos entre nós, e com meus amigos espalhados por todo o mundo, eu não esperava que muitos voassem para San Diego. O pensamento me deixou triste: papai ficaria tão orgulhoso, tão feliz por me ver andar no corredor para me casar com o homem que eu amava.

Eu aproveitei o calor da voz de Jack, muito mais perto agora que estávamos no mesmo país, no mesmo continente, mas ainda muito longe.

Adormeci no sofá, ouvindo a ascensão e a queda de suas palavras quentes e quando acordei horas depois, meu telefone estava preso à minha bochecha.

Capítulo Dezenove

Pare todos os relógios

Passei o próximo par de semanas encaixotando minhas roupas e livros, vendendo móveis e estantes, entrando em contato com fornecedores de serviços públicos e correndo para um café local cada vez que o corretor tinha alguém que queria ver o apartamento.

Eu também comecei meu trabalho com o Comitê Internacional de Resgate, então eu estava tentando compreender a caridade, os papéis e responsabilidade de meus novos colegas, mesmo que ainda estivesse em Nova York.

Em San Diego, Jack estava tentando encontrar uma casa adequada para nós, aproximadamente quinze quilômetros da base, para que ele pudesse estar lá rapidamente em uma emergência.

Como não tínhamos dependentes, não éramos elegíveis para habitação familiar na base, o que fiquei grata. Eu estava indo para o mundo de Jackson, mas eu queria ter um pouco de normalidade, algo não militar, também. Embora, como tantos Fuzileiros e ex-Fuzileiros viviam na área, tínhamos muitas chances de ter militares ou veteranos como vizinhos.

Eu tinha visto o quarto de Jack em Camp Pendleton. Porque ele era um sargento, tinha conseguido um quarto melhor, não aqueles com três ou quatro beliches, mas um com uma única cama. Sua cama era estreita, mas confortável. Eu sabia disso porque tínhamos testado sua durabilidade de forma um tanto atlética um dia quando eu estava visitando. Eu acho que ele quase foi colocado para fora do quartel. Eu não queria saber se ele já havia feito isso antes, então não perguntei.

Mas ele estava achando surpreendente o desafio de localizar um apartamento ou casa em algum lugar que atendesse nosso orçamento.

Afinal, ele nunca pagou aluguel antes e nunca teve que pagar uma conta de serviço público. Tão autoconfiante de muitas maneiras, nunca teve que aprender as habilidades que a maioria de nós faz quando saímos de casa aos dezoito anos. Ele estava pegando rapidamente, mas

eu tive que barrar várias casas bonitas com estaleiros enormes e

piscinas brilhantes que estavam fora de nossa faixa de preço.

E mesmo que ainda não tivéssemos uma casa, Jack já havia comprado uma enorme cadeira de couro reclinável para a ‘caverna’ de homem que ele pretendia ter na casa.

O tempo estava acabando e, a essa velocidade, estaríamos acampando na praia. Jack não estava preocupado: pelo menos teríamos uma cadeira confortável para se sentar.

Eu estava sentada no café, tentando acalmar minha cabeça e escrever o relatório anual do IRC e rezando para que a última visita do meu apartamento resultasse em uma oferta neste momento, quando Jack ligou para meu celular.

Fiquei um pouco surpresa, porque normalmente ele estaria de serviço a essa hora da manhã.

— Hey! Esta é uma boa surpresa. Como você está?

Houve uma longa pausa.

— *Não tão bem, Maggie.*

— O que está errado?

Ele soltou um longo suspiro.

— *É amanhã o funeral de Kevin Murphy.*

Fechei os olhos, imaginando o rosto perturbado de Jack. Onze dias atrás, Jack ouviu a notícia de que seu amigo tinha sido morto enquanto estava em serviço na guarda na embaixada dos EUA em Bagdá. Um homem-bomba cheio de explosivos tinha dirigido diretamente de encontro a barreira de segurança, matando a si mesmo e três fuzileiros navais.

Houve vários atrasos, e as autoridades acabaram de libertar seu corpo para a família após um longo inquérito.

Jack tinha sido o sargento de Kevin no Afeganistão e isso lhes deu um vínculo inquebrável, mesmo na morte.

— Sinto muito, Jack. Eu gostaria de poder abraçá-lo agora.

— *Deus, eu também.*

Eu ouvi os sons de uma música de marcha fúnebre ao fundo e as vozes dos homens, então eu sabia que ele deveria estar em algum lugar perto do campo de parada.

— *Esse é o motivo pelo qual eu estou ligando, Maggie. Você virá?*

Fiquei momentaneamente surpresa.

— Para o funeral?

— *Sim.*

— Mas... Não conhecia Kevin. Sua família iria me querer aí?

Sua resposta foi certa e imediata.

— *Sim, você é uma de nós agora.*

Meus pulmões sentiram que toda a respiração tinha sido espremida. Era quase como se Jack estivesse bem aqui, me abraçando ferozmente. Não tive que pensar na minha resposta.

— Então eu irei.

— *Obrigado, querida. Eu te amo.*

Ele desligou e usei meu telefone para reservar o primeiro voo.

Então rapidamente caminhei de volta para o apartamento, mesmo a tempo de encontrar o meu corretor de imóveis trancar a porta da frente e conversar com um homem de cabelo escuro de terno.

O homem tinha perto de quarenta anos e parecia cansado.

Jornalista que eu era me fez perguntar se ele havia se divorciado recentemente. Acabei de tirar aquela vibração dele.

— Oh, Ms. Buckman! Eu ia ligar para você. — disse meu corretor de imóveis. — Este é Derek Johnson e ele acaba de fazer uma oferta em seu apartamento.

— Isso é ótimo. — sorri brevemente. — Talvez possamos discutir os detalhes mais tarde — estou correndo para pegar um voo.

— Para San Diego? — ela perguntou com conhecimento de causa.

— Sim. — eu disse sem rodeios. — Para um funeral.

Seu sorriso profissional evaporou, mas foi o homem que falou.

— Sinto muito por sua perda, Ms. Buckman.

— Obrigada.

— Eu vou estar em contato com a Sra. Suarez sobre o apartamento.

Ele a levou pelo cotovelo e a guiou até a elevador. Ele parecia um bom cara e eu esperava que ele fosse feliz no apartamento.

Eu me apressei a arrumar uma mala pequena, jogando as coisas comuns, além do meu vestido preto favorito e um par de saltos.

Então liguei para um táxi e fui para o aeroporto Newark.

Oito horas depois, pisei no sol ardente da Califórnia, desesperadamente coberta de botas e um casaco acolchoado.

Jackson estava me esperando, bonito e casual em jeans e uma camiseta cinza desbotada que parecia tão suave que não consegui resistir a enterrar meu rosto nele.

Ele me segurou com força, murmurando uma e outra vez, *eu te amo*.

Agora que as palavras tinham sido ditas por nós dois, ele parecia sentir a necessidade de dizer todas as vezes que conversávamos e ouvi-las toda vez também.

Isso me deixou feliz.

Passei muito tempo com o espectro da morte, e mais tarde no meu trabalho, e agora estava em outro funeral, desta vez para um homem que nunca conheci.

Um céu azul escaldante foi o cenário impiedoso ao funeral de Kevin Murphy, zombando do suor dos Fuzileiros em seus uniformes azuis enquanto eles marcham solenemente ao som do *boom-boom boom-boom-boom* do bumbo.

Jack ia carregar o caixão, então fiquei aos cuidados de uma das esposas de seu irmão enquanto ele fazia seu último dever com o amigo.

Um carro fúnebre preto carregava o caixão, com a família Murphy caminhando atrás, as cabeças caindo como flores murchas. Havia também uma escolta de quatro homens seguindo os carregadores, dois

carregando as cores regimentais e dois com espadas.

O carro fúnebre parou fora da igreja católica da base, e em um estranho silêncio, como um filme que tinha sido deliberadamente

executado a meia velocidade, os carregadores lentamente marcharam em direção ao caixão.

Então, ao acompanhamento de um tambor, o caixão subiu os degraus.

A igreja estava cheia de homens e mulheres em uniformes e um número igual de civis, como eu, vestidos de preto. Os fuzileiros navais uniformizados com seus uniformes e luvas brancas pareciam quase coloridos.

Quando as homenagens tinham sido lidas e o serviço concluído, algumas pessoas soluçavam, algumas curiosas chegavam perto do túmulo.

Isso trouxe memórias de enterrar meus pais, e as lágrimas estavam perto da superfície por um homem que eu nunca conheci. Ele morreu cumprindo o dever dele por seu país e esperava que sua família pudesse se sentir aliviada por isso, por menor que fosse.

Eu me perguntei quantos funerais como este Jack participou.

Muitos. Muito mesmo.

Eu podia ver o suor se misturando com lágrimas nos rostos de dois dos portadores, mas o rosto de Jack era piedoso e sombrio, as emoções estavam trancadas.

Pelo menos eu poderia estar lá para ele quando ele precisasse de mim mais tarde.

Houve outro tamboril, então os portadores da Guarda de Honra levantaram brevemente o caixão para a altura dos ombros, como se deixasse seu companheiro caído ver o sol mais uma vez, antes de abaixá-lo para o seu último lugar de repouso.

O tremor lúgubre de uma gaita solitária estava no ar ardente, e então — Amazing Grace — o mais triste dos hinos, tocou pelo cemitério.

Através de muitos perigos, sacrifícios e armadilhas Já viemos.

Foi essa graça que nos trouxe seguros até agora E essa graça vai levar-nos

para casa.

Eu queria acreditar que o Fuzileiro Kevin Murphy estaria em casa, finalmente, mas era difícil quando sua morte tinha sido tão sem sentido. Ou talvez todas as mortes pareçam sem sentido como as deixadas para trás.

Quando Jack entregou a bandeira americana dobrada para a mãe de Kevin, ela agarrou-a ao peito, soluçando enquanto seu marido impassível envolveu seus braços ao redor dela. Eles desmoronaram e se agarraram, desesperados.

— O que nós lamentemos seja reunido um dia.

As palavras do Sacerdote tocaram, calmas e certas, e talvez —

só talvez — um pouco de sua fé penetrou em mim.

A saudação de três tiros me fez pular e apertar a mão da mulher ao meu lado. Mantivemos unidas as mãos firmemente, cada uma se perguntando se um dia estaríamos de luto por alguém mais perto de nós, desejando que palavras ou orações pudessem afastar o perigo.

O pai de Kevin estava de pernas trêmulas, depois se ajoelhou ao lado do caixão, apoiando a cabeça dele enquanto chorava lágrimas silenciosas por seu filho.

Não é certo que os pais enterrem seus filhos, não está certo.

A mulher ao meu lado apertou minha mão de novo.

— A liberdade tem um gosto que o protegido nunca saberá. —

disse ela, sussurrando as palavras bem conhecidas.

— E eu, um dos protegidos, agradeço profundamente e sinceramente.
— respondi.

A vigília começou com vibração silenciosa e nós passamos nossos respeitos à família Murphy, pronunciando palavras sem sentido, estranhas diante de tal tristeza. O pai e a irmã de Kevin apertaram a mão de todos, mas sua mãe sentou-se com sua filha mais nova, inconsolável, até que seu marido a fez tomar um comprimido para dormir e deitar-se.

Homens e mulheres uniformizados estavam em grupos relembrando as

convocações que haviam compartilhado, as boas lembranças e tudo de ruim que passaram. Então, o álcool começou a fluir e o nível de ruído cresceu gradualmente. Depois de um copo de vinho eu mudei para água, sabendo que seria que ia dirigir mais tarde.

Conheci mais alguns amigos de Jack e conversei com algumas das esposas sobre viver em San Diego, fazendo uma nota mental de suas recomendações para quais áreas eram as melhores para viver.

De alguma forma, pareceu errado discutir isso em uma vigília, mas é claro, a vida continua.

Só a vida de Kevin Murphy que não.

Jack estava bêbado quando o peguei para levar de volta ao nosso hotel. Ele sentou no final da cama brigando com os muitos botões que compunham seu uniforme, xingando com frustração quando eles derrotaram seus dedos descoordenados.

Eu tive que ajudá-lo sair de suas roupas, observando com tristeza enquanto ele permanecia fechado, rolando em seu lado e imediatamente adormecendo.

Eu me despi e tomei um banho rápido antes de subir silenciosamente na cama ao lado dele. Eu escutei seus roncos suaves por um longo tempo antes de adormecer.

Fui acordada pelas mãos de Jack deslizando sobre meu corpo enquanto a lua cheia banhava nosso quarto. Ele fez amor comigo com uma intensidade silenciosa e o desespero que me dizia que ele precisava de mim, mesmo que não pudesse dizer essas palavras.

Eu sabia que ele iria, um dia.

Capítulo Vinte

A única de branco

Sessenta dias depois...

Apenas quatro horas antes, uma loira deslumbrante com olhos azuis marinho como os de Jack tropeçou em meus braços soluçando de tanto chorar.

— Estou tão feliz por finalmente conhecê-la! — Ela chorou, quase me derrubando com seu entusiasmo. — Obrigada por fazer Jackson tão feliz!

Lucy era uma força da natureza que então mergulhou na minha camiseta enquanto chorava e abria o pacote de lenços de papel, soluçando e soprando o nariz e me dizendo o quão impressionante era que eu estivesse casando com ele, seu irmão mais velho.

Depois de segurá-la, acariciando seus ombros estreitos e suas costas por cinco minutos, ela deu uma pequena risada.

— Eu acho que estou um pouco bêbada. Jackson mandou uma passagem de primeira classe pra mim e Mamma e eles nos deram champanhe grátis.

— Não se preocupe com isso. — eu sorri. — Você é muito doce.

— Oh, não seja legal comigo! — ela lamentou. — Eu vou começar a chorar de novo, eu sou tão ridícula!

Eu ri e passei para ela mais um pacote de lenços, enquanto minhas outras três convidadas da despedida de solteira, Lee, Allison e Jules a observavam com diversão.

— Estou tão feliz que Jackson não está casando com Emmy. Ela é ok, mas é tão arrogante — ela nunca reclamava sobre ninguém, nem mesmo o assustador Coley Robson. Ele é o filho do Reverendo e costumava jogar migalhas sob o banco. Não íamos ter cerveja e churrasco na praia, se ela se casasse como vocês. Provavelmente teríamos um baile de debutantes.

Como os lenços acabaram, ela enxugou o rosto na manga.

— Oh Deus, eu sou uma bagunça.

— Você parece adorável. — eu disse quase honestamente, se você ignorasse seu nariz vermelho e olhos inchados. — Devo apresentar você as minhas amigas?

— Elas devem pensar que eu sou uma idiota. — murmurou Lucy.

— Você está bem. — eu assegurei. — Estamos todas um pouco emocionadas.

— Pelo menos Mama não está aqui. Ela ficaria tão envergonhada por mim.

A mãe de Jack optou por passar a noite no hotel. Ela disse que estava cansada após o voo, mas eu suspeitei que ela não queria participar do nosso estilo de festa de despedida de solteira. Eu não me importei. — Eu gosto muito de Evelyn.

— Lucy, você já conhece Jules. Venha dizer oi para Allison e Lee.

Allison era minha auxiliar quando eu trabalhava em Nova York —

conhece todos e tudo sobre todos. E esta é Lee, que também é escritora e está casado com um antigo Fuzileiro, então ela vai me ajudar com todos os detalhes.

Meu outro amigo jornalista Marc deveria estar conosco, mas uma vez que conheceu Jackson e todos os amigos dele, ele decidiu — estar com os caras — por uma mudança. Eu me perguntava como ele ia ficar já que eu suspeitava que haveria clubes de strip envolvidos em algum momento durante a despedida de solteiro de Jack. Bem, Marc tinha praticamente um pelotão de fuzileiros navais para cuidar dele, e ele era mais forte do que parecia.

Como Lee e Jules optaram por deixar seus filhos em casa, meu plano para a noite era um jantar casual e bebidas no Ruby no cais de Oceanside e cocktails no terraço.

Infelizmente, isso foi considerado muito manso por Lucy. Ela insistiu que o jantar era apenas o começo de uma noite que deveria incluir um show e um cassino no centro de San Diego. Allison apoiou-a e Lee sorriu e disse que iria com a maioria. Eu estava desesperadamente com vontade de dizer a Jules que preferia uma noite tranquila, mas ela piscou para mim, então me lembrou que não haveria nada tranquilo na noite de Jack.

— Gray prometeu que ele levaria Jackson de uma só vez, embora não necessariamente consciente.

Eu estremeci e balancei minha cabeça.

— Não tenho certeza de que quero saber.

Lee riu.

— É a melhor maneira. Você sabe como são esses caras quando se reúnem, todos eles voltam a ser garotos, tentando decidir quem tem a maior... arma.

Lucy jogou o cabelo comprido sobre o ombro e disse que ia chamar um Uber para nos levar até a cidade depois do jantar. Então tirou um pequeno pedaço de tecido da mala, insistindo que era um vestido inteiro e era o que eu ia usar. Como ela tinha trazido o vestido especialmente para mim, eu não tinha escolha senão sorrir e usar.

Também veio com a promessa de que me daria uma transformação antes de sairmos.

— É tão bom ter finalmente uma irmã!

Eu não poderia vetar suas ideias depois disso, então eu decidi que Lee estava certa e eu deveria ir com o fluxo.

Duas horas depois, eu tinha sido polida, lustrada, passada e engomada, meu cabelo parecia brilhante e cheio. Lucy também tinha feito um bom trabalho com minha maquiagem, embora provavelmente estivesse usando minha cota habitual por um mês em uma única noite.

O vestido, porém...

Oh, meu Deus era tão curto, não tinha mais que um palmo a saia, mal passando do meio da coxa. O vestido de Lucy era ainda mais curto. Nenhuma de nós seria capaz de se curvar ou abaixar durante toda a noite.

Allison parecia incrível em um vestido prata, e Jules tinha um vestido azul pálido. Lee, a mais velha do resto de nós, estava impressionante em um vestido vermelho escuro que se agarrava às curvas.

— Sebastian escolheu. — disse ela, um leve rubor colorindo suas bochechas.

— Ele tem um ótimo gosto. — eu disse, abraçando ela.

Jack e Sebastian só se conheceram esta tarde, mas imediatamente se identificaram. Dois caras loiros, altos que pareciam modelos — eles

quebrariam corações esta noite, eu tinha certeza. Marc certamente pensou assim. Ele também era um amigo de Lee e conhecera Sebastian antes — ele disse que estava ansioso para recuperar o atraso.

O jantar foi divertido e foi adorável ver todas as minhas amigas conversando e rindo. Lucy continuava pedindo cocktails para mim, decidida a me soltar, como ela disse. Depois de um Cosmopolitan, Key West Cooler, Hendricks Fizz e dois Mojitos, fiquei tão solta que andar de salto exigia extrema concentração.

— Eu vou quebrar o tornozelo. — eu murmurei para Lee.

— Vamos cuidar de você. — sorriu Allison, colocando o braço em volta da minha cintura enquanto Lee trancava o braço com o meu.

O carro, quando chegou, era uma enorme limusine com um bar totalmente abastecido.

Lucy sorriu maliciosamente enquanto ela se arrastou para o banco de trás.

— Jack sempre diz 'Faça ser incrível ou vá para casa', bom, de qualquer forma, ele está pagando!

O show no cassino era outra coisa. Um grupo de strippers atravessou o palco, enquanto eu apertava meus braços na minha cadeira me recusando a ser voluntária para participar do show, apesar de Lucy me provocar.

Quando um dos homens vestidos com calças de couro com o traseiro cortado começou a rebolar como se estivesse em uma Harley Davison, tomei um longo gole da bebida Sea Breeze. Lee se inclinou para mim e sussurrou: — Sebastian costumava parecer assim com sua motocicleta.

Cuspi a vodka com suco de cranberry, fazendo-a pular.

— Eu não posso acreditar que você disse isso!

Ela piscou para mim e tomou calmamente o copo de champanhe.

Então um dos strippers caminhou até o microfone.

— Eu ouvi que temos uma festa de despedida de solteira aqui esta noite!

Eu me encostei no meu lugar enquanto Lucy pulava para cima e para baixo apontando para mim.

O stripper era a cor de um saquinho de chá, graças ao seu bronzado falso, e tão musculoso que não conseguia imaginar onde ele achava calças para encaixar suas enormes coxas.

Ele saltou do palco e se dirigiu para mim.

— Olá bonita. Quer fazer um passeio comigo?

— Não! Não! — Eu gritei ao mesmo tempo que Lucy gritou: —

Sim! Sim!

Ele sorriu, puxando-me facilmente e jogando-me sobre o ombro como se eu fosse um pedaço de carne.

— Me solta! — Eu gritei, tentando me libertar e esperando que não estivesse mostrando a minha calcinha para a plateia, mas suas costas estavam tão cheias de óleo, que eu não consegui encontrar nada para segurar e apoiar a mão.

Ele me deixou numa cadeira no palco e depois dançou, rebolando e se insinuando. Eu não sabia para onde procurar, então olhei para as minhas amigas que estavam rindo.

Ele se inclinou, dando ao público uma visão de sua bunda, tão brilhante e dura.

— Suas amigas só querem que você se divirta. — ele sussurrou.

— Venha e agite essa cintura, mostre do que você é capaz.

— Oh, tudo bem! — resmunguei.

Eu me levantei, grata quando ele me ajudou a me equilibrar, então me surpreendi comigo mesma e todos os outros quando mostrei alguns movimentos que eu aprendi em uma aula de dança do ventre no Cairo com uma tradicional dançarina, ondulando minha barriga.

— Merda! É sempre a mais quieta que surpreende. — ele gritou.

Quando ele tentou me copiar, o público uivou com gargalhadas para nós dois.

Ah, bem, o que é uma pequena humilhação pública entre amigos?

Eu tropecei na cama por volta das três da manhã, desejando que Jack não tivesse reservado quartos separados na noite anterior ao nosso

casamento, por respeito a sua mãe.

Eu fiquei dormindo, sorrindo porque o homem com quem me casaria era tão doce.

Acordei de manhã quando alguém bateu na minha porta. A claridade estava escorrendo pelas pesadas cortinas e minha cabeça batia, lembrando-me exatamente o quanto eu tinha bebido na noite anterior... hum... algumas horas antes.

— Quem é? — eu gritei, minha voz rachada e seca como um deserto.

— Sou eu! — Veio a voz de Jack, arrastada e feliz.

Abri a porta para encontrar Sebastian e Gray segurando Jack inclinado.

— Ele não voltaria ao seu próprio quarto até que ele a tivesse visto. — Sebastian se desculpou, sem olhar direito para mim, com sua expressão sem graça.

— Ei, querida. — sorriu Jack, um sorriso pateta no rosto. — Você tem grandes peitos. Eu realmente amo seus peitos.

Como se meus mamilos tivessem ímãs ligados a eles, os olhos de Sebastian e Gray se aproximaram dos meus mamilos, e percebi que a camisola sexy que estava vestindo não deixava nada para a imaginação.

Sebastian estremeceu e desviou o olhar; A boca de Gray caiu.

— Tudo bem, você a viu. — Sebastian murmurou para Jack. —

Agora vamos levá-lo de volta ao seu próprio berço. Desculpe incomodar você, Maggie.

— M'gee, M'gee. Eu quero a 'M'gee. — Jack dizia agarrando o batente e recusando-se a sair.

— Está tudo bem, deixe-o ficar. — eu ri, apesar da minha dor de cabeça.

Parecendo aliviado, Sebastian arrastou Jack para a cama deixando-o cair sobre ela. Eu queria gritar. — Madeiraaaa!

— Amo você, M'gee. — ele murmurou. — Muito. Demais. Eu te amo.

— Eu também te amo, você é grande demais. — eu sussurrei, beijando-o em seus lábios separados e inalando vapores de uísque suficientes para me fazer enrugar meu nariz.

Em segundos, Jack estava roncando suavemente.

— Você vai ficar bem? — perguntou Sebastian, tentando não olhar para mim ou para os meus peitos com excesso de entusiasmo.

Naquele momento, ouvimos um barulho no banheiro.

Eu corri para encontrar Gray caído na banheira com seu pau pendurado para fora e o banheiro sujo. Ele também estava inconsciente.

— Ah merda. — Sebastian suspirou, puxando discretamente as calças de Gray para que ele estivesse pelo menos coberto. — Acorde, filho da puta!

Ele sacodiu Gray, mas não houve resposta.

— Qual quarto você está, idiota?

Nada ainda.

— Deixe-o. — eu disse, bocejando. — Eu vou apenas jogar um cobertor sobre ele.

Sebastian balançou a cabeça, de repente parecendo sóbrio.

— Ele não deveria dormir com suas próteses em ou ele morrerá de dor amanhã.

— Oh. — eu disse suavemente. — Eu acho... Acho que devemos retirá-las então.

Nós nos encaramos. De alguma forma, remover suas pernas de alumínio parecia muito mais íntimo do que cobrir o pau de Gray, como Sebastian havia feito há pouco.

— Então, nós apenas... puxamos? — Eu perguntei duvidosamente, olhando para as próteses de Gray caídas pelo lado de fora da banheira.

— Deixe-me verificar. — disse Sebastian, rolando a perna da calça. — Depende se ele tem uma trava ou um vácuo ou... oh sim, vácuo. Eu deveria ser capaz de soltar isso. Puxe delicadamente aqui enquanto eu...

Sem a coordenação da total sobriedade, puxei com força e caí de bunda no chão do banheiro, agarrando uma das pernas de Gray. Fiquei horrorizada, mas quando Sebastian começou a rir, não pude deixar de me juntar a ele.

— Merda! Essa é a coisa mais engraçada que eu já vi! — Ele sorriu enquanto suavemente puxava a fina batinha de tecido cobrindo o tóco de Gray. — Você pode fazer isso de novo?

— Eu direi a Lee que você disse isso. — eu fingi grunhir.

— Não importa. — ele disse com convicção. — Ela me ama.

Eu sorri com a certeza em sua voz. Além disso, ele estava certo — sua esposa o adorava.

Ele voltou para a outra perna de Gray, retirando cuidadosamente a prótese.

— Lembre-se, — ele disse calmamente. — Jack também é louco por você. Não parava de falar o quão incrível você é. Nem mesmo deixou Charlene ou Ginger...

Parou, seu rosto bonito ficou cor-de-rosa.

— Uh...

— Eu vou fingir que não ouvi isso. — eu sorri.

— Graças a Deus. — disse ele, balançando a cabeça. — Eu devo estar mais bêbado do que pensava. Vou encontrar a minha mulher. Eu não fiz sexo por quase um dia inteiro.

— Obrigada por trazer Jack em casa com segurança... na maioria das vezes.

— Sem problemas. Veja você no casamento.

Ele acenou por cima do ombro, caindo no batente da porta quando saiu do quarto.

Encontrei um travesseiro e um cobertor para Gray, deixando-o o mais confortável possível e apoiando as pernas ao lado da banheira para poder alcançá-las pela manhã.

Enquanto eu estava no banheiro, engoli alguns Ibuprofenos com um

copo de água. Uma ressaca seria evitada, com alguma sorte.

Então eu desamarrei os tênis de Jack e consegui tirá-los de seus pés. Peguei suas meias, mas não consegui puxar seu jeans — ele era muito pesado. Suspirando, o cobri com a colcha.

— Eu amo você, Jackson Connor. — eu disse. — Estou tão feliz por ter encontrado você.

Então eu me arrastei sob a colcha também, curtindo o calor que saía de seu corpo.

Eu dormi até de manhã quando fui acordada pelos gemidos de Gray vindo do banheiro. Tentei voltar a dormir, mas o som de vômito me convenceu de que deveria verificar se ele não estava morrendo.

Ele saiu da banheira e estava com a cara no vaso sanitário gemendo e xingando.

Eu, por outro lado, me senti revigorada e só tive uma leve dor de cabeça que seria resolvida bebendo alguns copos de água.

— Bom dia Grey! — Eu disse alegremente. — Se divertiram ontem à noite? Eu vou pedir salsicha, bacon, ovos, frutas, torradas e café.

Você quer algum?

— Você é malvada. — ele gemeu, olhando para mim com olhos vermelhos.

— Agora aguenta, florzinha. — eu ri.

De volta ao quarto, outro caído estava sentado na cama, agarrando a cabeça.

— Me tire agora. — ele grunhiu. — Me tire da minha miséria. Eu estou morrendo, Maggie.

Sua miséria era tão óbvia, sua expressão tão lamentável, que eu ri de alto.

— Vamos Sarge, primeira luta!

Ele murmurou algo em voz baixa e caiu com o braço sobre o rosto.

Eu me arrastei para a cama, beijei seu queixo e, então, baixei meus

lábios na orelha... e gritei.

— Hora de se levantar, Fuzileiro! Você tem um casamento para ir!

Ele se encolheu, segurando a cabeça, os olhos arregalados.

— Você é malvada! É assim que será a vida conjugal?

— Somente quando você estiver bêbado. — eu sorri para ele. —

Agora, você pode expulsar Gray para que eu possa tomar banho?

— Gray está aqui?

— Sim. Ele ajudou Sebastian a trazê-lo de volta aqui na noite passada, mas Gray não conseguiu sair do banheiro. Ele está pior do que você.

— Não conte com isso. — Jack murmurou.

Ele cambaleou para a porta do banheiro e encontrou Gray tentando colocar a perna errada no lado errado.

— Seu idiota. — ele repreendeu. — Devo chamar Jules para vir buscá-lo?

— Não! — Gemeu Gray. — Ela me bate!

— Ela vai bater hoje com certeza, você vai ver.

Ele puxou Gray para uma posição sentada e ajudou-o a colocar as pernas certas. Então chamou Jules, que acabou por estar apenas cinco portas no corredor. Se eu tivesse pensado nisso na noite passada, talvez eu me lembrasse.

Dois minutos depois, Jules bateu na porta, parecendo fresca e angelical com um vestido de verão rosa pálido.

Ela olhou para Gray, que poderia ter esperanças de simpatia, depois lhe deu um grito que fez eu e Jack recuar para a varanda para dar-lhes alguma privacidade.

— É isso que você vai ser quando nos casarmos? — perguntou ele, preocupado.

— Sim, está no manual. Nas letras de rodapé.

Não há nada como a ressaca de outra pessoa para fazer você se sentir

cortante, pensei, sorrindo para o meu pobre soldado ferido.

Então os gritos desapareceram e os sons de murmúrios carinhosos seguiram quando a porta bateu atrás deles.

— Posso tomar uma aspirina agora? — Implorou Jack, sentindo pena de si mesmo.

— Claro. — eu disse alegremente. — No seu banheiro. Você não deveria me ver antes do nosso casamento, então, pegue essa sua bela bunda e coloque em movimento, Fuzileiro!

Murmurando para si mesmo, mas sem conseguiu tirar o sorriso rastejando sobre seus lábios, ele cambaleou até a porta.

— Encontro você no altar, Sarge! — Eu chamei por ele. — Eu serei a de branco!

Tive um café da manhã tranquilo, sentada na varanda, olhando para o oceano. Apesar do que eu disse aos caras, eu só poderia tolerar um par de pedaços de torrada seca e muito chá fraco.

Eu estava tão nervosa, meu estômago doía e mexeu como se estivesse em um passeio de diversão, e minhas mãos estavam frias e úmidas.

Eu queria me casar com Jack, mas eu não tinha certeza de que queria me casar com um fuzileiro naval. Eu também sabia que não poderia ter um sem o outro.

Eu queria minha mãe. Eu queria muito falar com ela, ter seu amor e sabedoria silenciosa. E mesmo que meu querido amigo Marc estivesse me levando para o altar, desejei que fosse meu pai.

As lágrimas estavam sempre perto da superfície quando pensei em meus pais, mas minha tristeza foi interrompida por uma batida na porta.

Abri para encontrar Evelyn de pé, parecendo bela e serena com um vestido de seda azul.

— Olá, Maggie querida. — ela disse calorosamente. — Pronta para casar com meu filho?

Assenti com a cabeça e enxuguei os olhos.

— Oh querida! O que você está com dúvida? Você ... você não está

pensando duas vezes, não é?

— Não. — funguei, tentando encontrar um lenço. — Eu só queria minha mãe e meu pai...

Ela envolveu seus braços em volta de mim, abraçando-me com força.

— Você quer seus pais aqui, é claro que sim. Oh, querida, sei o quanto é difícil. Eu daria qualquer coisa para o pai de Jack estar aqui.

Ele teria amado você.

Então ela pegou um lenço em sua bolsa.

— Manteiga derretida! Eu prometi a mim mesma que eu não iria chorar no início da manhã. — ela murmurou.

Repreendendo, rindo e chorando, nós abrimos os olhos e nos sentamos na varanda, Evelyn na sombra enquanto eu absorvia um sol de inverno.

Ela se inclinou para a frente para pegar minha mão.

— Deixe-me apenas dizer isso e eu prometo que não vou mencionar isso novamente...

— Ok...?

— Quando eu conheci você, não tinha certeza disso. Eu gostei de você, mas não pensei que era certa para o Jack.

Eu respirei de repente e tentei puxar minha mão.

— Não, ouça-me. Eu sabia que ele estava apaixonado por você, qualquer idiota podia ver isso, e eu sabia que você se importava com ele. Mas você virou sua vida de cabeça para baixo para estar com meu filho, e isso me diz tudo o que preciso saber. Eu admito que estava muito errada. Faz muito tempo que o vejo sorrir com tanta frequência ou ser tão feliz, e isso depende de você. Odeio o termo sogra; Eu sempre acho que parece alguém que você gostaria de prender. Mas... Eu ficarei orgulhosa de ser sua sogra. E, embora eu nunca possa substituir a sua querida mãe... se você quiser... Eu ficaria honrada se você me considerasse ser sua mãe também.

Ela apertou minha mão com força enquanto lágrimas queimavam atrás dos meus olhos.

— Oh minha querida. — disse ela. — Nós duas precisamos de rímel impermeável!

Outra batida na porta provou ser a equipe de cabelo e maquiagem que Lucy insistiu que era necessário.

Percebi que estava correndo o perigo de atrasar, me joguei no banho, raspei minhas pernas cuidadosamente e hidratei cada centímetro. Então eu me envolvi com um enorme robe e deixei Carrie e Shelby trabalhar.

Shelby colocou algo frio para tirar minhas olheiras, passou base e pó, e então fez uma maquiagem sutil e esfumada nos olhos e lábios brilhantes. Carrie enrolou meus cabelos, tecendo com fitas brancas e uma pena prateada que eu adorava.

Allison, Lucy, Lee e Jules chegaram lindas, Lucy vestindo um vestido de dama de honra damasco pálido que se adaptava a sua pele cor de creme.

Enquanto eu alisava entre as dobras do meu vestido de cetim, as outras abriram uma garrafa de champanhe, prometendo que uma taça me acalmaria.

— Como estava Gray quando você o deixou? — Eu liguei do quarto.

— Em pé, reto e aparentemente sóbrio. — sorriu Jules. — Ele sabe que dormirá na casa do cachorro se eu ouvir um gemido dele hoje.

Amor difícil!

— Sebastian também sofreu esta manhã. — sorri Lee. — Ele jurou que tudo o que fizeram foi tomar algumas bebidas com os caras do pelotão de Jack. Ele teve problemas para explicar por que uma tanga de couro vermelho tinha sido deixada no bolso do jeans e um número de telefone de alguém chamado 'Ginger'. Deixei ele suando.

Todas nós rimos.

— Ah para! Eu serei uma mulher feliz, se Jack nunca descobrir mais sobre eu dançar no palco com Carlton the Cowboy.

— Ele tinha um corpo excelente. — suspirou Lucy.

— Jack é melhor!

— Ugh! Não fale sobre o *meu irmão* desse jeito!

Então saí do quarto e Evelyn começou a chorar de novo.

— Oh, Maggie! Você está tão linda! Ainda mais bonita, querida!

— Você tem certeza que está tudo bem, chefe? — Sorriu Allison enquanto sua voz se quebrou.

Olhei-me no espelho de corpo inteiro, chocada ao ver uma noiva olhando para mim.

Nunca mais seria a mesma.

Epílogo

Meu vestido de cetim branco era comprido, sem mangas, e com um decote profundo. Pequenas pérolas foram costuradas no corpete com a forma de rosa em miniatura, combinando o penteado no meu cabelo. Tenho um buquê de rosas brancas e champanhe, sorrindo com a felicidade que vejo no meu reflexo.

— Jackson vai cair duro! — Sussurrou Lucy, enxugando os olhos.

— Oh meu Deus, vocês vão fazer bebês tão bonitos!

— Silêncio. — diz Evelyn, me observando pelo canto do olho enquanto eu coro. — Ninguém disse nada sobre bebês.

Eu sorri para elas, mas não disse nada. Essa é uma ponte para Jack e eu cruzarmos no futuro. Mas não num futuro muito distante.

Todo mundo começou a gritar quando ouvimos outro golpe na porta. As outras se apressaram para encontrar bolsas e consertar o batom enquanto tomava um gole final de champanhe.

Marc está de pé na porta, bonito em um terno preto sob medida, com um cravo na lapela.

Ele pega minha mão e beija as juntas suavemente

— Você está impressionante, *ma chère*. Eu ficarei mais orgulhoso de escoltá-la para onde seu noivo a espera.

Então ele abaixa a voz.

— Era o céu e o inferno estar cercado por tantos homens bonitos na noite passada. — confie em mim. — Eu não posso esperar para fazer isso novamente esta noite.

Eu ri e ele me beija na bochecha.

— E eu tenho um presente do seu divino Jackson.

Ele abre uma pequena caixa de joias, e contra o veludo azul está um pequeno broche, uma águia em miniatura e um globo, símbolo do corpo de fuzileiros navais, um pequeno ponto de diamante no meio.

— Oh! Oh, é lindo!

Reverentemente, Marc o fixa em meu vestido. Meu marido é um Fuzileiro, e eu realmente me casei com a Corporação.

Então, damos os braços e saímos rumo a igreja.

Duas limusines nos levam para a Capela do Memorial da Marinha em Oceanside, onde Jack está esperando por mim.

Enquanto eu saio cuidadosamente do carro, minha dama de honra e donzelas de honra se aglomeram ao meu redor, alisando as rugas no meu vestido. Desejando-me sorte, Allison, Evelyn e Lee entram na igreja, enquanto Lucy está sem fôlego atrás de mim.

— Você está bem, *chérie*? — Sussurra Marc, nervoso com o meu silêncio e palidez. — O carro ainda está aqui...

Eu me viro para ele e sorrio, apertando sua mão.

— Não, estou pronta.

Pego seu braço, desejando ver Jackson. As poucas horas em que estivemos separados foram muito longas.

A música começa, majestosa, formal, mas alegre também, e lentamente, subimos pelo corredor. Eu sei que nossos amigos estão nos observando, mas tenho olhos apenas para Jack.

Ele fica no altar, alto e orgulhoso, com os olhos que combinam com o azul escuro de seu uniforme, seu sorriso tão brilhante como o sol derramando através dos vitrais.

Não há dúvida, nenhum medo, nenhuma sombra de incerteza, apenas o conhecimento completo que está diante de mim o homem com quem

vou passar o resto da minha vida.

Está tudo lá, brilhando em um futuro bonito: uma família, uma casa cheia de crianças, trabalhando por algo em que acredito, Jack e eu envelhecendo juntos, vivendo nossas vidas ombro a ombro enquanto caminhamos para a eternidade juntos.

Nossa história começou no pó amarelo agitado de uma aldeia afegã e de alguma forma, contra todas as probabilidades, com cicatrizes compartilhadas das batalhas da vida, nos trouxe até aqui. Este momento é perfeito e maravilhoso.

Mas não é um fim, é um começo. Hoje, no dia do nosso casamento, nossa história está realmente começando.

Meus lábios tremem quando Marc dá minha mão a Jack. Eu vejo lágrimas de alegria brilhando em seus longos cílios e eu sei que nosso amor durará toda a vida.

Jack, meu Jack. Meu amante, meu amigo, meu confidente, o amor da minha vida, e logo, muito em breve, meu marido.

Fim